



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Alexandra Isabel Marques Simões

MEGALITISMO DAS TERRAS DE SICÓ

ARQUITETURAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pela Professora Doutora Raquel Vilaça e pela Professora Doutora Lídia Catarino, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Janeiro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

MEGALITISMO DAS TERRAS DE SICÓ ARQUITETURAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Megalitismo das Terras de Sicó
Subtítulo	Arquiteturas e Materiais de Construção
Autor/a	Alexandra Isabel Marques Simões
Orientador/a(s)	Raquel Maria da Rosa Vilaça Lídia Maria Gil Catarino
Júri	Presidente: Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva Vogais: 1. Doutor Domingos de Jesus da Cruz 2. Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Pré-histórica
Data da defesa	15-02-2023
Classificação	17 valores

1 2 9 0



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

“Como se mede algo que é infinito? Não é possível. Todas as medições são conceituais e a infinidade está para além dos nossos conceitos. Podemos, então, dizer que o tempo é a maneira como a nossa consciência mede o espaço entre uma experiência e a outra. Ao medir-se a si própria, a consciência cria a experiência do tempo, e também, a experiência do espaço. O contínuo espaço-tempo cria a experiência de causa e efeito e esta cria a experiência do mundo material.”

Deepak Chopra (2006: 43)
Power, Freedom and Grace

AGRADECIMENTOS

Quero começar por fazer um agradecimento aos meus pais, nomeadamente, à minha mãe, que sei que partilha tanto deste gosto como eu, e que sempre me ajudou e motivou ao longo do meu percurso académico para nunca desistir, esteve comigo para me dar força para ultrapassar os objetivos, cooperou comigo, e teve a paciência necessária para me emprestar um par de ouvidos quando precisava recitar tudo aquilo que tinha escrito.

Quero agradecer, também, à minha tia Milay pela atenção e cuidado que sempre teve comigo, estando sempre lá para me subir a moral e dar-me as boleias necessárias para Coimbra quando precisava consultar alguma coisa na biblioteca.

Deixar, também, aqui, um agradecimento a todos os meus amigos e colegas, com os quais partilhei estes últimos anos de vida, e que fizeram parte do meu percurso académico e pessoal.

Um agradecimento especial às minhas orientadoras, a professora Doutora Raquel Vilaça e a professora Doutora Lídia Catarino, sem as quais não seria possível terminar este trabalho. Grata pela ajuda e colaboração prestadas neste trabalho, bem como pelos ensinamentos prestados, que me permitiram desenvolver novos conhecimentos.

Não posso deixar de agradecer, igualmente, à professora Doutora Alexandra Figueiredo e à Dr.^a Helena Moura, pela disponibilidade que demonstraram quando lhes falei sobre esta dissertação, colocando-se ao dispor para me ajudar e esclarecer qualquer questão acerca do mesmo.

Ao Grupo de Protecção Sicó (GPS) pela simpatia e disponibilidade, quando contactados, em realizar comigo uma visita a campo a dois dos sítios arqueológicos aqui em estudo.

Por fim, quero agradecer a todos os meus professores, que durante o meu percurso na Arqueologia só me fizeram acreditar que estava no caminho certo, e me transmitiram os conhecimentos necessários para poder executar um trabalho como este.

A todos os citados, o meu mais sincero obrigado.

RESUMO

A presente dissertação constitui uma análise do fenómeno megalítico no contexto da designada região de Terras de Sicó, localizada na área centro litoral do território português.

Pretende-se, através dos dados disponíveis, definir um conjunto preciso de monumentos funerários megalíticos, representativo, enquanto conjunto, de um mesmo grupo megalítico, estabelecendo-se áreas preferenciais de implantação e práticas funerárias adotadas. Apresenta-se, como ponto principal deste trabalho, a realização de uma abordagem às técnicas construtivas empregues neste conjunto de monumentos, ao mesmo tempo que se define o tipo de material utilizado nas diversas construções. Procura-se estabelecer, em função dos materiais empregues nas estruturas, possíveis áreas de proveniência geológica do material utilizado, fazendo-se referência à proximidade de afloramentos rochosos nas áreas circundantes da localização dos monumentos, enquanto locais com recursos para obtenção da matéria-prima necessária.

Reconhece-se, neste estudo, um conjunto de dez monumentos megalíticos, dispersos, segundo critérios administrativos, pelos concelhos representativos deste território (Alvaiázere, Ansião, Penela, Pombal e Soure). Os monumentos megalíticos deste conjunto evidenciam cronologias construtivas contemporâneas, do Neocalcolítico, formando um grupo composto por vários núcleos, geralmente de dois a três monumentos, com arquiteturas funerárias que se caracterizam pelas suas médias dimensões (entre os seis e sete metros de comprimento) e plantas evolucionadas (câmara e corredor de médios), que utilizam, nas suas construções, matéria-prima local, o calcário, extraído a cerca de um a dois quilómetros de distância das áreas de implantação das sepulturas.

Palavras-chave: Megalitismo funerário, Centro litoral, Terras de Sicó, Materiais de construção, Arquiteturas.

ABSTRACT

This dissertation is an analysis of the megalithic phenomenon in the context of the so-called Terras de Sicó region, located in the central coastal area of Portugal.

It is intended, through the available data, to define a precise set of megalithic funerary monuments, representative, as a whole, of the same megalithic group, establishing preferential areas of deployment and funerary practices adopted. The main point of this work is to approach the construction techniques used in this group of monuments, while defining the type of material used in the various constructions. An attempt is made to establish, depending on the materials used in the structures, possible areas of geological provenance of the material used, making reference to the proximity of rocky outcrops in the areas surrounding the monuments, as places with resources to obtain the necessary raw material.

This study recognizes a set of ten megalithic monuments, scattered, according to administrative criteria, by the representative municipalities of this territory (Alvaiázere, Ansião, Penela, Pombal e Soure), of contemporary construction chronologies, from the Neocalcolithic, forming a group composed of several nuclei, usually two to three monuments, with funerary architectures that are characterized by their medium dimensions (between six and seven meters long) and evolved plans (chamber and midway corridor), which use, in their constructions, local raw material, the limestone, extracted about one to two kilometers away from the areas of deployment of the graves.

Keywords: Megalithic tombs, central coast, Terras de Sicó, Construction materials, Architectures.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
<i>Abstract</i>	iii
1. Introdução.....	1
2. Objetivos, metodologias e problematização.....	3
2.1 Objetivos.....	3
2.2 Metodologias e questões a analisar.....	3
2.2.1 Toponímia associada a monumentos megalíticos.....	6
3. Caraterização da área de estudo: Terras de Sicó.....	13
3.1 Definição da área de estudo.....	13
3.2 Caraterização geomorfológica.....	15
3.3 Geologia.....	16
3.4 Clima e coberto vegetal.....	21
3.5 Hidrografia.....	22
4. Estado da Arte.....	25
5. Megalitismo de Sicó: universo de análise.....	29
5.1 Megalitismo de Alvaiázere.....	29
5.1.1 Monumentos do Rego da Murta.....	31
5.1.1.1 Anta I do Rego da Murta.....	32
5.1.1.1.1 Material de construção.....	34
5.1.1.2 Anta II do Rego da Murta.....	36
5.1.1.3 Espólios arqueológicos.....	38
5.1.1.4 Conjuntos osteológicos.....	40
5.2 Megalitismo de Ansião.....	42
5.2.1 Monumento de Ansião/Fonte Santa.....	43
5.2.2 Monumento da Quinta das Lagoas.....	44
5.2.3 O sítio arqueológico do Alto da Pisca.....	46
5.3 Megalitismo de Penela.....	47
5.4 Megalitismo de Pombal.....	48
5.4.1 Monumento do Alto da Feteira.....	49
5.4.1.1 Espólio arqueológico e osteológico.....	52

5.4.2	Monumento do Alto da Carrasqueira.....	53
5.4.2.1	Material de construção.....	56
5.5	Megalitismo de Soure.....	58
5.5.1	Anta da Casa da Moura.....	59
5.5.1.1	Espólio arqueológico.....	61
5.5.1.2	Conjunto osteológico.....	63
6.	Discussão.....	65
6.1	Tipologia de espaços funerários.....	65
6.2	O grupo megalítico de Terras de Sicó.....	67
6.2.1	Análise dos dados.....	68
6.3	A presença de grutas naturais no cenário megalítico.....	73
6.4	O Megalitismo de Sicó na região Centro litoral.....	77
6.5	Notas finais.....	81
	Bibliografia.....	84
	Anexos.....	94

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – CARTOGRAFIA.....	95
ANEXO 2 – PLANTAS DOS MONUMENTOS.....	109
ANEXO 3 – DESENHOS ARQUEOLÓGICOS DOS ESPÓLIOS.....	116
ANEXO 4 – ESTAMPAS.....	120
ANEXO 5 – TABELAS.....	143
ANEXO 6 – FICHAS DE CAMPO.....	146

SIGLAS

CAOP – Carta Administrativa Oficial de Portugal

CIGeoE – Centro de Informação Geoespacial do Exército

IA – Instituto do Ambiente

LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia

MDT- Morfologias e Dinâmicas do Território

Ma – Milhões de anos

NMI – Número Mínimo de Indivíduos

PDM – Plano Diretor Municipal

SNIRH – Sistema Nacional de Informação de Recursos Humanos

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta, toma como caso de estudo o conjunto de monumentos megalíticos conhecidos em Terras de Sicó (concelhos de Soure, Pombal, Alvaiázere, Penela e Ansião). Deste conjunto constam os monumentos, conservados ou destruídos, cujos vestígios funerários permitam obter informações sobre topografias de implantação na paisagem, técnicas e materiais de construção, espólios arqueológicos e práticas funerárias.

Pretende-se desenvolver, ao longo deste estudo, avaliações sobre as arquiteturas dos monumentos funerários considerados para o conjunto, fazendo-se referência ao tipo de materiais utilizados na sua construção, e procurando compreender-se o critério adotado pelas comunidades construtoras ao momento de planeamento das construções.

A recolha de matérias-primas constitui o primeiro passo da qualquer processo construtivo, por isso, o estudo das áreas de obtenção dos materiais rochosos utilizados na construção das antas pode fornecer informações relevantes sobre as comunidades que exploravam estes territórios, ao mesmo tempo que permite descortinar os critérios que levaram à sua escolha.

Neste trabalho foi realizada uma abordagem geoarqueológica, com a contribuição da geologia para o estudo dos materiais utilizados nestas edificações, conjugando-se critérios como formações geológicas e litológicas com os dados disponíveis sobre áreas de implantação dos monumentos e tipologia de recursos litológicos empregues.

A escolha dos locais de implantação de sepulturas megalíticas, e a definição de áreas de obtenção de matéria-prima, relevam, muitas das vezes, uma questão de interdependência direta, caracterizada pela necessidade de se edificar nas proximidades do local de extração dos recursos empregues nessas construções.

Nesta perspetiva, compreende-se as dinâmicas territoriais das comunidades pretéritas, que agindo diretamente sobre o meio envolvente, utilizariam os recursos disponíveis, ao mesmo tempo que modulavam a paisagem. Ao identificarem-se zonas possíveis de exploração de materiais líticos, e estabelecendo-se encadeamento entre estas e as áreas de construção das estruturas funerárias, avaliam-se dinâmicas espaciais entre o homem e o meio.

A construção deste trabalho passa, forçosamente, pela definição de um conjunto de objetivos, para os quais se pretende dar resposta. O planeamento desta abordagem apoia-se

numa metodologia própria, estabelecida em função dos objetivos delineados, bem como, num conjunto de questões chave, que têm por função delinear o processo de construção deste trabalho (Capítulo 2). Neste ponto, insere-se também, o levantamento da Toponímia local enquanto trabalho metodológico de análise entre o gabinete e o campo.

No sentido de reunir os elementos necessários ao conhecimento da área em investigação, este estudo, inicia-se, com a caracterização do seu quadro natural (Capítulo 3), no sentido de conhecer a região em análise e caracterizá-la do seu ponto de vista físico.

Segue-se, no Capítulo 4, a referência ao estado atual de conhecimento sobre o Megalitismo na área de estudo (definida no Capítulo 3), estabelecendo-se, paralelamente, o objeto de análise deste trabalho.

O Capítulo 5 constitui um levantamento do registo arqueológico sobre os monumentos megalíticos em análise neste trabalho, fazendo-se referência aos dados conhecidos e introduzindo novas informações (nomeadamente no que se refere às questões das matérias-primas utilizadas e áreas possíveis de obtenção) com objetivo de dar resposta a algumas das questões iniciais elaboradas (nomeadamente as levantadas de a) a g)).

No seguimento deste capítulo, finalizo o trabalho com a discussão dos dados (Capítulo 6), debatendo, também, sobre outras questões pertinentes para a análise do objeto de estudo, ao mesmo tempo que são definidas novas perspetivas sobre a investigação para a região em análise. Este ponto configura os resultados finais deste trabalho, onde são dadas respostas às últimas questões elaboradas em 2.2 (consolidação da questão d) e das problemáticas h) a j)).

2. OBJETIVOS E METODOLOGIAS

2.1 OBJETIVOS

O objetivo primeiro do presente estudo é identificar a presença de testemunhos atribuíveis ao Neolítico na área geográfica em análise, designadamente a região de Terras de Sicó¹, através da identificação de itens de carácter ritual, concretamente, os monumentos megalíticos, e/ou de carácter artefactual, como sejam, cerâmicas pré-históricas, instrumentos em pedra polida e pedra lascada, adornos ou placas em pedra, enquanto elementos materiais comumente associados a estruturas funerárias megalíticas.

Outro dos objetivos pretendidos através deste trabalho compreende o conhecimento da Geoarqueologia da região em análise, estabelecendo relações entre possíveis áreas de obtenção de matéria-prima e zonas de construção de monumentos megalíticos. A delimitação de áreas possíveis de aprovisionamento permite entender uma relação de causa-efeito na escolha dos locais de construção de monumentos megalíticos e respetivas fontes de aprovisionamento de matéria-prima, procurando-se compreender se a proximidade a estes locais terá influências diretas na escolha da localização destas sepulturas.

Procura-se, também, compreender, nos casos possíveis, as técnicas de construção e matérias-primas empregues na construção dos monumentos megalíticos em estudo.

Será, igualmente relevante, identificar e reconhecer possíveis associações entre as grutas naturais da região, onde se identificam rituais funerários contemporâneos aos dos sítios arqueológicos em estudo, com os vestígios existentes para esses monumentos megalíticos.

Por outro lado, será importante comparar a área de estudo com outras zonas próximas, do ponto de vista do Megalitismo, procurando estabelecer correlações e diferenciações entre distintas realidades.

2.2 METODOLOGIAS E QUESTÕES A ANALISAR

A Metodologia a aplicar neste trabalho, no sentido do cumprimento dos objetivos citados, passou por uma análise cartográfica sobre a região em estudo, de modo a realizar uma interpretação dos sítios arqueológicos, do seu ponto de vista geográfico, geológico e

¹ Definição da área de estudo no capítulo 3, ponto 3.1.

topográfico, recorrendo, para tal, à análise de cartografias como a Carta Militar de Portugal 1:25 000 e a Carta Geológica de Portugal (às escalas 1: 500 000 e 1: 50 000), bem como de cartografia geológica disponível em outro tipo de documentação.

Para além disto, pretendeu-se desenvolver competências ligadas aos SIG (Sistemas de Informação Geográfica), através da criação de mapas que permitam retirar informações de carácter variado, que completem a informação disponível nas cartografias acima citadas, e se demonstrem plausíveis de acrescentar novas questões e interpretações sobre a Pré-história recente da área de estudo, no seu todo, bem como, sobre os sítios arqueológicos em análise, em particular.

A produção deste trabalho, passou, portanto, pela produção de cartografia em SIG, recorrendo ao software QGIS 3.16.15 (software livre com código-fonte aberto), no sentido de realizar novas interpretações sobre os sítios arqueológicos e criando novos dados arqueogeográficos sobre os mesmos.

Na criação de uma base bibliográfica sobre os sítios em estudo, este trabalho passou, também, pela consulta de fontes bibliográficas (artigos científicos e livros) existentes sobre a área de estudo, no sentido de descrever e contextualizar os sítios em análise do seu ponto de vista arqueológico, geológico e de implantação no espaço. Por conseguinte, a consulta bibliográfica sobre trabalhos de escavação e/ou prospeção realizados nos sítios arqueológicos, a análise de Monografias sobre os concelhos, e a leitura de análises espaciais sobre a geologia da região são alguns dos métodos empregues.

A consulta de fontes bibliográficas permitiu, também, a recolha de topónimos com potencial interesse arqueológico associado ao megalitismo. A identificação de topónimos sugestivos, permitiu, em confronto com as nomenclaturas das localidades existentes nos concelhos em estudo, definir um conjunto de locais cuja onomástica poderá ser sugestiva da existência de monumentos megalíticos. A recolha dos topónimos foi realizada através da consulta de antigos trabalhos de levantamento arqueológico (existentes no Instituto de Arqueologia), onde se encontravam listadas informações sobre a toponímia de cada município, recolhidas das matrizes prediais das respetivas freguesias.

Ao trabalho de gabinete associei o trabalho de campo, nomeadamente, a visita aos sítios arqueológicos, por vezes associada à prospeção, no sentido de localizar os monumentos megalíticos. A visita aos locais em estudo permitiu recolher informações sobre a geologia local,

os recursos geológicos utilizados na construção dos monumentos, bem como, avaliar o seu estado de preservação atual relativamente ao descrito na bibliografia, e perceber a sua implantação na paisagem. Para as referidas visitas realizei uma ficha de campo munida dos discriminadores pertinentes ao estudo a realizar, nomeadamente conjugando a ficha de sítio com os parâmetros da geologia, além dos especificamente arqueológicos.

Nos casos que se demonstrem pertinentes, nomeadamente em monumentos escavados, estabeleci contacto com alguns dos arqueólogos coordenadores das respetivas intervenções para esclarecimento de algumas questões que surgiram no decorrer da consulta bibliográfica, tentando, a par, obter outras informações, pertinentes a este trabalho particular, que não se encontrem visadas na mesma.

Após descritos os principais objetivos e metodologias a aplicar, importa referir quais as questões primordiais às quais se pretendeu dar resposta no decurso deste trabalho, isto é, formular uma problematização, na base da qual serão evocados os vários tópicos pelos quais passará a minha dissertação, sendo estas, concretamente, as que abaixo faço nota:

- a) Quais os elementos de análise para caracterização da Neolitização do território de Terras de Sicó;
- b) Quais e quantos elementos reconhecemos para o designado “Megalitismo de Sicó”;
- c) Como se configuram as construções arquitetónicas dos monumentos megalíticos de Sicó;
- d) Verificam-se semelhanças entre si que viabilizem falar deste território como unidade, partilhando de uma mesma identidade regional à semelhança de outras áreas do país;
- e) No estudo da geologia dos monumentos, quais as matérias-primas preferenciais utilizadas para a construção das estruturas funerárias;
- f) Os recursos pétreos utilizados nas edificações serão de origem local (definido por um raio máximo de 1-2 quilómetro do local de construção dos monumentos) ou regional (superior a 5 quilómetros);
- g) Quais as possíveis áreas de recolha das matérias-primas;
- h) Estará a construção de monumentos megalíticos, na área de estudo, condicionada pela presença de grutas naturais nestes territórios, considerando as segundas uma alternativa deposicional relativamente às primeiras;

- i) Verifica-se a existência de enterramentos em gruta contemporâneos da construção dos monumentos, enquanto alternativas funerárias distintas que ocorreram num mesmo período temporal;
- j) Será possível estabelecer comparações com a realidade megalítica existente a norte, na Serra da Boa Viagem (Figueira da Foz).

2.2.1 TOPONÍMIA ASSOCIADA A MONUMENTOS MEGALÍTICOS

A Toponímia é “a ciência que verifica, analisa e apresenta a origem, a evolução e a realidade contemporânea dos nomes escolhidos para nomear lugares” (VIEIRA, 2016, p.87).

Na Arqueologia, o estudo dos topónimos constitui uma das fases iniciais do trabalho de campo, fornecendo pistas sobre a caracterização e evolução dos territórios. A toponímia local permite deduzir informações sobre a topografia do terreno, atividades praticadas nos territórios, ou elementos marcantes (*Ibidem*).

O estudo da Toponímia, enquanto parte da linguística, com fortes ligações à geografia, história e arqueologia dos locais, pode evidenciar, numa fase de planeamento de prospeções, a existência de sítios arqueológicos, passíveis de serem descobertos, ou, no caso de já se encontrarem desaparecidos/destruídos, indicar a sua existência em momentos anteriores (JORGE, 1982; *apud* VIEIRA, 2016, p.88).

A análise toponímica revela-se, portanto, interessante, enquanto ponto de partida na investigação do território na longa diacronia. Quando aplicado ao caso de estudo deste trabalho, demonstra-se interessante, no ponto que, através desta, são fornecidas algumas pistas sobre a presença de monumentos megalíticos nos territórios.

Várias compreendem as designações atribuídas a locais com presença de monumentos megalíticos (Tabela 2, Anexo 5). Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1897) distingue, genericamente, as nomenclaturas populares por região, considerando a prevalência, entre estas, do topónimo “Anta”. Outras designações, relacionadas com as mais variadas questões físicas (monumento formado por um monte de pedras) e arquitetónicas dos monumentos (noção de abrigo, espaço fechado), espelham-se na onomástica dos lugares. A estes monumentos são feitas referências como “altar, arca, casa, lapa, penedo, mamoa, orca, pedra, madorra, ...” (CHAVES, 1951). A estas estruturas encontram-se associados mitos e lendas, que atribuem a construção destas arquiteturas a entidades misteriosas ou povos arcaicos (nomeadamente os

mouros), o que se reflete, igualmente, nas denominações destes locais (Ex. casa da moura, cova da moura) (*Ibidem*).

Nesta perspetiva, e fazendo uso de antigos trabalhos de levantamento arqueológico dos concelhos (AQUINO, 1986; BARBOSA & MADAIL, 1983; CORDEIRO, 1984; FERREIRA & LAPA, 1987; HENRIQUES, 1990), onde se encontram listadas as microtoponímias locais de cada freguesia, fiz uma recolha, por município e freguesia, das nomenclaturas sugestivas da presença de sepulturas megalíticas no território em análise:

I. Concelho de Alvaiázere

- Curral das Pedras^(x), Penedo das Córvas, Outeiro da Pedra^(x), Outeiro das Pedras, Outeiro das Lapas, Lapa, Penedo – freguesia de Almoester.
- Predreira^(x), Penedinhos, Penedo de Água^(x), Penedos Altos^(x), Lage, Lages, Pedra Furada, Penedos, Penedo Amarelo (Serra de Alvaiázere), Penedos Gordos, Penedos – freguesia de Alvaiázere.
- Eira da Pedra^(x), Outeiro das Pedras^(x), Outeiro da Pedra, Pedra Branca, Penedo, Eira da Pedra, Lapa^(x), Vale Penedos, Fonte da Pedra, Presa da Lage – antiga freguesia de Mações de Caminho (atual freguesia de Alvaiázere).
- Casitas^(x), Vale Penedo^(x), Penedo^(x), Vale do Penedo, Penedos^(x), Vale da Pedra^(x) – freguesia de Mações de Dona Maria.
- Outeiro dos Pedregos, Covão de Pia e Penedo da Velha, Outeiro das Pedras, Pedreiras^(x), Penedo do Muro^(x), Outeiro da Lapa, Vale da Lapa, Lapa, Pedregulhos^(x), Lages – freguesia de Palmá.
- Lapas^(x), Lapa^(x), Penedo do Homem, Penedo Amarelo, Vale da Lapa – antiga freguesia de Pussos (atual freguesia de Pussos São Pedro).
- Casinhas^(x), Casinha^(x), Casita^(x), Pedreira, Penedos, Penedo da Lapa – antiga freguesia de Rego da Murta (atual freguesia de Pussos São Pedro).

II. Concelho de Ansião

- Lapa, Lapas, Pedreiras, Fonte da Pedra, Penedeiros, Baldio do Penedo – freguesia de Alvorge.

- Horta da Lage, Laginha, Laginhas, Casinha, Lapas, Cova das Pedras, Pedra do Ouro, Pedra da Lage, Serra do Mouro, Lapinha – freguesia de Avelar.
- Cerrada das Lages – freguesia de Pousaflores.
- Lapa, Pedreiras, Covas-Lapas, Penedo Ruivo, Penedo Amarelo – freguesia de Santiago da Guarda.
- Penedeiros, Chouso das Pedras, Fonte da Pedra, Penedos – freguesia de Torre de Vale Todos.
- Casal da Pedra – freguesia de Ansião.

III. Concelho de Penela

- Casinha, Chouzo das Lages, Cabeça de Ante, Vale da Lapa, Lapa, Pedrosa – freguesia da Cumieira.
- Covão da Casa, Cabana – freguesia de Podentes.
- Cabo da Rocha, Pedra Franca, Casal das Pedreiras, Mesa, Penedo Sobreiro, Penedo Longo, Penedo de Boial – freguesia de Espinhal.
- Penedo, Cova da Moura, Pedras, Penedais – antiga freguesia de Santa Eufémia (atual União das Freguesias de São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal).

IV. Concelho de Pombal

- Penedos, Serrada da Lapa, Vale da Serrada da Lapa, Serrada da Lapa Comprida, baldio do Cabeço da Lage da Pedreira, Chão de Pedreiros, Pau Mouro, Antas^(x), Pedreira^(x), Peneda, Casita, Quintal das Antas, Penedeiras, Penedo da Bárbara, Quintal na Lapa, Vale da Lapa, Penedão, Choiza das Pedras, Cerrado de Pedreira, Rocha, Cova da Lapinha, Penedo Gordo, Penedo Agudo, Penedo Agudo Fundo, Lapa^(x), Lapas^(x), Penedo Fundo^(x), Antas do Casal do Marques, Fonte da Moura, Outeiro das Pedras – freguesia de Abiul.
- Vagem da Moura, Penedo do Boialvo, Anta, Pedregulho^(x), Terra da Pedreira, Laje, Penedo, Arcão, Lages, Pedras da Cumieira – freguesia de Pombal.
- Pedreira^(x), Pedregulho^(x), Mouras, Mouras do Vale do Boço, Rocha, Pedra Broeira – freguesia da Redinha.

- Pedras, Forno dos Mouros, Pedreiras^(x), Penedos^(x), Penedão – freguesia de Almagreira.
- Costeira do Penedo, Pedreira, Pinhal dos Antões, Antões – freguesia de Carnide.
- Lageira, Pedreira^(x), Pedras^(x), Pedritas^(x), Vale do Mouro, Cabeço da Pedra, Vale Mouro, Casal Mouro, Terra da Pedra, Casal das Pedras, Serrado da Pedra^(x), Arca do Furão, Pedregulho, Antões de Além^(x), Antões^(x), Ribeira da Pedra – freguesia do Lourçal.
- Arca da Água, Cova das Pedras^(x), Penedo, Vale da Pedra – freguesia de Pelariga.

V. Concelho de Soure

- Eira Pedrinha, Madorno, Madorninho, Lapa^(x), Lapas, Pedra Sàra – freguesia de Alfarelos.
- Lapas, Vale da Lapa^(x), Pedregulho, Choiso-Pedras, Lapinha^(x), Curral da Pedra, largo das “Covas do Mouro”, Lapa da Velha, Vale da Pedra – antiga freguesia de Degracias (atual união de freguesias de Pombalinho e Degracias).
- Chouso da Lage, Choiso das Lapas^(x), Choiso entre Pedras^(x), Cabeço da Casa, Horta da Lapa, Anteadas^(x), Lapas, Penedo-Gordo, Penedões, Fonte da Pedra, Vale Mouro, Penedo da Era, Vale da Pedra^(x), Penedo d’Eira^(x), Lapinha, Pedra do Moinho – antiga freguesia de Pombalinho (atual união de freguesias de Pombalinho e Degracias).
- Ribeira de Vale das Pedras, Vale das Pedras, Barrouco da Moura – freguesia de Vinha da Rainha.

(x): topónimo utilizado mais que uma vez na mesma freguesia

Através desta recolha foi possível estabelecer um vasto conjunto de povoações e sítios cujo nome poderá, de algum modo, presumir a presença em, momento coevo ou pretérito, de um monumento megalítico nestes locais, podendo a mesma ter influenciado na denominação dos lugares, isto é, refletindo-se ao nível da Toponímia local.

A verificar-se esta relação entre a onomástica e a possível presença de monumentos megalíticos, ainda que considerando apenas parte dos dados explicitados, estaríamos diante de

necrópoles com um número bastante mais significativo que os exemplos atualmente conhecidos e explicitados no capítulo 5 deste trabalho.

Do conjunto recolhido posso estabelecer três grupos mais relevantes, segundo a tipologia de designações utilizadas e suas associações com os monumentos megalíticos.

O primeiro grupo corresponde aos topónimos cuja denominação remete para uma associação direta à presença, nestes locais, de monumentos megalíticos, do qual são exemplo os topónimos que incluem o nome anta(s) na forma simples (Ex. “Anta”, “Antas”) ou composta (Ex. “Quintal das Antas”; “Cabeça de Ante”; “Anteadas”), podendo, também, surgir na forma de aumentativo (Ex. “Antões”; “Antões de Além”). Este grupo constitui-se como o mais importante na medida que utiliza o termo popularmente conhecido “anta” na denominação dos locais, inferindo um possível conhecimento por parte das comunidades sobre a implantação deste tipo de monumentos nos seus territórios, tendo os mesmos influenciado na toponímia destes locais, tal como acontece em outras regiões do país.

O segundo conjunto, e efetivamente o mais vasto, corresponde às designações cuja relação com os monumentos megalíticos se prende com a imagem que estes transparecem enquanto estruturas formadas por rochas/pedras. Neste conjunto contam-se a grande maioria dos exemplos acima citados (Ex. “Lapa”; “Cova das Pedras”; “Pedreiras”; “Outeiro das Pedras”; “Laje”; “Pedra do Moinho”, entre outras).

Para a análise deste grupo em particular, é de ressaltar, também, a natureza geológica da região (explicitada no ponto 3.), que poderá ter, também, influenciado diretamente com a onomástica destes locais. Dadas as suas características físicas, esta região calcária apresenta grande abundância de recursos não metálicos, pelo que a presença recorrente de explorações de pedra (e por isso, talvez, as designações “Pedreira(s)” recorrentemente utilizadas) ou de afloramentos rochosos notáveis, poderá constituir outra das explicações para este grupo se compor tão significativo. De todo o modo, enquanto elementos toponímicos que integram os levantamentos onomásticos de Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1897), Luís Chaves (CHAVES, 1951) e Vera Leisner (LEISNER, 1998), constituem-se como pistas para a presença desta categoria de sítios arqueológicos, pelo que se toma pertinente que integrem esta recolha toponímica enquanto elementos sugestivos.

O último grupo é constituído pela onomástica relacionável com as lendas e mitos populares criados em torno do povo mouro e dos monumentos megalíticos, refletindo-se esta

associação ao nível da toponímia local. As populações relacionam, temporalmente, estas estruturas com tempos pretéritos e povos antigos. As conceções populares atribuem aos mouros a ocupação mais antiga dos territórios, acreditando que este povo seria responsável pela construção dos monumentos megalíticos (designadas “Antas”) e que nelas habitariam e esconderiam os seus tesouros (CHAVES, 1951, p.108). No levantamento toponímico dos concelhos em estudo várias são as menções ao termo “mouro/a(s)”, o que poderá estar relacionado a esta questão, constituindo mais uma possível relação toponímica entre esta categoria de sítios e a denominação local (Ex. “Forno dos Mouros”; “Serra do Mouro”; “Cova da Moura”; “Mouras”).

De um modo geral, ainda que não seja possível confrontar todas estas realidades, estas dão-nos pistas sobre a possível localização de outros monumentos megalíticos, pelo que, no contexto deste trabalho permite identificar topónimos nas proximidades dos locais onde já são conhecidas sepulturas megalíticas, permitindo problematizar sobre a existência de outras estruturas funerárias para além das conhecidas (estas que também poderiam fazer parte das necrópoles identificadas ao longo do capítulo 5).

3. CARATERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: TERRAS DE SICÓ

3.1 DEFINIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo que trataremos durante este trabalho por Terras de Sicó designa um território localizado no Centro litoral de Portugal Continental, composto por um grupo de concelhos vizinhos, que fazendo fronteira entre si, ocupam uma sub-região na antiga província da Beira Litoral.

Os concelhos integrantes deste território – Pombal, Soure, Alvaiázere, Penela e Ansião² encontram-se administrativamente incorporados em dois distritos vizinhos, Leiria (Ansião, Alvaiázere e Pombal) e Coimbra (Soure e Penela).

Estes concelhos tomam o nome de “Terras de Sicó”, no seu conjunto, por se desenvolverem em torno da Serra de Sicó, serra que dá o nome a todo o maciço onde se localizam, enquanto relevo de maior expressão no bloco ocidental, com cerca de 553 metros de altitude.

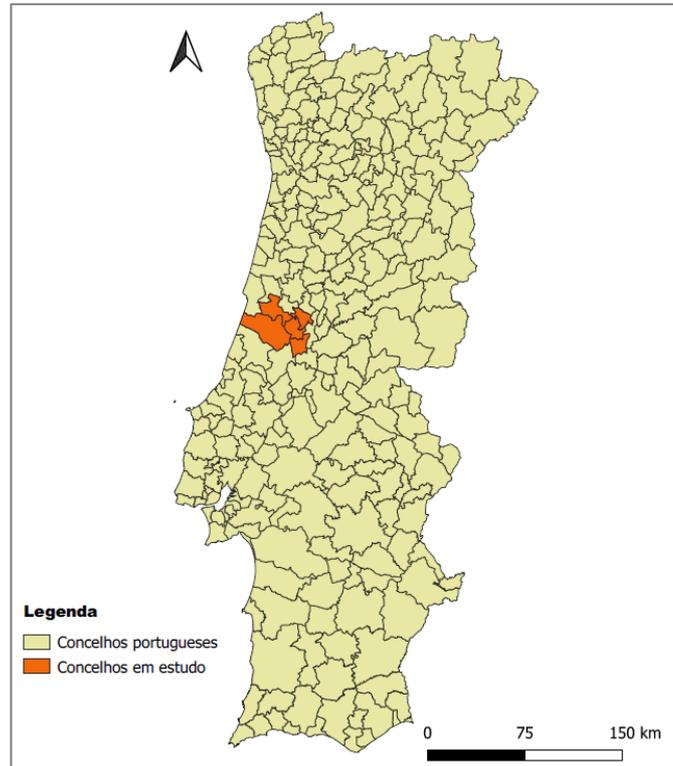
O conceito já não é recente, mas tem vindo a ganhar maior projeção como “imagem de marca” de um território intermunicipal promovido pela associação de municípios da Serra de Sicó, a ADSICÓ³ (SILVA, 2011), associação que tem por objetivo o desenvolvimento integrado deste território.

Esta sub-região da Beira Litoral coincide com aquela referida por Lúcio Cunha (1990a) como “Maciço de Sicó ou Serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere”, contudo, ocupam, geograficamente, um espaço que vai para além do maciço enquanto unidade geomorfológica bem definida, apresentando fronteiras mais flexíveis.

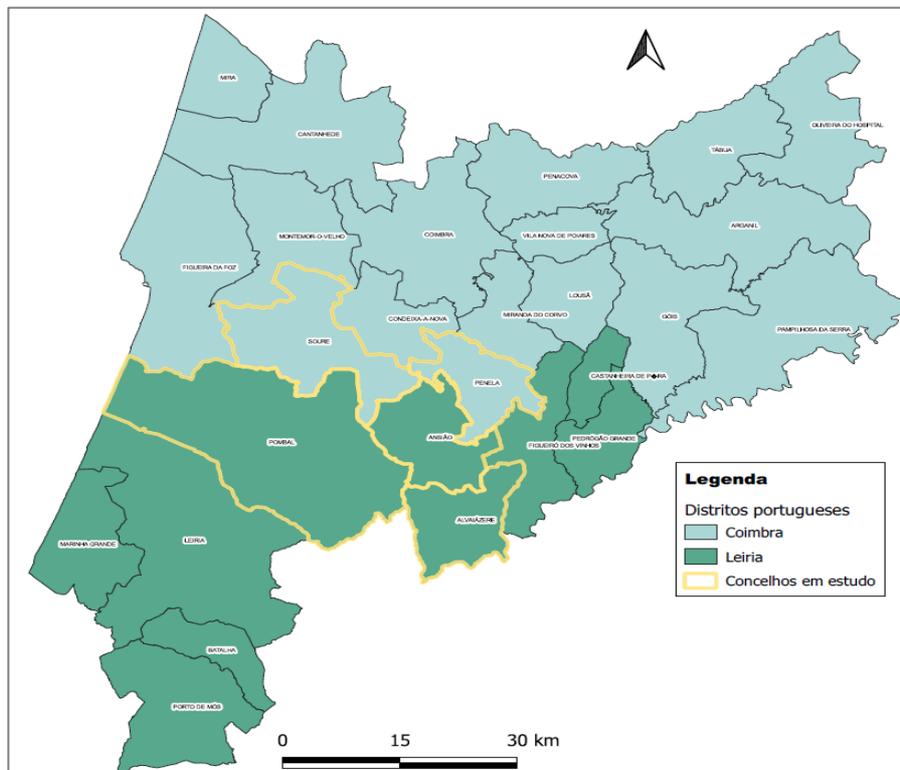
O Maciço de Sicó é, em linhas gerais, definido em função de um conjunto de relevos (CUNHA, 1990b, p.12) existentes neste território, cuja essência geológica é constituída por materiais litológicos Mesozoicos.

² Deste território faz, também, parte o concelho de Condeixa-a-Nova que para este trabalho específico não irá ser considerado pois o estudo terá enfoque nos monumentos megalíticos e não existem, para este concelho, registo deste tipo de vestígios.

³ A TERRAS DE SICÓ - Associação de Desenvolvimento é uma associação de direito privado, criada em 1995, dando resposta clara ao alargamento de parcerias pelo desenvolvimento do território, centrado no maciço da Serra de Sicó - centro de Portugal -, somando novas tarefas às iniciadas em 1988 quando se constituiu a Associação de Municípios da Serra de Sicó - ADSICÓ - então primeiro passo na assunção técnica e política da sub-região.



Mapa 1. Localização administrativa dos concelhos em estudo no território português (**Fonte:** CAOP).



Mapa 2. Localização dos concelhos em estudo nos respetivos distritos, Coimbra e Leiria (**Fonte:** CAOP).

3.2 CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA

As Terras de Sicó situam-se, geomorfologicamente, na grande unidade da Orla mesocenozóica ocidental portuguesa, também designada Bacia Lusitânica, que se estende numa faixa perpendicular alongada em relação à linha de costa com cerca de 275 quilómetros de comprimento pela área centro-oeste de Portugal continental.

Nesta desenvolvem-se alguns dos relevos de maior destaque na região centro litoral de Portugal, como seja, o Maciço de Sicó, cuja área se estende aos concelhos da área de estudo, bem como, mais a norte, a Serra da Boa Viagem, na zona pertencente à Figueira da Foz.

Na área geomorfológica que ocupa nesta unidade, a região de Terras de Sicó é formada, essencialmente, por afloramentos sedimentares dos períodos Jurássico e Triássico. A presença destes materiais condiciona a morfologia geral e de pormenor destes territórios, cujos traços mais caraterísticos advêm do desenvolvimento de fenómenos cárscicos (CUNHA, 1990b, p.11). Neste espaço, as rochas carbonatadas são responsáveis por um conjunto de Maciços Calcários, salientes na paisagem (CUNHA & DIMUCCIO, 2014).

A região de Terras de Sicó tendo como essência a zona do Maciço de Sicó, também definida como “Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere” (CUNHA, 1990b), conta com a particularidade de ser uma área formada por serras e planaltos calcários, que se desenvolvendo em “triângulo” numa extensão de cerca de 430 km² a sul de Coimbra (VIEIRA & CUNHA, 2006), “constitui um conjunto descontínuo de serras e planaltos talhados em materiais calcários” (CUNHA, 1990b, p.13).

Observa-se, neste maciço calcário, uma clara divisão interna, que fruto de uma falha ou conjunto de falhas, definiu duas áreas individualizadas com relevos que se destacam face às terras baixas que as envolvem. Esta divisão interna leva a considerar a existência de dois “submaciços”, o de Condeixa-Sicó, localizado a norte/oeste e, o de Penela-Alvaiázere, a sul/leste (CUNHA & DIMUCCIO, 2014, p.677).

O Maciço de Sicó é um dos principais maciços calcários carsificados da Orla mesocenozóica ocidental portuguesa e corresponde a um conjunto pouco elevado de serras que atinge, nas suas cotas mais elevadas, valores entre os 500 e 618 metros de altitude.

Fazem parte deste maciço serras como: Serra do Rabaçal (532 metros), Planalto de Degraças-Alvorge (300 metros), Serra de Sicó (553 metros), que compõem o “submaciço” de Condeixa-Sicó (a norte/oeste) e, ainda, a Serra de Alvaiázere (618 metros), Castelo do Sobral

(347 metros) e Cumieira (312 metros), que, por sua vez, compõem a fila de relevos de Penela-Alvaiázere (localizada a sul/leste) (CUNHA, 1990b, p.12).

O Maciço de Sicó é, ainda, pautado pela existência de um vasto conjunto de cavidades, inventariado em mais de duas centenas, resultantes do contacto da água com a superfície calcária e, conseqüente, carsificação (CUNHA, 2003, p.187). Os processos de evolução cársica, relacionados com a solubilidade da rocha e com a sua permeabilidade, são responsáveis pelo desenvolvimento de uma rede de galerias hipogéias que criam paisagens com características bem particulares (CUNHA & DIMUCCIO, 2014, p. 673). Estarão inventariadas, no Maciço de Sicó, mais de 300 cavidades cársicas (grutas) de diferentes tipos dimensões e características espeleogenéticas (CUNHA, *et al.*, 2018, p.1227).

A existência de inúmeras grutas, de desigual dimensão, resultantes da formação de uma paisagem cársica, apresentam, a par do evidente interesse espeleológico, interesse biológico e arqueológico (este que, também, será alvo de análise neste trabalho), dado que, no plano científico, estes registam a presença de testemunhos de ocupação humana pré-histórica.

3.3 GEOLOGIA

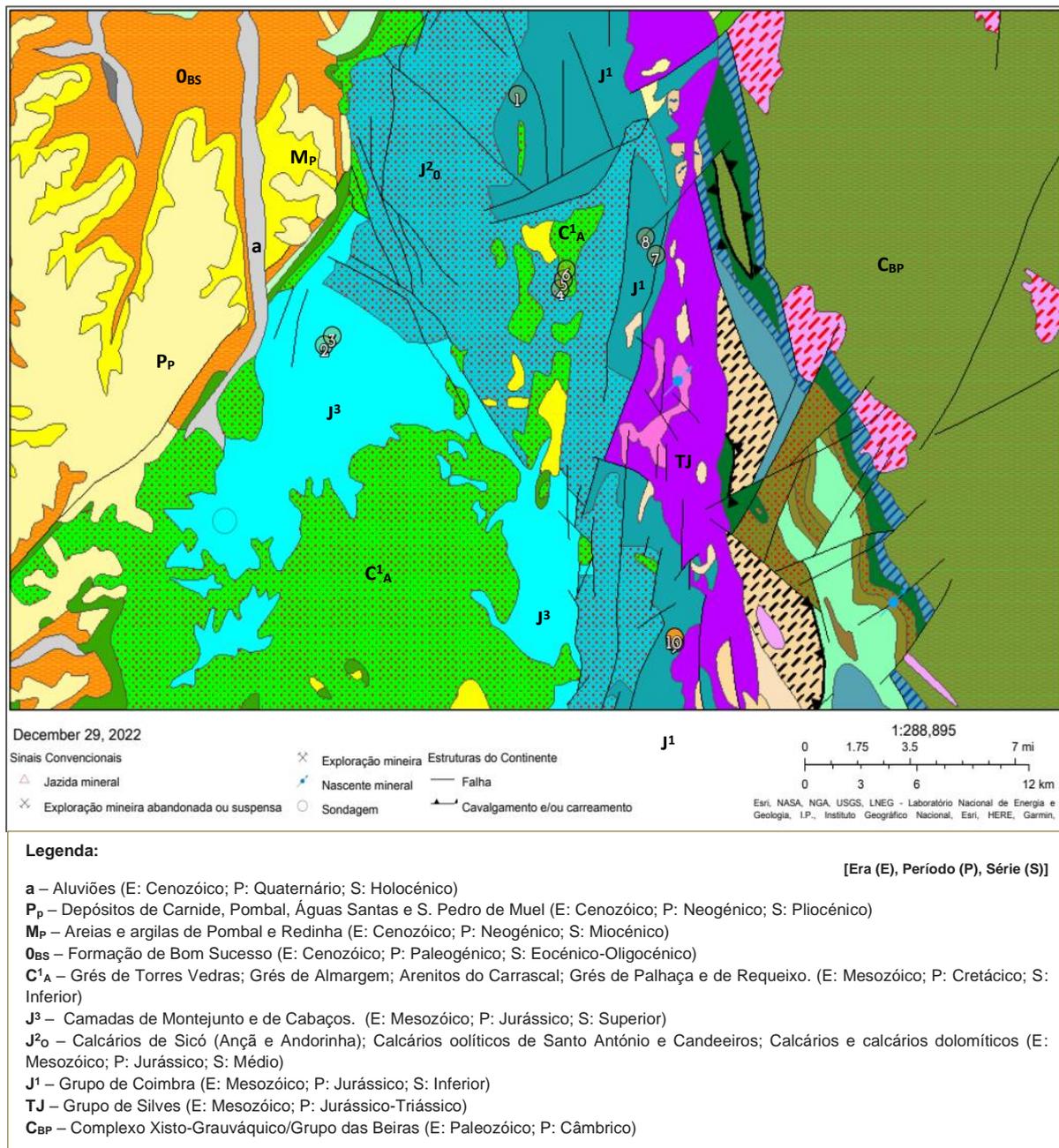
A análise da folha norte da Carta Geológica de Portugal 1:500 000 de 1992 (Mapa 3) permite caracterizar, de forma geral, a geologia de Terras de Sicó, dado que integra numa mesma cartografia todos os concelhos em estudo⁴.

Através da cartografia a esta escala é possível verificar que a cronoestratigrafia da região em análise compreende toda a Era Mesozoica, datável entre, aproximadamente, os 251 milhões de anos (Ma) e os 66 milhões de anos⁵, que se subdivide nos Períodos Triássico (cerca de 251 Ma aos 201 Ma), Jurássico (cerca de 201 Ma aos 145 Ma) e Cretácico (dos 145 Ma a, aproximadamente, 66 Ma).

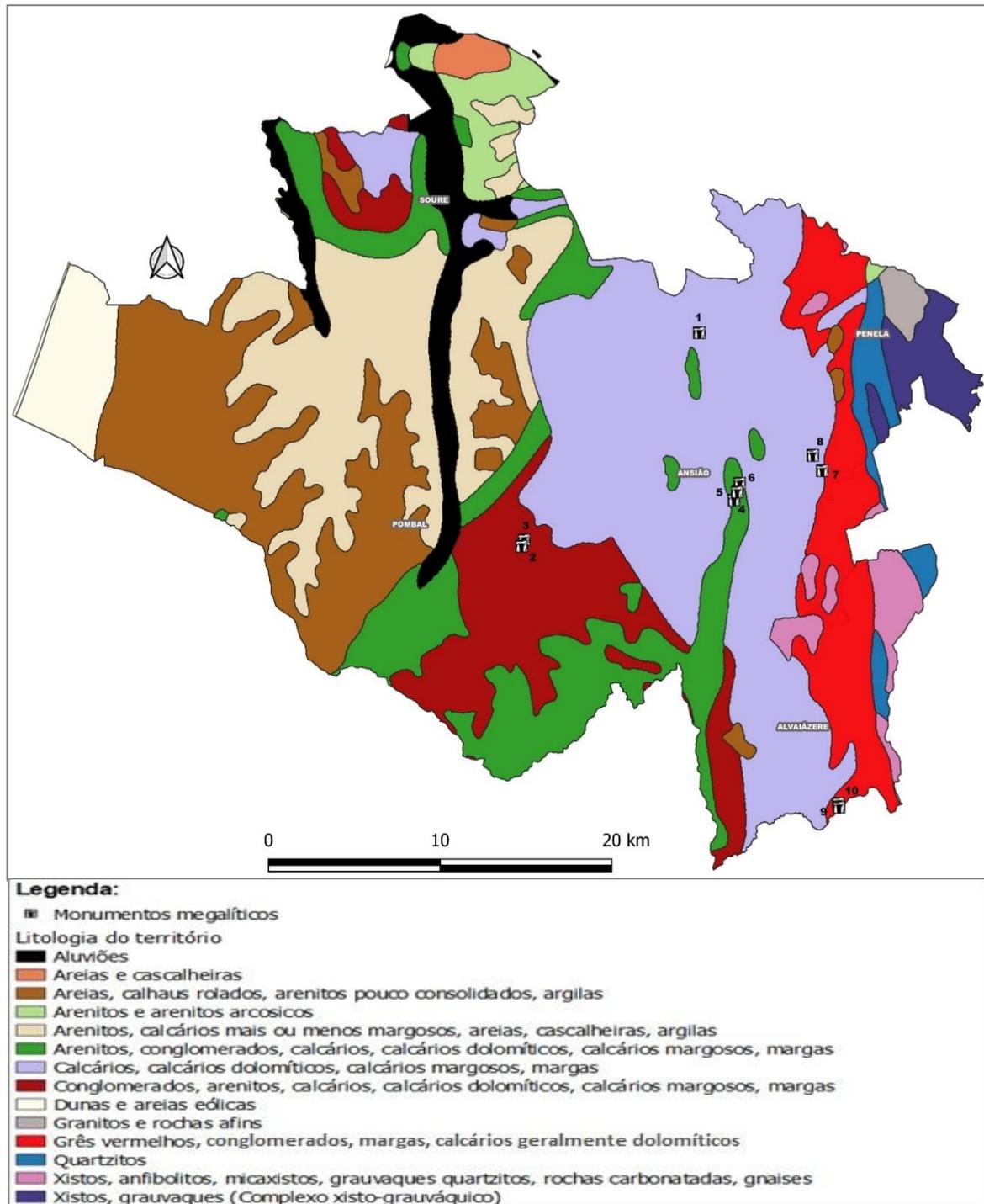
⁴ A indisponibilidade de cartografia à escala 1:50 000 não permite análise geológica, a esta escala, que cubram todo o território em análise – dispomos, apenas, das folhas 19-C (Figueira da Foz), 19-D (Coimbra-Lousã) e 23-A (Pombal), as folhas 23-B (Figueiró dos Vinhos) e 23-D (Ferreira do Zêzere) nunca foram publicadas pelos serviços responsáveis pela cartografia geológica de Portugal. A falta destas duas cartas cria uma lacuna de informação na área de estudo, já que, a maioria dos sítios arqueológicos analisados nesta dissertação pertenceriam à informação cartográfica destas duas folhas.

⁵ Datações com base na Tabela Cronoestratigráfica Internacional 2021/05.

Os concelhos cuja localização pende para uma área mais litoral do território, e, por isso, mais costeira, apresentam cronoestratigrafias mais recentes, que já se enquadram na designada Era Cenozóica, nomeadamente no que às épocas do Plio-Pleistoceno diz respeito (aproximadamente dos 5,3 Ma a 0,01 Ma).



Mapa 3. Pormenor (adaptado) da folha Norte da Carta Geológica à escala 1:500 000 (de 1992) representando a área de estudo, pelos Serviços Geológicos de Portugal. Localização dos monumentos megalíticos (1-Anta da Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmen do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere) (Fonte: Geoportal do LNEG).



Mapa 4. Litologia de Terras de Sicó e implantação dos monumentos megalíticos⁶ (1-Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmen do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere) (**Fonte:** Atlas do Ambiente Digital – IA).

⁶ Pela escala do mapa ser bastante ampla algumas zonas de contacto entre unidades litológicas não surgem apresentadas corretamente, como é exemplo da zona de implantação dos monumentos do Rego da Murta (9 e 10), que assentam sobre uma unidade de “calcários, calcários dolomíticos, calcários margosos, margas”, ainda que representadas na unidade anterior (de contacto) dos grês vermelhos.

No mapa 4, onde se encontram representadas as litologias de Terras de Sicó, pode-se verificar uma predominância de material de tipo sedimentar para esta região, com várias unidades formadas por rochas sedimentares de tipo clástico (arenitos, conglomerados, argilas, areias) e de tipo químico (rochas calcárias).

Verifica-se que o material rochoso aqui disponível apresenta, ainda que dentro da mesma categoria lítica, material distinto, formado por várias unidades sedimentares, em sobreposição, estando o tipo de material condicionado pelo período de formação e deposição desses sedimentos.

A litologia que se destaca neste quadro, pela sua extensão territorial, é a dos “calcários, calcários dolomíticos, calcários margosos, margas”, coincidindo com uma área geográfica de particular importância para esta região, as designadas “serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere” (CUNHA, 1990b), ou “Maciço de Sicó. A presença destas litologias condiciona diretamente a paisagem aqui característica, uma paisagem cársica, com a rocha calcária a descoberto e a proliferação de campos de lapiás e de outras formas cársicas de superfície e profundidade (CUNHA, 2003).

Na região mais litoral deste território, pertencente à área concelhia de Pombal, encontram-se formações de “areias, calhaus rolados, arenitos pouco consolidados, argilas”, sobreposta pela unidade dos “arenitos, calcários mais ou menos margosos, areias, cascalheiras, argilas”. Estas formações litológicas compõem uma área designada “Plataforma litoral” (RAMOS, 2008) formada por rochas sedimentares detríticas.

Por sua vez, na área extremo oriental desta região, na zona leste do concelho de Penela, encontram-se unidades de natureza litológica distinta do restante território. Nesta zona começam a desenvolver-se as serras de xisto do Supergrupo Dúrico Beirão (Complexo Xisto-Grauváquico), coincidindo, concretamente, com os limites orientais da Serra da Lousã. Observa-se aqui uma área de fronteira face à realidade geolítica que se desenvolve para centro-oeste. Nesta área os materiais são mais antigos e de natureza metamórfica (nomeadamente os xistos), avançando para litoral, a partir da área ocupada pelo Maciço de Sicó, os materiais observáveis apresentam-se progressivamente mais recentes e de natureza sedimentar.

Observando ambos os mapas, folha norte da Carta Geológica de Portugal à escala 1: 500 000 (mapa 3) e Litologia de Terras de Sicó (mapa 4), é possível estabelecer algumas

relações entre a litologia das superfícies e as suas idades geológicas de formação: por comparação cartográfica verifica-se que a unidade de maior expressão neste território “calcários, calcários dolomíticos, calcários margosos, margas”, localizado na região do Maciço de Sicó, coincide com as formações do Jurássico inferior (J^1) e do Jurássico médio (J^2_O) da carta geológica.

A unidade dos “conglomerados, arenitos, calcários, calcários dolomíticos, calcários margosos e margas”, que se encontra em clara associação com a unidade anterior, desenvolve-se em formações geológicas do Jurássico Superior (J^3).

A camada dos “arenitos, conglomerados, calcários, calcários dolomíticos, calcários margosos, margas”, que se dispersa por todo o território centro-ocidental, configurando a geologia dos concelhos de Ansião, Soure e Pombal, está correlacionada com processo ocorridos durante o Cretácico Inferior (C^1_A).

Numa faixa com orientação norte-sul, ocupando parte da área norte de Penela até ao extremo sul de Alvaiázere, a unidade do “grés vermelho, conglomerados, margas, calcários geralmente dolomíticos”, desenvolve-se, no que na carta geológica corresponde ao(s) períodos(s) do Triássico – Base Jurássico (TJ).

Na área da “Plataforma litoral” da região de Pombal, desenvolvem-se as formações da Era Cenozoica, com relativa expressão para a área mais litoral do território de Terras de Sicó, influenciadas diretamente pela ação mecânica do mar, nomeadamente, as unidades dos “arenitos, calcários mais ou menos margosos, areias, cascalheiras, argilas” das épocas do Eoceno-Mioceno (O_{BS}), associadas às formações do Plioceno (Pp) composto por litologias de “areias, calhaus rolados, arenitos pouco consolidados e argilas”.

Desenvolvem-se, ainda, neste território, outras unidades litológicas com certa expressão, como seja, a unidade localizada na área nordeste do concelho de Soure, os “arenitos e arenitos arcócos” do Cretácico Superior (C^3), ou a litologia associada à bacia hidrográfica do rio Mondego, identificada como “aluviões”, que se encontra representada, mais a litoral, na área da subbacia hidrográfica do rio Pranto e, a este, nas margens da subbacia hidrográfica do rio Arunca. Esta unidade representa uma das mais recentes nestes territórios, dado que a formação das bacias de aluvião que ocupam as margens dos rios Arunca, Anços e Pranto, correspondem às formações geológicas de aluviões (a) do Holocénico (Período Quaternário).

3.4 CLIMA E COBERTO VEGETAL

O clima e coberto vegetal⁷ dos concelhos de Terras de Sicó encontra características comuns extensíveis a todo o território e região onde se encontra, o Centro litoral.

A pouco quilómetros da linha de costa, apresenta um clima de base marcadamente mediterrâneo, caracterizado por verões quentes, secos e suaves (com valores superiores aos 25°C, podendo ultrapassar os 40°C) e invernos chuvosos suaves (com valores médios na ronda dos 10°C), com temperaturas médias anuais a rondar os 15°C.

A precipitação regista-se com maior frequência no decorrer dos meses correspondentes ao Outono, Inverno e início da Primavera, sendo os seus valores fortemente afetados pela altitude. O valor médio pluviométrico andarão nos 1200 mm anuais, devendo ultrapassar os 1400 mm nas Serras do Rabaçal, Sicó e Alvaiázere (CUNHA, *et al.*, 1996).

O coberto vegetal, que traduz uma influência tipicamente mediterrânea, apresenta características descontínuas nestes territórios, tendo em atenção fatores como litologia, relevo e altitude. Observa-se, para este território, uma “diferenciação entre áreas de carso nu ou parcialmente exumado, das áreas de carso coberto ou enterrado por depósitos gresosos” (CUNHA, 1990a, p.133). As características litológicas/geológicas condicionam a distribuição dos solos e vegetação.

Em áreas de maior altitude, onde a rocha calcária se encontra mais a nu, a vegetação é de tipo “garrigue” (*Quercus coccifera garrigue*), proliferando tufos de arbustos, maquis e gramíneas, a par de algumas oliveiras e alguns tufos de vegetação arbórea (como o carvalho português), estando, também, presentes, as espécies introduzidas pelo homem como seja os pinheiros e eucaliptos (que não necessitam de solos tão ricos).

Junto dos vales, onde se concentram depósitos de cobertura que permitem o desenvolvimento de solos com uma certa espessura, ou nos que conservem depósitos gresosos, prolifera uma vegetação exuberante com carvalho português e sobreiro, restos da antiga vegetação de característica mediterrâneas, a que se associam, os pinheiros e eucaliptos (CUNHA, 1990a).

Em áreas de planície, como é o caso de grande extensão dos concelhos de Ansião e Pombal, assim como, a parte sul de Alvaiázere, o coberto vegetal compõem-se mais rico e diverso, acrescentando às espécies anteriormente referidas, outras como o zambujeiro, sobreiro, medronheiro, a oliveira, entre outros.

⁷ Informações retiradas da bibliografia citada e dos Planos Diretores Municipais dos municípios em estudo.

3.5 HIDROGRAFIA:

Os concelhos que constituem o território de Terras de Sicó encontram-se inseridos nas Bacias Hidrográficas do rio Mondego, do rio Tejo, do rio Lis e do rio Zêzere (afluente do rio Tejo).

Destaca-se, na rede hidrográfica destes concelhos, o rio Nabão (afluente do rio Zêzere), Arunca (afluente do rio Mondego), Anços (afluente do rio Arunca) e Pranto (afluente do rio Mondego), enquanto cursos de água que influenciam, de forma mais significativa, alguns dos concelhos em estudo.

O rio Nabão nasce a uma cota de 205 metros no concelho de Ansião, tendo ligações com várias das serras na região (nomeadamente a Serra de Sicó e a Serra de Alvaiázere), seguindo o seu percurso passa pelo concelho de Alvaiázere e junta-se ao Zêzere na cidade de Tomar. O seu percurso é mais natural, na medida que atravessa o Maciço de Sicó num vale profundo e cavado, quase sem marcas da presença humana.

O rio Arunca, por sua vez, nasce no concelho de Pombal, correndo no sentido sul-norte, passando pelo concelho de Soure e desaguando na margem direita do rio Mondego, em pleno Baixo Mondego. O rio Arunca, afluente deste último, nasce na freguesia de Redinha (concelho de Pombal), e desagua na margem direita do rio Arunca, na vila e concelho de Soure, após um percurso de 11 quilómetros⁸.

O rio Pranto, com um percurso de cerca de 45 quilómetros, nasce no concelho de Leiria, atravessando todo o território de Pombal e desaguando no concelho da Figueira da Foz.

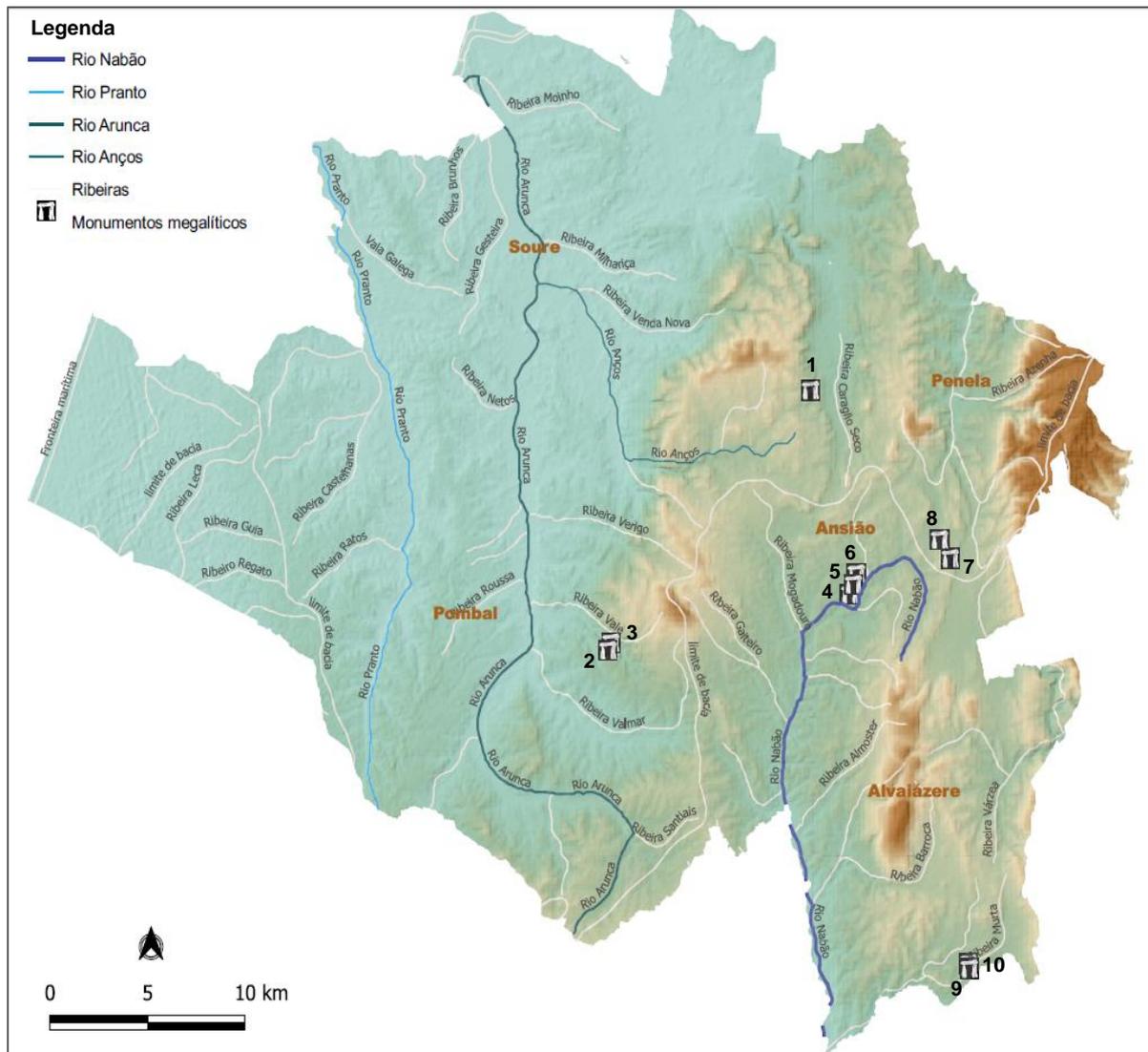
Individualizando cada concelho podemos destacar, na rede fluvial de cada um, os seguintes rios ou ribeiras de maior relevância⁹: no concelho de Ansião destacam-se os rios Nabão, que aqui nasce e se caracteriza por ladear a vila, e o rio dos Mouros (afluente da margem esquerda do rio Mondego), que nasce a norte do concelho e atravessa parte da região de Sicó (COUTINHO, 1986); o concelho de Penela, por sua vez, destaca na sua rede hidrográfica o rio Dueça, que nasce neste concelho (afluente do rio Ceira), sendo o principal curso de água presente neste território, e o rio dos Mouros, que atravessa parte do concelho; para o concelho de Pombal destaca-se uma rede fluvial constituída por afluentes dos rios Arunca, a Ribeira de Carnide, Anços, Ribeira de Nasce Água (Ribeira da Guia) e Nabão; pelo território do concelho de Soure, marcado por uma morfologia suave, serpenteiam os rios Lis, Lena, Arunca, a ribeira

⁸ Informações retiradas de: <https://visitregiaodecoimbra.pt/cultura-e-patrimonio/roteiros-de-3-dias/memoria-viva-historias-de-hoje/soure/represa-dos-rios-ancos-e-arunca/>

⁹ Informação maioritariamente retirada dos Planos Diretores Municipais (PDM's) de cada município.

de Carnide e um troço do rio Nabão; em Alvaiázere, por fim, vales e várzeas abraçam dois cursos de água, o Nabão e a ribeira de Alge.

De referir, ainda, a presença, nestes concelhos, de pequenas ribeiras, que escoam das vertentes de serra, algumas de carácter sazonal, cujo caudal é fortemente influenciado por condições de precipitação intensa.



Mapa 5. Hidrografia de Terras de Sicó. Localização dos monumentos megalíticos (1-Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmen do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere) (Fonte: SNIRH).

4. ESTADO DA ARTE

O megalitismo da região de Sicó será, ao longo deste trabalho, analisado segundo critérios administrativo (limites concelhios), por mera questão de sistematização dos dados.

Neste sentido, os vestígios arqueológicos analisados, concretamente os monumentos megalíticos, serão, primeiramente, abordados por concelho, isoladamente, passando, depois, a tomar considerações sobre estes num contexto regional. Dito isto, tratarei dos vestígios megalíticos¹⁰ existentes nos concelhos de Alvaiázere, Ansião, Penela, Pombal e Soure, em função dos limites geográficos de cada um dos concelhos.

Para estabelecer um estado da arte das entidades arqueológicas em estudo devo começar por dizer que os estudos efetuados a âmbito regional sobre vestígios funerários neolíticos, demonstram-se, ainda, poucos, pelo que, alguns dos monumentos que irei analisar ao longo deste trabalho não possuem trabalhos científicos realizados, não existindo, assim, uma vasta bibliografia que possa referenciar para os casos de estudo.

A falta de estudos sobre estes locais está relacionada com uma falta de trabalhos arqueológicos nos monumentos, nomeadamente escavações arqueológicas, que caracterizem as suas arquiteturas e espólios. Em alguns casos as escavações são antigas e realizadas por leigos, não existindo um registo arqueológico detalhado da informação sobre o processo de escavação.

De referir, ainda, a informação de que vários dos monumentos abordados adiante neste trabalho já se encontrarem destruídos, estando mesmo alguns já arrasados ao momento da sua primeira referenciação bibliográfica. Nos que se enquadram neste último caso, aparecem indicados em bibliografia antiga pela presença de espólio no local que remete para a presença de uma anta/dólmen ou, ainda, serem referenciados em monografias com base em informação oral, estando neste contexto relacionados com informação que provém da transmissão oral, por parte de populações locais, da presença destes monumentos.

De entre os concelhos em análise posso ressaltar os monumentos do Rego da Murta, no concelho de Alvaiázere, que intervencionados entre 1998 a 2001, e posteriormente alvo de restauro, vêm sendo alvo de abordagem frequente em artigos científicos, tendo sido estudados no âmbito de uma tese de doutoramento. Os trabalhos mais significativos para este local são da autoria de Alexandra Figueiredo, que estudou esta necrópole na sua tese de doutoramento “Complexo Megalítico de Rego da Murta. Pré-História Recente do Alto Ribatejo (Vº- IIº Milénio a.C.): Problemáticas e Interrogações” (FIGUEIREDO, 2006). Enquanto uma das

¹⁰ Segundo o critério de exposição alfabética.

dirigentes da escavação dos monumentos megalíticos do Rego da Murta, cujos trabalhos ocorreram durante o processo de construção da sua tese, foi esta investigadora que os deu a conhecer, ainda que já existissem pontuais referências sobre estes monumentos. A par da sua dissertação, tem vindo a realizar publicações frequente de artigos científicos sobre este sítio nas mais diversas revistas arqueológicas, pelo que, o conjunto bibliográfico para este concelho é, consideravelmente, um dos mais significativos. Os últimos trabalhos que publicou trouxeram novidades relativamente à sua tese de doutoramento, na medida em que fazem uma análise sobre o planeamento e orientação dos monumentos do Rego da Murta, “*The planning and orientation of the Rego da Murta dolmens (Alvaiázere, Portugal)*” (FIGUEIREDO, *et al.*, 2018).

Fazendo um levantamento, por concelho, dos trabalhos arqueológicos realizados e da bibliografia produzida para os monumentos megalíticos em análise, posso destacar os trabalhos de L. Albuquerque e Castro, para o concelho de Pombal, que publica a primeira referência à descoberta de dois monumento megalíticos perto da vila de Pombal, na revista *Lucerna* “Monumento megalítico da Feteira (Pombal - Portugal) – Resumo” (CASTRO & CASTRO, 1966), posteriormente, L. Albuquerque e Castro e O. de Vêiga Ferreira publicam, na revista *Caesaraugusta* o resultado da escavação de um dos monumentos, aquele que designaram por Alto da Feteira, “O monumento megalítico do Alto da Feteira (Pombal)” (CASTRO & FERREIRA, 1969).

O único monumento estudado para o concelho de Soure foi descoberto nos inícios dos anos 90 do século passado sendo, pela primeira vez, sumariamente, indicado enquanto “estação neolítica ainda inédita”, num artigo que caracteriza uma estação romana nas suas proximidades “Dordias (Pombalinho - Soure): Uma estação romana no território da Ladeia” (MONTEIRO, 1996, p.82). A escavação deste monumento veio a ocorrer poucos anos mais tarde, sendo alvo de três campanhas de escavação nos anos de 2001, 2002 e 2003, intervenções realizadas no projeto de investigação “Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura” (EVACM)”, tendo como arqueólogos coordenadores António Monteiro e Fernando Pereira da Silva, projeto que tinha por objetivo o estudo científico e posterior musealização deste monumento. O falecimento precoce de Fernando Silva não permitiu concluir os trabalhos de escavação e posterior estudo e publicação dos resultados. Recentemente foram publicados os resultados das campanhas de escavação realizadas “Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no Maciço Calcário de Sicó” (SILVA, *et al.*, 2017), bem como, um estudo sobre o espólio arqueológico do monumento, “Estudo do espólio arqueológico da Anta da Casa da Moura (Soure, Portugal)”

(ROCHA, *et al.*, 2018) e, ainda, uma análise sobre o conjunto osteológico exumado “O conjunto osteológico da anta da Casa da Moura (Soure, Portugal)” (CALADO, *et al.*, 2019).

Os monumentos mencionados no concelho de Penela são um daqueles exemplos que se enquadram numa referenciação com base em informações orais recolhidas, não tendo por base uma investigação arqueológica ou, mesmo, um registo destas sepulturas e do seu espólio. A presença de dois monumentos megalíticos está referenciada para o concelho de Penela, constando em monografias sobre a região, das quais destaco os trabalhos de Salvador Dias Arnaut e Jarnaut (ARNAUT, 1937; JARNAUT, 1915). Baseando-se em informação oral, estas monografias, fazem referência a um monumento designado “Dólmen do Laço ou Adolaço”, totalmente destruído, do qual apenas se conhece uma ponta de lança (ARNAUT & DIAS, 2009), e a outro denominado “Cabeça de Ante”, também este destruído, do qual não há registo de nenhum vestígio material proveniente, estando, apenas, certificado pela tradição oral e toponímia (SILVA & SALGUEIRO, 1991).

Por fim, no concelho de Ansião, os três monumentos megalíticos identificados até ao momento¹¹, não se encontram caracterizados, não existindo bibliografia própria sobre os monumentos, dado que já se encontrariam parcial ou totalmente destruídos à data do seu achado, contudo, fornecem-nos informações mais precisas do que os de Penela, pela existência, nos locais que ocupariam, de vestígios artefactuais e, até, osteológico.

Ainda que não exista bibliografia própria sobre estes vestígios, encontram-se referenciados em monografias, marcam presença em catálogos arqueológicos, com referência do local de proveniência, e surgem em outros trabalhos que não focam apenas estes monumentos.

¹¹ Segundo informação presente na carta arqueológica do concelho de Ansião e do Portal do Arqueólogo (CNS 18211, CNS 19158 e CNS 18217)

5. MEGALITISMO DE SICÓ: UNIVERSO DE ANÁLISE

Neste capítulo passarei a analisar, por concelhos, os dados disponíveis para cada monumento em análise, realizando uma nova abordagem aos sítios arqueológicos, segundo a perspectiva da Geologia, nomeadamente do que ao local de implantação e materiais/recursos utilizados para construção dos monumentos megalíticos diz respeito. Neste sentido, aos dados arqueológicos e antropológicos conhecidos, complementarei as informações disponíveis com elementos sobre as características arquitetónicas dos monumentos, segundo os recursos utilizados e técnicas de construção empregues.

A apresentação dos concelhos e respetivos monumentos megalíticos de cada área geográfica, na região que tomarei como “Megalitismo de Sicó”, obedecerá ao critério de exposição alfabética nas entradas para os cinco concelhos, utilizando, por sua vez, o critério de ordem de descoberta/escavação na definição dos monumentos conhecidos para cada município.

Analisarei, no total, dez monumentos megalíticos, pertencentes ao território de Sicó¹² (Mapa 6, Anexo 1): dois destes no concelho de Alvaiázere; três no concelho de Ansião¹³; dois prováveis no concelho de Penela; dois no território pertencente a Pombal e outro, no município de Soure.

5.1 MEGALITISMO DE ALVAIÁZERE

A investigação arqueológica para o concelho de Alvaiázere tem-se composto de forma importante, existindo um forte investimento na pesquisa científica e promoção de trabalhos arqueológicos com vista ao conhecimento do Megalitismo da região. Enquadrando o concelho de Alvaiázere no panorama do Alto Ribatejo, os investigadores têm potenciado um intenso conhecimento sobre as práticas funerárias neolíticas desenvolvidas nesta área territorial, ainda que, as construções tumulares para a região de Alvaiázere também não se mostrem muito conhecidas (FIGUEIREDO, 2013a).

Este concelho, de entre os em análise, pode definir-se como o mais bem estudado e cuja informação bibliográfica é mais significativa. Através da investigação já realizada é possível tomar conhecimento sobre a incidência do Megalitismo no território de Terras de Sicó e, ao mesmo tempo, comparar os dados aqui obtidos com os das regiões em que existe uma forte

¹² As informações geográficas de localização dos monumentos, ao longo deste capítulo, serão dadas no Sistema de referência terrestre WGS84.

¹³ Um dos quais não se demonstra como certo corresponder a um monumento megalítico (Alto da Pisca).

expressão cultural megalítica (nomeadamente a da Figueira da Foz, na Serra da Boa Viagem), criando paralelos, até mesmo, a nível nacional.

A realização de trabalhos de escavação sobre os monumentos do Rego da Murta (aldeia do Ramalhal, Alvaiázere), que decorreram entre 1998 e 2001, sob o projeto de investigação TEMPOAR I (que pretendia tomar conhecimento sobre o megalitismo do Alto Ribatejo, universo de análise) (FIGUEIREDO, 2006) trouxeram ao conhecimento científico novos dados sobre o megalitismo desta região.

A investigação decorrida neste conjunto de sítios arqueológicos permitiu defini-los como “complexo megalítico”, dada a presença de, pelo menos, doze monumentos conhecidos (FIGUEIREDO, 2013b). Neste espaço sagrado, que se desenvolve na margem direita da ribeira do Rego da Murta, estão identificados dois monumentos megalíticos de tipo anta, a anta I e anta II do Rego da Murta, “sete menires, uma laje horizontal com arte rupestre composta por covinhas e motivos lineares e, ainda, quatro sítios relativamente atípicos” (FIGUEIREDO, 2017, p.43). O núcleo do Rego da Murta desenvolve-se “numa espécie de semicírculo em redor da Anta II do Rego da Murta, a partir da qual os elementos de tipo menir distam em média cerca de 150 metros” (FIGUEIREDO, 2006, p.138).

A área de implantação destes monumentos funerários, na margem direita da ribeira que lhes dá o nome, encontrar-se-á associada a um forte simbolismo, dada a construção de outros monumentos, não funerários, nas suas proximidades. Estes monumentos megalíticos, de caráter votivo ou ritual, demonstram uma sacralização do espaço pelas comunidades construtoras neolíticas.

A par dos monumentos do Rego da Murta, que ainda se preservam (Est. IV e V, Anexo 4) e, cujo estudo e escavação permitiu um conhecimento aprofundado sobre o complexo arqueológico do ponto de vista particular e global, tendo em conta o contexto em que se integra, existe referência a outros monumentos no concelho de Alvaiázere, porém, estes ou já se encontram destruídos ou não foi possível relocalizá-los.

A tese de doutoramento de Alexandra Figueiredo (FIGUEIREDO, 2006) descreve todo o processo arqueológico desenvolvido no estudo do complexo megalítico de Rego da Murta, fazendo, também, um inventário dos monumentos megalíticos do Alto Ribatejo. Neste inventário refere outros três monumentos megalíticos conhecidos para o concelho de Alvaiázere, contudo, não identificados/possivelmente destruídos: Anta I e II dos Penedos Altos (local de Penedos Altos) e a Anta da Cabreira (na freguesia de Maçãs de Dona Maria) (*Ibidem*, p.341).

Outro monumento poderá ter existido no lugar de Banhosa (freguesia de Pelmá). A informação consta numa monografia sobre o concelho de Alvaiázere (NUNES, 2001), onde, também estão identificados os monumentos do Rego da Murta (ao momento em estudo), sendo feita a descrição de outro monumento megalítico, do conhecimento do autor, que terá existido nesta aldeia, mas que terá sido destruído, “*ao fundo da Banhosa, foi encontrado numa surriba de terra para amanhã, um dólmen que pelo desconhecimento do que se tratava, foi destruído. Pela lembrança que tenho dele, estava intacto: os esteios, a pedra da mesa e o túmulo*” (Ibidem, p.20).

5.1.1 MONUMENTOS DO REGO DA MURTA

Os monumentos megalíticos do Rego da Murta localizam-se perto da aldeia do Ramalhal, na atual freguesia de Pussos São Pedro, no concelho de Alvaiázere (Mapa 7, Anexo 1). Implantam-se numa planície, entre o rio Nabão e o rio Zêzere, ocupando uma zona de baixa altitude, compreendida entre os 200 a 230 metros. O acesso é feito pela estrada nacional nº348 sentido Tomar-Alvaiázere (FIGUEIREDO, 2007).

Assentam sobre um depósito de aluvião, na área aplanada da margem direita da ribeira do Rego da Murta, ainda que, se encontrem, numa área, geologicamente definida pelas formações do Grupo de Coimbra (Mapa 17, Anexo 1). Este depósito será, segundo Figueiredo (FIGUEIREDO, 2006, p.157), “*resultante de um antigo caudal, muito mais extenso que o da atual ribeira que lhe passa a este, ocupando uma área que se prolongava até aos monumentos*”.

Trabalhos prévios de prospeção neste local permitiram identificar dois monumentos funerários, a anta I e II do Rego da Murta, que distam cerca de 470 metros entre si (FIGUEIREDO, 2006).

Sob o projeto TEMPOAR I, o monumento designado por anta I do Rego da Murta (coordenadas geográficas: 39.765558, -8.368033¹⁴) foi o primeiro deste complexo a ser alvo de trabalhos arqueológicos, no ano de 2001 (Ibidem), seguindo-se trabalhos ao nível da anta II.

¹⁴ Coordenadas retiradas do Portal do Arqueólogo (CNS 11463).

5.1.1.1 ANTA I DO REGO DA MURTA

A anta I do Rego da Murta (CNS 11463) foi escavada, em profundidade, até à camada que se apresentava estéril (camada 4), correspondente a um depósito fluvial (FIGUEIREDO, 2013b).

O monumento corresponde a um dólmen de corredor médio diferenciado, com câmara de planta subpoligonal, com cerca de 4 metros de eixo maior, composta por oito esteios (registando-se dois deles na zona da cabeceira) (Fig. 1, Anexo 2). O corredor, com orientação a sudeste, apresenta cerca de 3 metros de comprimento e 1 metro de largura (Fig. 3, Anexo 2), sendo composto, atualmente, por seis lajes de várias dimensões (Est. I e II, Anexo 4) (FIGUEIREDO, 2006; 2007; 2013a; 2013b; 2021; TOMÉ & SILVA, 2013).

Na arquitetura do monumento, a zona do corredor corresponde à área mais bem preservada, tendo em conta que o monumento terá sido alvo de remeximentos.

Observou-se, durante a intervenção arqueológica, um desnível acentuado entre o corredor e a câmara, com cerca de 50 cm de profundidade no centro da câmara (FIGUEIREDO, 2006, p.39).

Estratigraficamente observam-se quatro camadas, correspondendo a “camada 2” ao nível de ocupação pré-histórico (FIGUEIREDO, 2013b).

No interior do monumento foram identificadas estruturas pétreas de pequenas dimensões, junto dos esteios, que poderão corresponder a contrafortes (Fig. 2, Anexo 2), estando distribuídas pelas várias camadas (*Ibidem*, p.12). Tendo-se verificado, ainda, durante a escavação, a presença de “pequenas estruturas semicirculares, na base da câmara, do lado inferior esquerdo, que possivelmente serviriam para escorar postes ou objetos de madeira” (FIGUEIREDO, 2006, p.161), junto das estruturas foi possível recuperar grande quantidade de artefactos.

A escavação em profundidade deste monumento, até à camada estéril, permitiu a realização de uma descoberta inédita sobre o planeamento construtivo e orientação do monumento. Constituiu-se como uma descoberta de grande interesse no que à região em particular diz respeito, trazendo, ao mesmo tempo, novas perspetivas para a investigação megalítica em contexto nacional e internacional.

A estrutura arquitetónica da anta I encontrar-se-ia, ao momento da intervenção, bastante danificada, pelo que se terá optado pela escavação integral do monumento, clarificando-se, deste modo, quais as técnicas construtivas empregues na sua edificação. A escolha deste método de intervenção foi responsável pela identificação, na camada arqueológica mais profunda do monumento, localizado na unidade abaixo da camada base do esteio mais profundo, de uma série de blocos de quartzito de formato subquadrangular (com 10 a 15 cm de largura). Estes encontrar-se-iam embutidos nesta última camada, aparentemente *in situ* (FIGUEIREDO, *et al.*, 2018; FIGUEIREDO, 2019a; 2021).

O achado destes blocos de quartzito, na unidade estratigráfica em que foram identificados, diferenciou-os, de imediato, do restante material pétreo empregue na construção do monumento, cuja matéria-prima utilizada foi o calcário. Para além da sua constituição material, também em forma demonstravam-se diferentes, distinguindo-se morfológicamente das outras pedras utilizadas como contraforte de esteios, ou das empregues na condenação das deposições (*Ibidem*).

A posição destes blocos, na referida camada, tornou-se o fator mais interessante do ponto de vista arqueológico, dado que estes se encontrariam colocados em locais estruturais para a arquitetura do monumento (Fig. 4, Anexo 2), isto é, a meio dos esteios de cabeceira (A), no ponto central da câmara (B) e à entrada do corredor (F) (FIGUEIREDO, *et al.*, 2018, p.212), sem aparente função conhecida encontram-se os blocos D, G e H, cuja localização fora da estrutura não permitiu identificar a sua função na mesma.

Estes blocos encontravam-se, dispostos entre si, em pares, de forma quase equidistante (Fig.5, Anexo 2), sugerindo a utilização de uma unidade padrão ou de um instrumento de medida, com a finalidade de marcar a estrutura megalítica. Os pares de blocos E-F e G-H encontravam-se equidistantes a 1,60 m, mesma distância que corresponde à largura do corredor, bem como, a metade do eixo maior da câmara (cuja dimensão total é 3,20 m) e a metade do comprimento do corredor (3,20 m totais) (*Ibidem*, p.215).

Reforçando uma teoria de planeamento construtivo para este monumento, foram realizadas algumas combinações entre blocos de quartzito, que sugeriram uma intenção relacionada à marcação da orientação do monumento, ligada aos pontos cardeais. Os blocos A-C e D-F-G indicam direções norte-sul com boa precisão, enquanto que, os pares B-D e C-F apontam para uma direção leste-oeste (*Ibidem*).

5.1.1.1.1 MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Os monumentos megalíticos do Rego da Murta encontram-se nas proximidades de uma zona de contacto entre unidades geológicas dos Períodos Jurássico Inferior e Triássico, pelo que, existe, a um raio de poucos quilómetros, numa área circundante a este complexo, fontes de matéria-prima de natureza geológica distinta.

O complexo do Rego da Murta encontra-se assente sobre terrenos da série Jurássico inferior na passagem da Formação de Pereiros (arenitos esbranquiçados ou acastanhados, pelitos e dolomitos arenosos e biodetríticos) para a Formação de Coimbra (também conhecida em conjunto com a Formação de S. Miguel como Grupo de Coimbra ou Dolomitos de Coimbra) composta por dolomitos a calcários dolomíticos, pelitos/argilitos, calcários a calcários margosos e margas (CUNHA, 1990b; DIMUCCIO, 2014; FIGUEIREDO, 2019a; SOARES, *et al.*, 2007) Esta última formação é observável a cerca de 1 quilómetro de distância a oeste da Anta I, próximo do caminho, mas não foi possível a sua identificação no local da anta por esta se situar numa zona de linha de água com material aluvionar de cobertura.

Relativamente ao material de construção das sepulturas megalíticas do Rego da Murta, apenas é feita referência, na bibliografia existente, ao aproveitamento da matéria-prima local, o calcário, para a construção da necrópole (FIGUEIREDO, 2004; 2006; TOMÉ & SILVA, 2013), sendo referida, ainda, a presença, nesta área, de “aparentes cortes artificiais de alguns afloramentos, a norte do complexo, onde afloram rochas arredondadas e outras aplanadas que facilmente poderiam ser cortadas e transportadas por um grupo de pessoas relativamente reduzido” (FIGUEIREDO, 2021, p.63).

Em visita efetuada ao local¹⁵, foi confirmado que a construção dos monumentos utiliza, quase exclusivamente, o material pétreo disponível na área circundante mais próxima para edificação dos monumentos. Os ortóstatos dos monumentos do Rego da Murta são produzidos do calcário dolomítico do Jurássico Inferior, material existente na unidade geológica da sua posição topográfica. Esta concordância entre o estrato geológico e os blocos pétreos utilizados na construção permite definir, empiricamente, a proveniência local do material utilizado.

A utilização, quase exclusiva, de matéria-prima local, cuja origem poderei definir num raio de cerca de 1-2 quilómetros, não se reflete, no entanto, com a presença de abundantes afloramentos rochosos nesta área de ação. Tal evidência poderá ser explicada pela área de

¹⁵ Data da visita: 26 de novembro de 2022

assentamento dos monumentos constituir uma unidade de aluvião da ribeira do Rego da Murta. De características litológicas distintas da área envolvente, o local de assentamento dos monumentos, revela a inexistência, num raio de dezenas/centenas de metros, de material calcário para constituição dos esteios dos monumentos. A presença de matéria rochosa, a cerca de 1 quilómetro dos monumentos, coincide com uma área já sem afetação da camada de sobreposição de aluvião, da qual terá sido retirado o material para constituição dos esteios.

Na Anta I do Rego da Murta, concretamente, observa-se a presença, na área do corredor, de calcário menos dolomítico, e mais branco, que a avaliar pelas reduzidas dimensões faria parte do material pétreo da couraça do monumento. Isto identifica a utilização, num mesmo monumento, de material de construção de carácter distinto, com diferentes proveniências. A presença de uma série de blocos de quartzito, encontrados na camada arqueológica mais profunda deste monumento, distingue-se, completamente, do material pétreo remanescente empregue na construção, o calcário. Pela escassa informação disponível (FIGUEIREDO, 2019a; 2021), não é possível avaliar com grande exatidão este material e sua zona de extração. As dimensões dos blocos quartzíticos (10-15 cm) e suas características gerais, incluindo as marcas de desgaste (FIGUEIREDO, 2019a) permitem, apenas, defini-los como seixos de quartzito da ribeira, constituindo um tipo de material que, geralmente, não existe no afloramento calcário. Este tipo de material costuma estar sujeito a grandes deslocações, do seu local de origem, enquanto material coluvial, podendo, por isso, ter sido transportado pela ribeira do Rego da Murta até às proximidades do complexo megalítico.

De uma forma geral, considero que exista, para anta I do Rego da Murta, relativa homogeneidade construtiva, visto que, ao nível dos esteios que a compõem, esta demonstra compatibilidades ao nível da matéria-prima utilizada, bem como, nas dimensões dos blocos aplicados, nomeadamente nos quesitos altura e largura, entre os quais não se observa uma invariabilidade significativa. Diferencia-se, ao nível da arquitetura, a questão da espessura dos ortostatos, cujas proporções se demonstram mais variáveis, verificando-se, ao nível dos esteios da câmara, espessuras na ordem dos 45-50 cm, por contraste com os do corredor, que não ultrapassam os 20-25 cm. Esta questão poderá ser explicada com uma solução construtiva adotada pelas comunidades construtoras destes monumentos, e/ou poderá estar diretamente relacionada com as áreas de obtenção da matéria-prima, provindo os blocos calcários de camadas distintas, justificando as diferenças de espessura no material rochoso. O monumento

II do Rego da Murta demonstrará, à semelhança deste, as mesmas características gerais de construção.

De evidenciar, no contexto particular desta necrópole, a opção pela utilização de uma única tipologia de matéria-prima na edificação dos monumentos. A existência de fontes de matéria-prima, de natureza geológica distinta, a uma distância moderadamente curta, poderia ter influenciado na solução geológica adotada para estas construções, contudo, foi dada preferência à utilização exclusiva da matéria-prima existente nas imediações, o calcário.

Trata-se de uma questão a realçar, dado que, por comparação, em outras regiões, nomeadamente na necrópole da Serra da Boa Viagem, nas quais também se identificam áreas de contacto entre unidades geológicas nas proximidades dos locais de implantação dos monumentos megalíticos, as soluções geológicas adotadas tendem a ser de carácter misto, estando empregues materiais rochosos de tipo distinto nas edificações (questão que discutiremos adiante, no capítulo 6).

5.1.1.2 ANTA II DO REGO DA MURTA

As escavações na anta II do Rego da Murta (coordenadas geográficas: 39.763397, - 8.367676¹⁶), desenvolveram-se posteriormente ao término dos procedimentos na anta I, tendo decorrido durante três anos, entre 2003 a 2005 (FIGUEIREDO, 2006).

A estrutura da anta II do Rego da Murta (CNS11464) encontrava-se em melhor estado de conservação, relativamente à anta I. Registando-se os “processos de deposição pré-histórica, relativamente selados por um aglomerado pétreo de condenação do monumento, deposto aquando das últimas ocupações” (FIGUEIREDO, 2007, p.4).

As duas estruturas funerárias demonstram-se, morfologicamente, semelhantes (Fig. 8, Anexo 2), pelo que, este monumento, também é constituído por câmara poligonal de grandes dimensões (composto por 8 esteios), com cerca de 3 metros e meio no eixo oeste-este e, cerca de 2 metros no eixo norte-sul (Fig. 7, Anexo 2). O corredor, ligeiramente alongado, prolonga-se por mais de 3 metros. Este apresenta um estreitamento desde a área da câmara (em que possui quase 2 metros) até à entrada do monumento (cerca de 1 metro) (FIGUEIREDO, 2006; 2013b; TOMÉ & SILVA, 2013). À semelhança da anta I, o corredor encontra-se voltado a sudeste.

¹⁶ Coordenadas retiradas do Portal do Arqueólogo (CNS 11464).

Distinguem-se, relativamente, entre si, quando analisada a construção das paredes de passagem câmara-corredor dos dois monumentos. A anta I é exclusivamente composta por lajes, enquanto que, a anta II, incorpora na sua arquitetura um menir, possivelmente reutilizado, que estará associado a uma segunda fase de utilização da sepultura (FIGUEIREDO, 2019a, p.128).

As zonas laterais da anta II, entre a câmara e o corredor, indicam, ainda, a presença de um nível de pedras, dispersas, que terá servido como estrutura pétreo de contrafortagem para os esteios (Fig. 6, Anexo 2; Est. III, Anexo 4) (FIGUEIREDO, 2006; 2007). Outro agrupamento de blocos, no centro da câmara, disposto sobre as primeiras deposições do monumento, correlacionam-se com o período de selagem/condenação da estrutura (FIGUEIREDO, 2006, p.265).

A escavação deste monumento megalítico individualizou quatro camadas distintas, registando-se, estratigraficamente, duas camadas de ocupação. A camada 2, e mais recente, datará do Calcolítico inicial e/ou médio, e o nível da camada 3, que pertencerá a contextos do Neolítico médio e final (FIGUEIREDO, 2007, p.4).

Neste monumento, dado o seu bom estado de preservação arquitetónica (Est. VII e VIII, Anexo 4), optou-se pela não escavação do nível abaixo da base dos esteios, como realizado na anta I, contudo, a identificação, próximo do esteio de cabeceira deste monumento, de uma pedra de quartzito subquadrangular semelhante às encontradas na anta I, sugere que outras poderão estar presentes neste monumento, repetindo o mesmo planeamento construtivo da outra construção (FIGUEIREDO, *et al.*, 2018, p.212).

A necrópole megalítica do Rego da Murta toma particular destaque no que ao planeamento construtivo dos monumentos megalíticos diz respeito, já que, aqui, foi identificada a utilização de um sistema de cálculos na preparação da construção dos sepulcros, que se baseia num sistema preciso de medição e orientação intencional das construções funerárias, do qual os blocos de quartzito encontrados se demonstram provas (FIGUEIREDO, 2019).

Desta necrópole e complexo megalítico poderiam, em momento pretérito, fazer parte outros monumentos megalíticos. Identificam-se, na mesma freguesia, pelo menos seis topónimos sugestivos de associação com estruturas de tipo anta (citados em 2.2.1 - Alvaiázere).

5.1.1.3 ESPÓLIOS ARQUEOLÓGICOS

O espólio arqueológico, obtido durante as intervenções arqueológicas realizadas na anta I e anta II do Rego da Murta, mostra-se diversificado, em termos de tipos e grupos representados (demonstrando grande diversidade morfotecnológica) e, significativo em quantidade de materiais.

Os vestígios encontrados na anta I do Rego da Murta evidenciam uma dispersão dos materiais por três áreas preferenciais de deposição, uma localizada no centro do monumento, junto a uma das estruturas semicirculares pétreas, outra à entrada do corredor e, outra, junto ao esteio localizado entre o corredor e a câmara (FIGUEIREDO, 2007).

Na categoria das cerâmicas, no caso da anta I, foram recolhidos cerca de 242 fragmentos, dos quais 182 pré-históricos e os restantes de épocas mais recentes, possivelmente relacionadas a posteriores violações do monumento (FIGUEIREDO, 2006, p.188). Dos fragmentos suscetíveis de analisar, inventariaram sete tipos de vasos, segundo a tipologia morfológica da autora, e cinco formas decorativas distintas (decoração incisa, aplicações plásticas, decoração impressa e utilização de engobes de cor avermelhada/alaranjada) (FIGUEIREDO, 2006; 2007; 2013b).

O grupo dos líticos da anta I é composto por artefactos de pedra lascada, em grande número, cuja maioria corresponde a lascas de diferentes tipos (mais de uma centena de lascas) e micrólitos, seguido das lâminas e lamelas, e das pontas de seta (cerca de 33 de doze tipos). A maioria dos elementos (em especial as lascas), à exceção das pontas de seta, utiliza o sílex como matéria-prima de produção. O quartzito, quartzo leitoso, quartzo hialino, quartzo rosa e xisto também se encontram presentes, mas em menor quantidade (FIGUEIREDO, 2006, p.206).

Os artefactos de pedra polida surgem de forma mais discreta neste contexto, pelo que, os únicos elementos compreendem uma goiva e um machado em anfíbolito (Est. VI, Anexo 4) (*Ibidem*, p.233).

Relativamente aos objetos de adorno, simbólicos ou de cariz ornamental, destaca-se a presença de dois pendentos, 40 contas de colar, três dentes de javali, um botão em osso, um disco e uma placa em micaxisto, três fragmentos de placas de xisto sem decoração e um cossoiro/peso de rede (*Ibidem*, p.235).

Por sua vez, os vestígios artefactuais da anta II demonstram uma clara dispersão por duas áreas distintas, o interior, onde se desenvolvem deposições em associação com os

conjuntos ósseos identificados, e o exterior, onde também se terão desenvolvido atos de deposição artefactual (*Ibidem*, p.260).

No interior do monumento, os materiais surgem associados a vestígios ósseos, compondo diferentes ossários, integrados nas duas camadas de ocupação (camada 2 e camada 3). As materialidades encontradas em associação com restos osteológicos compõem-se distintas morfotecnologicamente, indicando deposições em momentos isolados no tempo (FIGUEIREDO, 2007, p.4).

Os artefactos recolhidos apresentavam um bom estado de conservação, nomeadamente na categoria das cerâmicas, composta por 343 fragmentos (todos pré-históricos). A quase totalidade destes fragmentos não apresentava qualquer tipo de decoração, contudo, numa minoria de elementos, foram inventariados quatro tipos decorativos distintos (decoração impressa, pontilhada e puncionada, decorações plásticas e decoração incisa) (FIGUEIREDO, 2006).

O espólio lítico da anta II é, à semelhança da anta I, bastante rico e diversificado, sendo composto, na sua maioria, por artefactos de pedra lascada, que totalizam mais de quatro centenas de objetos, com particular destaque, também neste monumento, para as lascas e variantes (cerca de 74 peças), seguido das pontas de seta e adorno, do grupo dos macrolíticos e, por fim, das lâminas e lamelas. A matéria-prima privilegiada também é o sílex, tal como na anta I. Outros materiais como o quartzo leitoso, o quartzo hialino, o anfibólito e o xisto também se encontram presentes, mas em menor quantidade (*Ibidem*, p.284).

Os objetos de pedra polida apresentam-se, igualmente, com menores proporções a nível geral, contudo são identificadas 19 entradas (*Ibidem*).

Neste conjunto, os objetos de adorno ou de cariz ornamental são representados por 63 contas de colar (na sua maioria em variscite), dois pendentes e três fragmentos de placas em xisto (dois dos quais poderão corresponder à mesma peça, visto apresentarem a mesma espessura, cerca de 7mm) e um em calcário. Foram recolhidos, ainda, dois botões em laço e um alfinete que correspondem a artefactos sobre osso (*Ibidem*, p.306). No caso dos adornos, a variedade de matéria-prima, na sua maioria de origem não local, revela-se na presença de materiais como a variscite, azeviche, xisto talcoso, anidrite e esteatite (*Ibidem*, p.284)

A presença de vestígios artefactuais, relativamente bem contextualizados, demonstra-se bastante relevante no âmbito de estudo dos monumentos I e II do Rego da Murta, pois, através

destes, é possível estabelecer datações com alguma exatidão para os contextos de achado e diferentes camadas de ocupação.

Na anta I do Rego da Murta, os artefactos encontrados na camada mais antiga, correspondente ao nível de ocupação pré-histórico (camada 2), estarão relacionados a uma cronologia do Neolítico final/Calcolítico inicial. Nas camadas mais recentes, os vestígios apontam para um período mais tardio, que datará do Calcolítico final/Idade do Bronze inicial (FIGUEIREDO, 2010; 2013b).

A anta II do Rego da Murta, revela, por sua vez, uma ocupação mais antiga do que a registada para anta I, que pertencerá a contextos do Neolítico médio e final (registada no nível da camada 3), sendo o contexto mais recente identificado neste monumento do Calcolítico inicial e médio (registado na camada 2) (FIGUEIREDO, 2007; 2010).

5.1.1.4 CONJUNTOS OSTEOLÓGICOS

As intervenções realizadas nas antas I e II do Rego da Murta permitiram, não só, obter grande quantidade de espólio arqueológico como, também, recolher material osteológico com algum significado.

Da anta I do Rego da Murta obteve-se um material osteológico significativamente mais fraturado, em virtude da maior violação verificada ao nível do monumento. O estado de destruição do monumento interferiu diretamente com a qualidade de conservação do espólio osteológico, que se demonstrou descontextualizado relativamente à sua unidade estratigráfica de origem (FIGUEIREDO, 2006).

Os vestígios osteológicos aparecem em maior concentração junto às lajes da sepultura e na zona de passagem do corredor para a câmara, correspondendo às zonas mais preservadas. A zona central da câmara corresponderia à área de maior violação, demonstrando um conjunto de ossos desconectados anatomicamente (FIGUEIREDO, 2013b).

Reconheceu-se, neste monumento, a prática de dois tipos de ritual, a inumação e a incineração, contudo, a prática de inumação é quase exclusiva na maioria dos ossos recolhidos, existindo, como exceção, dois locais com incinerações (FIGUEIREDO, 2006; 2007; 2013b).

Por rituais de deposição, a anta I, demonstra deposições fúnebres em diferentes zonas do monumento, verificando-se que os esqueletos foram cobertos por terra e, posteriormente, condenados por pequenas estruturas pétreas (FIGUEIREDO, 2007, p.14).

A análise dos restos ósseos permitiu estimar a presença de um Número Mínimo de Indivíduos (NMI) de, pelo menos, cinquenta indivíduos, trinta e seis adultos e quatorze não adultos. Deste número, apenas dez peças permitiram realizar uma diagnose sexual segura, registando-se seis indivíduos do sexo feminino e quatro do sexo masculino (FIGUEIREDO, 2006; 2007; 2013b).

Os vestígios osteológicos da anta II do Rego da Murta também se apresentavam muito fragmentados, contudo, demonstram melhor estado de preservação do que os recolhidos na anta I.

Os dados reunidos para os vestígios ósseos da anta II indicam a presença “de, pelo menos, doze ossários, cada um com um espólio arqueológico característico e distinto do vizinho” (FIGUEIREDO, 2017, p.51).

O registo de deposições ósseas, acompanhadas de artefactos morfotecnologicamente distintos, pode indicar contextos relativos a grupos de elementos diferentes, relacionáveis a deposições em alturas distintas e individualizadas (FIGUEIREDO, 2007). Os artefactos encontravam-se em redor, sobre ou no interior das estruturas de condenação (FIGUEIREDO, 2006).

A presença exclusiva de ossários neste monumento e o aparecimento de algumas marcas de manipulação sobre os restos ósseos encontrados (como marcas de corte), poderá indicar a prática ritual de inumações secundárias. Como refere Alexandra Figueiredo, “pode supor-se que estes indivíduos eram enterrados primeiramente num determinado local, ou então o seu corpo era exposto ao ar livre e posteriormente trazidos para o monumento” (*Ibidem*, p.308).

A prática de deposição, neste monumento, está, sobretudo, relacionada a deposições em fossa, no qual eram colocadas as ossadas, posteriormente, tapadas com pedras para selagem do contexto (FIGUEIREDO 2006; 2007; 2017).

Os estudos antropológicos realizados, até ao momento, permitiram, apenas, definir a presença de um NMI de, pelo menos, quarenta e sete indivíduos.

Apesar da aparente contemporaneidade dos dois monumentos, observada pelas datações mais antigas registadas nas duas antas, as deposições parecem ter obedecido a uma determinada ordem, segundo a qual estas se terão realizado intercaladamente entre a anta I e a anta II (FIGUEIREDO, 2019a, p.139).

5.2 MEGALITISMO DE ANSIÃO

O concelho de Ansião apresenta-se como um dos municípios da região Centro Litoral cuja presença do fenómeno megalítico, no seu território, se encontra identificada, cronologicamente, há mais tempo. As primeiras indicações referentes à presença de monumentos megalíticos nesta jurisdição encontram-se datadas do século XIX, período coincidente com o desenvolvimento da Arqueologia Pré-histórica em Portugal (que teve como resultado uma análise mais cuidada sobre este tipo de sítios pelos pré-historiadores).

No município de Ansião encontram-se identificados, no Plano Diretor Municipal, três monumentos megalíticos (Mapa 8, Anexo 1), um dos quais se conhece desde 1866 a pretexto do achado, num terreno de plantação da vinha, de uma sepultura que continha materiais arqueológicos de cronologia neolítica (COUTINHO, 1986). O monumento passou a ser identificado como “dólmen de Ansião”, por corresponder ao primeiro, e único, até então, conhecido para a região.

A descoberta do segundo vestígio da mesma categoria, veio a ocorrer alguns anos mais tarde, pelos finais do século XIX, no decurso de obras municipais para abertura de uma estrada, numa localidade que dista, cerca de, um quilómetro e meio, da povoação onde foi identificado o dólmen de Ansião (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008).

O último sítio arqueológico (mencionado no PDM como monumento megalítico), identificado para esta região, localizava-se, aproximadamente, 600 metros¹⁷ a norte do dólmen de Ansião, e constitui uma descoberta de finais do século XX, revelada no decorrer de trabalhos de prospeção.

A inexistência de intervenções arqueológicas nestes monumentos, que já se encontrariam em avançado estado de destruição à data da sua descoberta, impossibilitaram o conhecimento sobre o seu tipo de construção e características arquitetónicas. Atualmente, todas

¹⁷ Segundo informação e coordenadas presentes no Portal do Arqueólogo – CNS18211 e CNS19158

estas arquiteturas encontram-se arrasadas, não fornecendo qualquer tipo de dados do ponto de vista arqueológico para sua identificação e localização exata, resta-nos os vestígios materiais e ósseos recolhidos para sua caracterização.

A recolha prévia das materialidades arqueológicas e osteológicas existentes nestas estruturas de cariz funerário, possibilitaram o seu conhecimento e identificação, tendo favorecido a existência de análises e estudos futuros sobre estes materiais, que se revelaram de suma importância enquanto dados plausíveis de serem estudado, capazes de proporcionar, ainda que sem a descrição das suas arquiteturas de proveniência, uma caracterização do megalitismo deste concelho.

5.2.1 MONUMENTO DE ANSIÃO/FONTE SANTA

O monumento de Ansião, CNS18211¹⁸, também designado por Fonte Santa (por ter sido encontrado no lugar de Fonte Santa), localizar-se-ia perto da povoação de Areosa, freguesia de Ansião (coordenadas geográficas: 39.927428, -8.437651¹⁹), e corresponde ao vestígio mais antigo conhecido para a região, hoje totalmente destruído (Est. IX a XI, Anexo 4).

A descoberta desta estrutura está relacionada com a recolha de um conjunto de artefactos que se encontravam “*encerrados dentro da sepultura, que em 1866 se descobriu em uma vinha, terreno arenoso, no sitio da Fonte Sancta, entre as povoações de Serradela e Constantina, cêrca de um kilometro e meio do logar de Anciã*” (CAMPOS, 1877, pp.1-2).

A destruição desta sepultura encontra-se registada desde, pelo menos, 1968, data em que Vera Leisner, no seu trabalho de mapeamento dos monumentos megalíticos da Península Ibérica, realiza uma visita a este local²⁰. Neste momento já não foi possível encontrar quaisquer vestígios da presença de um monumento megalítico neste local (LEISNER, 1998, p.143).

Dada a inexistência de registos sobre a arquitetura desta sepultura, apenas se conhece o conjunto artefactual que lhe pertenceria, composto por seis facas em sílex, um percursor em seixo e uma placa de xisto gravada (15,6x9,8cm) (Fig. 14, Anexo 3), oferecidos, no ano de

¹⁸ Portal do Arqueólogo: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2185871>

¹⁹ Coordenadas retiradas do Portal do Arqueólogo (CNS 18211).

²⁰ Segundo V. Leisner “Anta de Anciã, visitada em 1968, já não existe, a população nada sabe” (LEISNER, 1998, p.143) - tradução livre da autora.

1875, ao então *Museu de Archeologia* do Instituto de Coimbra, pelo Dr. António Augusto Simões (CAMPOS, 1877, pp.1-2).

Após a extinção do *Museu de Archeologia*, estes materiais foram transferidos para o Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, onde se encontram atualmente. Junto destes artefactos aparece outra placa de xisto, lisa de contorno trapezoidal e com uma perfuração, de proveniência incerta, sobre a qual não é feita menção de dimensões, e outra, do mesmo material, bastante danificada, de contorno trapezoidal (15,8x10,9x0,9 cm), mas decorada, encontrada no último quartel do século XX no decorrer de trabalhos agrícolas no lugar de Fonte Santa, que poderá ter como proveniência do dólmen de Ansião (COUTINHO, 1997; SILVA, 2012; VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008).

Entre os materiais do monumento de Ansião/Fonte Santa é de destacar a placa em xisto gravada, encontrada conjuntamente com o grupo de facas em sílex, reforçando a tese de uma utilização contemporânea destes materiais (PEREIRA & ROSA 1934; SIMÕES, 1878). A sua relevância no conjunto artefactual é significativa, na medida que constitui um exemplo bem conservado deste tipo de placas funerárias, e surge num contexto regional mais setentrional relativamente à sua área geográfica de maior expressão, a zona da Estremadura e sul do Tejo.

A placa de xisto recuperada em 1866 corresponde a um exemplar de uma peça tipo “placa reutilizada”, com algum significado simbólico, pois utiliza o material de uma placa de xisto pré-existente, sem prejuízo da integridade da placa original, tendo realçado o seu carácter antropomórfico. Neste exemplo em particular, recorreu-se à criação de dois entalhes laterais oblíquos simétricos, que compõem a zona dos ombros da figura, para realce da mesma, de entre os quais se destaca a área da cabeça. Apresenta dois orifícios na zona superior. O contorno da placa demonstra-se relativamente alterado, de modo a acentuar a forma antropomórfica (CARDOSO & VILAÇA, 2020, p.21).

5.2.2 MONUMENTO DA QUINTA DAS LAGOAS

O monumento das Lagoas, CNS18217, foi descoberto nos finais do século XIX, na localidade de Lagoa, a cerca de um quilómetro e meio do monumento localizado em Fonte Santa alguns anos antes (coordenadas geográficas: 39.923244, -8.439843²¹).

²¹ Coordenadas retiradas do Portal do Arqueólogo (CNS 18217).

A sua descoberta está relacionada com obras municipais de abertura de uma vala, para o levantamento dos alicerces do portão da Quinta das Lagoas (na rua da Quinta das Lagoas, Ansião)²² (Est. XIII, Anexo 4). No decorrer destes trabalhos, surgiu um conjunto interessante de vestígios arqueológicos e osteológicos, que foram recolhidos e, que também fazem parte do espólio museológico do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, ainda que não se conheça qualquer informação sobre a sua entrada neste museu. Uma nota de notícia, de 1996, terá feito referência à presença deste conjunto, até então ignorado, no sótão do referido Museu (COUTINHO, 1997).

O espólio arqueológico recolhido neste dólmen era, inicialmente, composto por uma lâmina de sílex e uma placa de xisto com um orifício na parte superior. A limpeza dos vestígios ósseos provenientes do mesmo monumento levaram à recuperação, de entre a terra que envolvia as calotes cranianas, de sete contas de colar discoides em xisto, e uma placa de arenito de cor bege (Est. XII, Anexo 4) (SILVA, 2012). A presença de uma placa de xisto e de outra em arenito (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008) demonstra certa particularidade para o contexto, visto que, conjuga dois materiais distintos na produção de placas, sendo a segunda ainda mais rara no contexto regional em que se encontra.

O conjunto antropológico, proveniente do dólmen de Lagoas, foi alvo de um estudo científico intensivo na tese de doutoramento de Ana Maria da Silva “Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico” (SILVA, 2012). Neste espólio contam 1670 fragmentos de osso preservados e 533 vestígios dentários, perfazendo um NMI total de 37, dos quais 62,2% (23/37) correspondem a adultos e 37,8% (14/37) a não adultos em distintas faixas etárias (SILVA, 2020). Os resultados obtidos para o conjunto de dados osteológicos provenientes deste monumento apontam no sentido de um enterramento primário, dado que, as análises dentárias efetuadas, sugerem que a decomposição dos corpos terá ocorrido dentro da sepultura (SILVA, 2012).

Dado que este monumento terá sido destruído durante a construção da estrada que liga Coimbra a Ansião (*Ibidem*, p.28) e, estando o local, atualmente, ocupado por infraestruturas municipais e por uma via que liga a estrada N348 à estrada municipal nº1090, as únicas

²² Informação no Portal do arqueólogo:

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2185877>

informações que possuímos sobre a existência do mesmo compreendem as coleções dele recolhidas.

A análise dos materiais arqueológicos deste contexto e a datação por radiocarbono realizada aos restos ósseos (4640±90 BP) (SILVA, 2020) permitiram definir uma cronologia estimada que corresponderá à segunda metade do 4º milénio a.C.

5.2.3 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO ALTO DA PISCA

O sítio arqueológico do Alto da Pisca, CNS19158, encontrar-se-ia a algumas centenas de metros a norte do dólmen de Ansião (coordenadas geográficas: 39.931981, -8.435905²³).

A descoberta desta estação arqueológica foi realizada por José Eduardo Coutinho, no final do século XX, no decurso de prospeções arqueológicas no limite Norte da Areosa²⁴. Coutinho diz-nos que “em 1973, ainda no tempo em que estava de pinheiral e mato, já ali apanhei bons pedaços de sílex zonado” (COUTINHO, 1997, p.52).

Aquando de trabalhos de prospeção, já na década de 80 do século passado, este local já se apresentava bastante revolvido, dada a utilização do terreno envolvente para plantação de vinha (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008). Aqui, identificou-se e recolheu-se, desde essa década, uma quantidade de espólio considerável que teria vindo ao de cima por ocasião dos trabalhos de lavra e cavas de vinha. Contam-se, de entre os vestígios, alguns materiais líticos (núcleos e lâminas em sílex, lamelas, raspadores e pontas de seta), fragmentos de cerâmica (vestígios com decoração impressa com recurso a concha) e duas contas de colar em variscite (COUTINHO, 1997, p.52).

O local foi alvo de novos trabalhos de prospeção nos anos de 2001 e 2010, no sentido de realizar um levantamento arqueológico do concelho de Ansião para, posteriormente, realizar a sua carta arqueológica. O resultado das prospeções não trouxe novos dados. Em virtude do estado de destruição do sítio não foi possível relocalizar com precisão a área de recolha dos materiais ou obter novas informações acerca do mesmo, impedindo uma definição exata da categoria de sítio arqueológico. No entanto, o sítio do Alto da Pisca (Est. XIV e XV, Anexo 4) foi integrado no levantamento arqueológico do concelho, estando classificado no Plano Diretor

²³ Coordenadas retiradas do Portal do Arqueólogo (CNS 19158).

²⁴ Informação no Portal do Arqueólogo:

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2212096>

Municipal como “anta/dólmen”, ainda que esta classificação possa corresponder a uma classificação abusiva, da tipologia de sítio, por parte do arqueólogo responsável, visto que os dados disponíveis (isto é, as materialidades recolhidas) não nos permitem definir com certeza a presença de um monumento megalítico no sítio do Alto da Pisca, podendo o mesmo compreender um sítio de ar livre ou povoado.

5.3 MEGALITISMO DE PENELA

Sobre o Megalitismo do concelho de Penela pouco se poderá dizer, dado que este município, não se encontra cientificamente explorado, no que à Arqueologia da Pré-história recente/Proto-história diz respeito. Aqui toda a investigação pré-romana é feita de achados isolados, sem aparente contexto arqueológico ou, na inexistência de achados concretos, baseada na tradição oral (ARNAUT, 1937; ARNAUT & DIAS, 2009; VILAÇA, 2015).

A presença de inúmeros vestígios de época romana na região, os achados isolados que remetem para a Idade do Bronze/Ferro, assim como, a própria geografia física deste município, fazem pressupor que a ocupação deste território poderá ser mais antiga, pelo que, ainda que apenas baseados em informações orais antigas, constam de parte do levantamento arqueológico do concelho²⁵, como património não classificado, dois monumentos megalíticos, ambos localizados na freguesia de Cumieira, concelho de Penela.

Os dois monumentos megalíticos denominados como “Dólmen do Laço” (coordenadas geográficas: 39.938639, -8.379667²⁶) e “Cabeça de Ante” (coordenadas geográficas: 39.946620, -8.386160²⁷), tendo existido, distavam, entre si, cerca de 1,2 quilómetros, na localidade de Cumieira (Mapa 9, Anexo 1).

Sobre o primeiro são feitas algumas referências em monografias antigas sobre o concelho: “*enterravam conjuntamente com o falecido o objeto de que se servia em vida (...) são recordações disto a lança de cobre que se encontrou na anta ou dólmen do Laço ao norte da Venda das Figueiras, e um alfinete também deste metal*” (JARNAUT, 1915, pp.81-82); “*No sul do território, próximo da Venda das Figueiras, freguesia da Cumieira, o dólmen do Laço foi, há cerca de 80 anos, incientificamente explorado (baseamo-nos em velha informação)*” (ARNAUT, 1937, p.19; ARNAUT & DIAS, 2009, p.37).

²⁵ Plano Diretor Municipal – Fichas de Património Arqueológico (págs. 300 e 303).

²⁶ Coordenadas retiradas do Plano Diretor Municipal (p.300).

²⁷ Coordenadas retiradas do Plano Diretor Municipal (p.303).

A este monumento poderá estar associado o achado de uma lança e de um alfinete em cobre, encontrados numa zona próxima da qual poderá ter existido nesta localidade. Equaciona-se, como possível, este alfinete corresponder à peça do Museu Nacional de Arqueologia identificada como “punhal de lingueta” com o número de inventário 11003 (VILAÇA, 2015, p.30).

Por sua vez, e na inexistência de conhecimento de quaisquer vestígios, o monumento de Cabeça de Ante tem a sua veridicidade corroborada pela tradição oral, bem como, pela toponímia local (visto que, o termo “Cabeça/Cabeço”, geralmente designa uma elevação natural ou plataforma sobre a paisagem e o termo “Ante” poderá estar associado à presença de uma anta/dólmen no local, isto é, a existência de um monumento megalítico neste cabeço). Tendo, efetivamente, existido aqui um monumento, a sua destruição poderá estar associada à exploração de pedreiras nesta área (SILVA & SALGUEIRO, 1991).

Na freguesia da Cumieira, para além do topónimo “Cabeça de Ante” (que apresenta a designação “anta” na forma composta), identificam-se outros cinco locais cujas denominações poderão estar associadas à presença de monumentos megalíticos (ponto 2.2.1 – Penela).

5.4 MEGALISTISMO DE POMBAL

O concelho de Pombal apresenta algum investimento nos trabalhos de prospeção arqueológica e espeleológica do seu território. A produção de uma carta arqueológica neste concelho remontará a inícios dos anos 80 do século XX (ENCARNAÇÃO, 1984, p.171). A produção deste documento terá contado com importantes subsídios, sendo o grupo de Arqueologia e Espeleologia de Pombal responsável pela identificação e caracterização de várias cavidades com ocupação pré-histórica, bem como, dos únicos dois monumentos megalíticos identificados para a região²⁸, cuja intervenção arqueológica remonta aos anos 60 do século passado (CASTRO & CASTRO, 1966).

Para caracterização do megalitismo de Pombal contamos com o conhecimento destes dois monumentos megalíticos, designados por Alto da Carrasqueira (CNS3026²⁹) e Alto da Feteira (CNS3024³⁰), identificados perto da mesma povoação, a Arroiteia, na freguesia de

²⁸ Segundo J. Encarnação, em Noticiário arqueológico de 1982 (ENCARNAÇÃO, 1984, p.171): “O grupo de Arqueologia e Espeleologia de Pombal possui importantes subsídios para a carta arqueológica deste concelho. Assim foram identificadas grutas pré-históricas e antas (Alto da Feteira e Alto da Carrasqueira)”.

²⁹ Portal do arqueólogo: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=54767>

³⁰ Portal do arqueólogo: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=49423>

Pombal (Mapa 9, Anexo 1). Ocupariam uma elevação, a norte da estrada que liga Pombal à vila de Ansião, na referida povoação (CASTRO & FERREIRA, 1969; VILAÇA, 1988).

Esta localidade assenta sobre um afloramento geológico do Jurássico Superior, relativo às “Camadas de Montejunto e de Cabaços” (Mapa 15, Anexo 1). Estas camadas geológicas “estão representadas por calcários margosos, formando uma mancha que se desenvolve ao longo da estrada de Pombal para Ansião” (MANUPPELLA, *et al.*, 1978, p.31).

Nos primeiros elementos bibliográficos sobre a existência dos monumentos megalíticos de Pombal não são apresentadas referências às condições de achado dos mesmos. A informação veiculada apenas indica informações sobre a localização dos monumentos, “A cerca de 28 quilómetros da vila de Pombal e perto da estrada que liga esta vila à de Ancião, foram descobertos dois monumentos megalíticos, os primeiros nesta zona” (CASTRO & CASTRO, 1966).

A intervenção arqueológica no monumento do Alto da Feteira foi levada a cabo por L. Albuquerque e Castro e por Octávio de Veiga Ferreira, e terá ocorrido anteriormente a 1966 (data da notícia que dá conta da exploração deste monumento), não sendo certa a data de início e fim da campanha.

O dólmen do Alto da Carrasqueira, por sua vez, não integrou esta campanha arqueológica, pelo que, os primeiros trabalhos científicos realizados ao nível do monumento estão associados a uma escavação de emergência na década de 90 do século passado³¹.

Na mesma freguesia, encontramos cerca de dez topónimos sugestivos, apresentando um destes a designação “Anta” na forma simples (2.2.1). A presença deste topónimo poderá indicar a existência de, pelo menos, outro monumento na necrópole de Pombal.

5.4.1 MONUMENTO DO ALTO DA FETEIRA

O monumento do Alto da Feteira (coordenadas geográficas: 39.897817, -8.587550³²), localiza-se num baldio nas proximidades da povoação de Arroiteia, no concelho de Pombal.

³¹ Informação do Portal do arqueólogo CNS3026

³² Coordenadas do local fornecidas pelo Grupo de Protecção Sicó (GPS).

No decorrer da intervenção arqueológica constatou-se, de imediato, que este monumento teria sofrido várias violações, nomeadamente na zona central da câmara, onde os remeximentos eram mais evidentes.

A exploração de pedreiras, nas proximidades do monumento, terá afetado a sua arquitetura, que ao momento da intervenção arqueológica já se encontrava bastante danificado, estando os seus esteios partidos a cerca de um terço, quase ao nível do terreno (CASTRO & FERREIRA, 1969; CORDEIRO, 1984).

O dólmen era constituído, em planta, por seis grandes esteios de calcário, que compunham a área da câmara, sendo esta de tipo polígono hexagonal (Fig. 9, Anexo 2). A laje de cabeceira, de grandes dimensões, teria cerca de dois metros de comprimento.

A escavação arqueológica demonstrou a presença de pequenas estruturas pétreas que serviriam de “calços” para fortalecer o posicionamento original dos esteios (CASTRO & FERREIRA, 1969).

Ao momento da intervenção arqueológica (Est. XVI e XVII, Anexo 4) o monumento não indicava a presença de corredor, pela inexistência de esteios nesta área, contudo, a presença de crânios e espólio arqueológico na área imediatamente posterior à zona da câmara funerária levou à conclusão positiva de existência de corredor nesta estrutura (*Ibidem*, p.41), pelo que o monumento não seria do tipo simples, mas, sim, do tipo composto (câmara e corredor).

A exploração do monumento demonstrou-se “bastante trabalhosa em virtude do estado de destruição em que se encontrava” (*Ibidem*, p.42). A dificuldade residiu, sobretudo, no avançado estado de destruição dos esteios que, para além de reduzidos a metade, ainda se apresentavam muito inclinados para o interior (na ordem dos 45 graus), podendo abater com o decorrer dos trabalhos.

A avaliar pelo seu avançado estado de destruição, as violações operadas neste dólmen terão ocorrido em diversas épocas. Estas terão sido motivadas pelo aproveitamento de pedra para construção ou poderão estar relacionadas a explorações clandestinas de curiosos. Certo é que causaram grande destruição no espólio arqueológico e osteológico, que se demonstrou descontextualizado, pelo que “os materiais estavam em terra arqueológica completamente remexida” (*Ibidem*). Ao nível da planta, a zona mais afetada do monumento corresponderia à área do corredor, que desapareceu completamente. A zona central da câmara coincide com a área de maior perturbação.

Atualmente, visitando o local onde terá existido este monumento megalítico, pode-se constatar que o mesmo está completamente arrasado, não existindo nenhum vestígio *in situ* do mesmo no terreno (Est. XXII a XXV, Anexo 4).

Tenho a informação que este terá sido destruído há cerca de trinta ou quarenta anos pelo proprietário do terreno aquando da plantação de uma vinha³³. Neste processo, o proprietário, terá utilizado maquinaria agrícola para arrastar o material pétreo que pertenceria ao monumento, bem como, outro material rochoso existente na propriedade, para um dos limites do terreno, pelo que, se observa no local, a presença de blocos de calcário amontoados numa área não cultivada do terreno. Pelas características morfológicas de alguns destes blocos posso assumir que algum deste material poderá corresponder a antigos esteios da câmara do monumento (Est. XXIII, Anexo 4)³⁴. Aparecem, também, para além deste conjunto, alguns blocos calcários dispersos no terreno (Est. XXIV, Anexo 4) que demonstram ter sido trabalhados e, por isso, poderão, igualmente, pertencer ao antigo monumento.

Averigua-se, ainda, em visita ao local, que, atualmente, o terreno apenas é utilizado para plantação de alguns pinheiros mansos, não existindo outro tipo de culturas plantadas na propriedade. No centro da propriedade, área limpa do terreno, a meia encosta, identifica-se o local onde se terá realizado o cultivo da vinha, ao momento não plantada. Este local deverá corresponder ao local original de implantação do monumento megalítico.

A presença de afloramentos rochosos frequentes na área circundante ao local, oferece matéria-prima abundante a curta distância do local de implantação do monumento. Nas proximidades deste sítio, a uma distância inferior a um quilómetro, no sentido sudoeste, identificam-se afloramentos calcários de grandes dimensões, com bancadas espessas e maciças, com potencialidade para se retirar material pétreo para construção de um monumento megalítico. Verifica-se, em campo, certa similitude entre os blocos calcários dispersos pelo terreno e o material existente nos afloramentos rochosos da área envolvente.

³³ Informação veiculada por Hugo Neves, membro do Grupo Protecção Sicó (GPS), tendo sido, também, confirmada por uma habitante de Arroiteia numa das visitas ao local.

³⁴ A comprovar-se esta questão, os possíveis esteios fariam parte da área da câmara já que é referida a inexistência de esteios conhecidos para a área do corredor no trabalho sobre escavação do mesmo (CASTRO & FERREIRA, 1969, p.41)

5.4.1.1 ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO E OSTEOLÓGICO

O estado de destruição do monumento não permitiu definir com clareza as unidades estratigráficas de origem dos materiais, pelo que, muitos já não se encontrariam, à data da campanha, *in situ*.

O espólio arqueológico demonstra-se, todavia, importante, tendo a escavação revelado um número significativo de peças, enquadráveis em vários grupos morfológicos.

De entre os materiais recolhidos inventariaram-se, segundo a matéria-prima de produção, mais de cinco dezenas de utensílios líticos, produzidos em sílex (dezanove pontas de seta, seis micrólitos, duas alabardas, nove lâminas e treze fragmentos de lâmina), quartzo (duas lâminas), fibrolite (dois machados) e anfibolito (três fragmentos de machado) (*Ibidem*, pp.42-43) (Fig. 17, Anexo 3; Est. XVIII e XIX, Anexo 4) .

O grupo dos objetos de adorno é composto por quarenta e uma contas de colar (de várias matérias-primas, como calcário, azeviche e calcite), um pendente, um alfinete de osso, duas placas em osso (uma com furos de suspensão), duas cabeças de alfinete espatuladas e dois fragmentos de bracelete feitos em concha (Fig. 15 e 16, Anexo 3; Est. XX, Anexo 4) (*Ibidem*, p.43).

As cerâmicas recolhidas perfazem um total de vinte e sete fragmentos, sendo na sua totalidade cerâmicas lisas, com pastas grosseiras de cor cinzento-acastanhadas, vermelhas e negras. As formas demonstram corresponder a vasos de tipo esféricos, ou muito próximo, e taças de tipo carenado (Fig. 16, Anexo 3; Est. XXI, Anexo 4) . As únicas peças com decorações obtidas neste grupo apresentam aplicações plásticas, existindo uma peça com aplicações de tipo mamilar e outra com cordão na carena (*Ibidem*, p.47).

No material recolhido podem, ainda, enquadrar-se, sete itens de carácter diverso (fragmentos de corantes, placa de arenito, fragmento de placa de arenito, fragmento de placa de grauvaque, furador em osso), bem como, alguns restos faunísticos (*Ibidem*, p.44).

O espólio antropológico demonstrou-se bastante fraturado, “faltando a todos os crânios o maxilar inferior (...) e todos os ossos longos estavam quebrados ou esmagados” (*Ibidem*, p.47). Os vestígios osteológicos encontravam-se desarticulados, fora da sua posição primária de deposição, em contextos que impossibilitam a sua leitura arqueológica.

Os dados fornecidos pela escavação demonstram que: a área da câmara, junto dos esteios do lado esquerdo, corresponde à zona de maior abundância de vestígios ósseos (estes apresentavam-se muito fraturados e encontravam-se todos misturados); a área de passagem do que seria o corredor para a câmara, bem como, a zona de entrada da câmara, correspondem aos locais de achado de algumas calotes/crânios humanos, somando um total de onze elementos, cujo local de deposição se encontra relacionado às violações do monumento.

5.4.2 MONUMENTO DO ALTO DA CARRASQUEIRA

O monumento do Alto da Carrasqueira localiza-se a cerca de 600 metros a noroeste do monumento da Feteira (coordenadas geográficas: 39.901950, -8.582483³⁵), na povoação de Arroiteia.

A primeira exploração conhecida para este monumento terá sido realizada de modo clandestino, na década de 80 do século passado. Esta exploração não resultou em publicação de dados sobre o sítio arqueológico que continuou ao abandono e sujeito a frequentes pilhagens.

As conseqüentes violações e pilhagens sobre este monumento obrigaram à realização de trabalhos arqueológicos de emergência no local. A intervenção de emergência veio a ocorrer no ano de 1995, sob coordenação de Maria Helena Moura e de Thierry Aubry, decorrendo durante cerca de um mês³⁶. Estes trabalhos teriam por objetivo realizar um reconhecimento do monumento, bem como, promover a sua consolidação, dado o seu corrente estado de degradação.

Esta intervenção arqueológica permitiu o reconhecimento da estrutura do monumento, que se tratará de um dólmen de câmara e corredor médio, orientado a este-sudeste.

O monumento megalítico possuía uma mamoa pouco expressiva, com cerca de 3,5 metros de espessura, sem registo de violações das explorações anteriores. Ao momento da escavação esta já não dispunha de couraça pétrea, o que poderá estar associado à sua zona de localização, numa área de exploração de pedra, que poderá ter propiciado à recolha do material pétreo aí disponível.

³⁵ Coordenadas do local fornecidas pelo Grupo de Protecção Sicó (GPS).

³⁶ Informações retiradas do PDM de Pombal (p.262) e do Portal do Arqueólogo (link supra citado).

Do lado sul, a mamoa não é um *tumulus* construído, isto é, aproveita uma antiga exploração de pedra para encostar a área da câmara (formando um espaço côncavo fruto da retirada de material rochoso calcário) (informação oral)³⁷.

A câmara, constituída originalmente por nove esteios (4 do lado sul, 4 do lado norte e o esteio de cabeceira), apresentava, ao momento da escavação, apenas oito, dada a ausência do esteio de cabeceira. Aqui existiria um murete a fechar a área entre o terceiro e quarto esteio do lado norte. Um dos esteios, do lado sul, apresenta semelhanças morfológicas com um menir, distinguindo-se dos restantes.

O corredor, por sua vez, preservava sete esteios, três dos quais do lado norte e quatro do lado sul. Constatou-se a presença de um murete no lado sul, onde não existiam esteios e de um murete entre o primeiro e segundo esteio à saída da câmara (informação oral).

A área da câmara apresenta três metros de largura, e cerca de, três metros de comprimento, e a área do corredor regista um comprimento de, cerca de, três metros e meio, com uma largura que varia entre os dois metros (na zona de entrada) e um metro (na zona junto da câmara). O monumento terá, assim, aproximadamente, cerca de, seis metros de comprimento na sua totalidade (câmara e corredor) (Fig. 10, Anexo 2; Est. XXVI a XXIX, Anexo 4).

O estreitamento do corredor, verificado entre a zona de entrada do monumento e o acesso à área cameral, estará associado à presença de esteios de maior dimensão na área de entrada da câmara, bem como, pela inexistência de esteio cancela (informação oral).

A escavação demonstrou que, na área da câmara, algumas zonas se encontravam mais remexidas, enquanto que, outras se encontravam melhor preservadas, nas segundas detetaram-se a presença de restos osteológicos em conexão, alguns em deposição secundária.

Os trabalhos de 1995 demonstraram, ainda, a inexistência do grande esteio de cabeceira (único em falta na zona da câmara), sendo este o que apresentaria maior largura na base, e sob o qual se apoiariam os outros esteios que fechavam a área da câmara.

Constatou-se, no decorrer da escavação, que as bases dos esteios do lado sul aparentam estar numa cota ligeiramente superior à dos restantes, pelo que, poderão ter ocorrido algumas modificações ao nível da estrutura arquitetónica.

³⁷ Todas as informações orais sobre a escavação e características arquitetónicas do monumento foram fornecidas pela coordenadora do projeto Maria Helena Moura, em Setembro de 2022.

Três dos esteios do lado sul não se encontravam fincados no solo, apresentando-se alteados relativamente aos do lado norte. Verificou-se, no decorrer da intervenção, que estes assentariam sobre uma camada de sedimento de ossos queimados, sobre a qual foram realizados novos enterramentos. Nesta nova camada regista-se a presença de um buraco de poste estruturado com um osso humano, que deveria servir de suporte a uma cobertura (informação oral).

Esta “reformulação” arquitetónica do monumento deverá estar associada a uma segunda utilização funerária do mesmo. Esta reutilização não respeitou a anterior, dado que as ossadas de prévios sepultamentos foram retiradas do monumento e queimadas para realização de novas deposições.

Novos trabalhos arqueológicos foram realizados passados dois anos, numa campanha que durou duas semanas. Nesta campanha, os coordenadores tiveram como objetivo a continuação dos trabalhos de 95 e a consolidação do monumento, não tendo obtido novos dados de relevo (Fig. 11, Anexo 2).

O espólio arqueológico e osteológico, recolhido no decorrer destas intervenções, não se mostrou vultoso, dado que, grande parte do conteúdo arqueológico fora removido por trabalhos clandestinos prévios.

Ainda que o espólio não se tenha demonstrado avultado, foi, ainda, possível, resgatar diversos restos osteológicos, alguns em conexão, retirados das áreas de menor afetação da câmara. E, em termos de materialidades, foi recolhido um conjunto diversificado, composto por algumas lâminas em sílex, um conjunto de machados de pedra polida, que se encontravam num depósito entre o corredor e a entrada da câmara (identificado na intervenção de 1997), algumas pontas de seta (de base côncava), um fragmento de alfinete, alguns fragmentos cerâmicos, uma conta de colar e um nódulo de ocre.

Nova intervenção sobre o monumento, também com caráter de emergência, no sentido de realizar a sustentação dos esteios deste de monumento, veio a ocorrer em 2012. Projeto sob a coordenação de Maria Helena Moura em associação com o Grupo de Proteção Sicó (GPS).

Após a intervenção de 1997, novas escavações ilegais ocorrem na área da câmara, colocando o monumento em risco de ruir. Para proteção deste sítio arqueológico foi elaborado um projeto estrutural de sustentação dos esteios da anta (MOURA, 2012), através do nivelamento do solo no interior do monumento (evitando novas intrusões); colocação de uma

manta de geotêxtil coberta por uma camada espessa de brita calcária e introdução de barrotes de madeira tratada para suporte dos esteios (Est. XXX e XXXI, Anexo 4).

5.4.2.1 MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

A zona geográfica de implantação do monumento do Alto da Carrasqueiras encontra-se, geologicamente assente, sobre as formações do Jurássico Superior, como representado na respetiva carta geológica, folha 23-A Pombal, à escala 1: 50 000 (Mapa 15, Anexo 1). Particularmente, nesta formação geológica, a área em análise, corresponde às Camadas de Cabaços e Montejunto.

Esta formação apresenta relativa importância para esta área geográfica, não se registando zonas de contacto com outras unidades nas proximidades, dado que estes afloramentos se encontram ao longo da estrada de Pombal para Ansião, sendo, já na área pertencente a este último, que é sobreposta por uma formação do Jurássico Médio. Distancia-se, também, de outras formações existentes no concelho de Pombal, nomeadamente, as encontradas mais para sul (formações do cretácico inferior) e noroeste deste concelho (formações do Pliocénico), ambas com distintas características geológicas das assinaladas na área de análise.

Na povoação de Arroiteia observam-se frequentes afloramentos calcários, alguns destes apresentando fratura natural, o que faz desta área uma excelente zona de implantação para sepulturas megalíticas, no que ao ponto obtenção de matéria-prima diz respeito. À disponibilidade de afloramentos rochosos na região, acresce, ainda, a morfologia do material rochoso aqui disponível, cuja relativa espessura das camadas, com bancadas com 40 a 50 cm de calcário margoso compacto, tornam o material suficientemente consistente para ser extraído e utilizado nos mais diversos tipos de construções.

Para o monumento do Alto da Carrasqueira o critério ‘material de construção’ toma relativa particularidade, dado que, neste caso específico, é, efetivamente possível, afirmar a proveniência geológica local da matéria-prima utilizada, definindo um raio de ação que não ultrapassará os 25 metros, nas adjacências do monumento. Isto porque, o sítio arqueológico, encontra-se diretamente assente num afloramento calcário com as características - tipologia, espessura, dimensões - do material utilizado na construção do monumento megalítico (Est. XXXII, Anexo 4). Este afloramento, situado a cerca de dez metros a sudoeste do esteio de

cabeceira, terá permitido a retirada da matéria-prima necessária para construção de todo o monumento (Est. XXXIII, Anexo 4), servindo, ainda, para nivelar a mamoa, não sendo necessária a construção de um *tumulus* artificial neste quadrante.

O afloramento que escora o monumento megalítico faz parte de uma camada geológica formada por calcário muito resistente, com bancadas espessas, das quais é possível retirar monólitos com até cerca de 45-50 cm de espessura. A cerca de 1-1,5 quilómetros a noroeste do monumento, a presença de fraturas verticais na rocha e afloramentos de superfície, permitem identificar uma camada similar (com a mesma direção e pendor) do afloramento localizado nas imediações da sepultura (Est. XXXIV, Anexo 4).

A avaliar pelo material de construção do monumento, a matéria-prima exclusivamente utilizada, é o calcário margoso local, que se identifica ao nível do talhe dos esteios, bem como, das rochas utilizadas na selagem da couraça pétreo. Portanto, não é visível, em campo, para este caso particular, a utilização de material rochoso com características distintas da matéria-prima local.

Ao nível da construção do monumento, ainda que este se apresente uniforme relativamente ao critério matéria-prima, tenho de salientar a variabilidade existente ao nível das dimensões e espessuras dos monólitos que constituem o monumento. A arquitetura do monumento é, preferencialmente, composta, por esteios que registam espessuras entre os 25-30 cm, com cerca de 2 metros de largura. Destes diferenciam-se, claramente, três esteios (A, B, C) com médias de espessura superiores, entre os 40 e 50 cm, e dimensões de largura inferiores, a rondar os 80 cm (Fig. 12, Anexo 2). Entre os grupos de esteios é verificada, também, variações na altura média visível, com os três ortóstatos de maior espessura a apresentar uma altura mais significativa, a rondar os 1,70 m, e os restantes não ultrapassando os valores de 1,50 m de altura.

As diferenciações registadas ao nível das dimensões e espessuras dos esteios poderão refletir a extração do material da anta de camadas distintas do afloramento geológico, o que implicará, diretamente, com a espessura dos monólitos de calcário.

A hipótese de uma proveniência do material de camadas distintas, é, ainda, reforçada, pela observação, na superfície frontal de alguns dos esteios, designadamente os de menor espessura, de certas irregularidades/rugosidades, que caracterizam material rochoso extraído de afloramentos de superfície – material consideravelmente mais exposto aos agentes erosivos naturais e, conseqüentemente, ao processo erosivo.

5.5 MEGALITISMO DE SOURE

O concelho de Soure destaca-se no panorama regional da zona centro do país e, nomeadamente no território em análise, por constituir uma rara exceção para o qual apenas se conhece, somente, um monumento megalítico, aparentemente isolado.

O único monumento megalítico (atualmente) reconhecido no concelho de Soure, designado como “Casa da Moura”, encontra-se nos limites norte-oeste desta divisão administrativa (coordenadas geográficas: 40.010770, -8.466400³⁸). Localiza-se na freguesia de Degracias e Pombalinho, na povoação de Pombalinho (Mapa 11, Anexo 1).

Esta aparente situação de isolamento poderá ser refutada se comprovado que a presença de um conjunto de lajes empilhadas alguns metros a sudeste (cerca de 200 metros) da anta da Casa da Moura, e também identificadas à altura da escavação desta, se tratariam, na realidade, de um monumento megalítico, hoje totalmente destruído. Para além deste, consta, no portal do arqueólogo, a presença de um “monumento megalítico formado por câmara poligonal (pelo menos seis esteios) e um corredor”³⁹, identificado em prospeção, no ano de 2012, nas proximidades da gruta da Cova do Ladrão (Tapéus, Soure). Outros monumentos poderão existir/ter existido no concelho, sendo, por isso, importante a realização de prospeções na área para confirmar que não haverá outros. A presença de 16 topónimos com possíveis conexões a estruturas megalíticas (nomeadamente “Anteadas”) fazem crer a existência de outros megálitos integrados nesta necrópole (ponto 2.2.1 – Soure).

Reconsiderando-se a atual situação de “isolamento” do monumento de Soure, isto é, assumindo que desta necrópole poderão fazer parte outros monumentos megalíticos, este concelho encontrar-se-ia, à semelhança dos outros concelhos de Sicó, numa certa regularidade para a “realidade megalítica” da região do país onde se insere.

De facto, a região centro litoral do país não se apresenta abundante em vestígios funerários megalíticos, sendo a tendência geral para uma distribuição dispersa dos monumentos e, normalmente, isolada, ou formando pequenos conjuntos de dois ou três monumentos. A exceção neste contexto regional, encontra-se nos conjuntos do Baixo Vouga e da Serra da Boa Viagem, onde existe uma concentração de monumentos megalíticos mais significativa, formando uma necrópole de consideráveis dimensões (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008).

³⁸ Coordenadas retiradas numa visita ao local. As disponíveis no Portal do Arqueólogo encontram-se erradas levando à estação romana de Dordias, também no Pombalinho.

³⁹ Portal do Arqueólogo: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=3109083>

5.5.1 ANTA DA CASA DA MOURA

O monumento megalítico da Casa da Moura encontra-se, geograficamente, numa posição fronteira entre a serra do Rabaçal (norte), a serra de Sicó (sul) e o vale, estruturado pelo curso do Rio de Mouros.

Geologicamente, este monumento encontra-se implantado numa área definida pelas camadas do Jurássico Inferior (Mapa 16, Anexo 1). A área de assentamento do monumento corresponde a uma formação de “calcários margosos, calcários e margas”, no conjunto da Formação de S. Gião, Formação de Lemed e Formação de Vale das Fontes (Jurássico inferior) (CUNHA, 1990b; DIMUCCIO, 2014).

Este sítio arqueológico, presente no Portal do Arqueólogo com o CNS16793⁴⁰, foi descoberto no início dos anos 90, no decorrer de trabalhos numa estação arqueológica romana, designada Dordias, nas suas proximidades (MONTEIRO, 1996). Num trabalho posterior sobre esta intervenção, António Monteiro, faz a primeira referência ao sítio arqueológico, fala-nos, neste artigo “de um monumento megalítico, inédito, cerca de um quilómetro a Oeste das Dordias” (*Ibidem*, p.82).

A escavação deste monumento inédito veio a ocorrer nos inícios dos anos 2000 (SILVA, *et al.*, 2017), sendo coordenado por António Monteiro, em colaboração com Fernando Pereira da Silva, contudo, o falecimento deste último arqueólogo não permitiu concluir os trabalhos de escavação, pelo que não foi realizado o proposto estudo e publicação dos resultados, bem como, os trabalhos de conservação e restauro do monumento.

Os trabalhos de escavação realizados na anta da Casa da Moura pretendiam desenvolver um conhecimento científico sobre este monumento. A sua caracterização torna-se particularmente interessante por constituir um dos raros exemplares, na região de Sicó, em que a arquitetura funerária não se encontra totalmente destruída, existindo evidências da estrutura do monumento à superfície.

Ainda que o local se encontrasse, ao momento da intervenção arqueológica, bastante afetado pelo plantio recente de eucaliptos, evidenciava-se, por entre o denso coberto vegetal, a existência de uma grande e larga laje, disposta obliquamente sobre o espaço cameral, aflorando, acima do terreno (nivelado por arroteias antigas), alguns esteios⁴¹. O aspeto inicial do

⁴⁰ Portal do arqueólogo: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2088450>

⁴¹ Informação do Portal do Arqueólogo
(<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2088450>)

monumento corresponderia a “um conjunto de lajes calcárias, dispostas em polígono irregular, de abertura voltada a nascente” (SILVA, *et al.*, 2017, p.521) (Est. XXXV, Anexo 4).

A primeira escavação do monumento, que não ultrapassou os níveis superficiais, e deixou a área da câmara por intervencionar (por constituir o espaço menos afetado pela eucaliptização), demonstrou a possível presença de um contraforte de esteios na área que poderia corresponder ao corredor, dada a “presença de um aglomerado de blocos defronte da laje de cabeceira” (SILVA & MONTEIRO, 2002, citado por SILVA, *et al.*, 2017, p.521).

A segunda intervenção arqueológica, já no ano de 2002, veio demonstrar uma “violação acentuada” deste espaço, junto do esteio da laje de cabeceira, relacionada com “a utilização de maquinaria para a ordenação de surribas do plantio do eucalipto” com a existência de duas lajes em calcários “violentamente desbastadas na sua superfície distal” (*Ibidem*, p.522). A área da câmara, escavada no decorrer desta campanha, demonstrou não apresentar sinais de violação, pelo menos em época recente. A terceira campanha decorreu no seguimento da ordem de trabalhos da anterior, não tendo proporcionado novos registos sobre a arquitetura do monumento (Fig. 13, Anexo 2; Est. XXXVI, Anexo 4).

A finalização precoce dos trabalhos de escavação no local, que não foram dados como concluídos, não permitiram constituir uma planta arquitetónica do monumento do Pombalinho. Da análise estrutural dos vestígios escavados apenas se pode afirmar que se tratará de um monumento de câmara funerária e corredor curto (SILVA, *et al.*, 2017, p.524).

Mercê do desenlace final do trabalhos no monumento este encontra-se, no tempo presente, totalmente ao abandono. Semioculto por entre o eucaliptal, com uma densa ocupação do terreno por silvado, torna-se difícil percecionam-se a arquitetura deste dólmen, assim como, simplesmente ter-lhe acesso.

Analisando o sítio presentemente (Est. XXXVII, Anexo 4), em vista ao local, percecionam-se alguns vestígios da intervenção arqueológica, nomeadamente, uma das sanjas escavadas (sanja leste). É visível, por entre a vegetação, a presença de cerca de seis esteios que compõem a área da câmara: sendo um destes, o esteio de cabeceira, que se destaca nesta área dada a sua proeminência e grandes dimensões (com cerca de 1,80 m de largura e, cerca de, 40 cm de espessura) (Est. XXXVIII, Anexo 4); ao qual se encontra adjacente, pelo lado norte, um esteio de médias dimensões, cujo topo está praticamente nivelado com o terreno (poderá ter sido partido durante a eucaliptização ocorrida previamente à escavação ou, ainda, em momento anterior); outros três esteios compõem o lado sul, são de reduzidas dimensões no que à largura diz respeito, cerca de 80 cm, demonstrando-se em certo alinhamento; por fim, outro esteio, na

área sudeste, de maiores dimensões relativamente aos três anteriores, revela-se deslocado do seu local original (claramente avançado face à sua implantação primordial), dada a sua morfologia e orientação neste espaço, poderia compreender um dos esteios de ligação da entrada da câmara com o corredor.

O espaço da câmara terá, aproximadamente, como dimensões, cerca de 3 metros de comprimento (valor entre esteio norte e esteio sul paralelo), de largura, terá entre os 3 e 4 metros no eixo maior (entre esteio de cabeceira e o esteio deslocado a sudeste). O corredor, do qual não se registam vestígios observáveis, terá ocupado uma orientação sudeste-este no monumento (dada a orientação da câmara e da área que poderá coincidir com a passagem câmara-corredor).

O monumento da Casa da Moura foi construído com recurso ao calcário margoso local (do Jurássico inferior), de varias dimensões e espessuras. Destacam-se, entre os ortóstatos de calcário da área cameral, o esteio de cabeceira, com espessuras de 40-45 cm, cujas dimensões, quando comparadas com os restantes esteios deste espaço, de 25-30 cm espessura, sugerem uma clara distinção entre a laje de cabeceira (enquanto mais proeminente do conjunto) e as restantes. As distintas dimensões, entre o mesmo tipo de material calcário, deve compreender origens distintas da matéria no que se refere às bancadas calcárias de extração.

5.5.1.1 ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

As três campanhas realizadas na anta da Casa da Moura não permitiram concluir, na sua totalidade, a escavação integral do monumento, contudo, os trabalhos realizados, permitiram recolher significativo espólio arqueológico, que se demonstrou diverso (SILVA, et al., 2017; ROCHA, et al., 2018).

A área de escavação do monumento não compreendeu uma área abrangente, contudo, as áreas em análise, nomeadamente aquela que corresponderia ao corredor e à área central da câmara, permitiram a identificação de depósito votivos de grande riqueza. A “distribuição dos materiais arqueológicos ocorre principalmente no interior ou proximidades da câmara megalítica” (SILVA, et al., 2017, p.523).

A aparente reutilização do monumento está patente nos remeximentos da área do corredor, no qual terá existido uma inumação tardia, datável do Calcolítico ou Bronze inicial, dada a presença de vestígios osteológicos associados a materialidades como uma taça e uma ponta de seta de “tipo Palmela” (*Ibidem*, p.524). Os vestígios arqueológicos demonstram

reutilizações do monumento que poderão ter ocorrido até, pelo menos, à Idade Moderna (ROCHA, *et al.*, 2018, p.275).

O estudo e publicação do espólio arqueológico deste monumento apenas veio a ocorrer passados 15 anos do término das campanhas arqueológicas realizadas no local. Contudo, o estudo dos espólios recolhidos, caracterizados pela sua grande diversidade, demonstrou-se relevante para o conhecimento do megalitismo regional.

Do conjunto recolhido destacam-se o grupo das cerâmicas e o das rochas siliciosas. O primeiro, enquanto testemunho das várias fases de utilização do monumento e, os restantes, enquanto dados importantes para o conhecimento das redes de trocas entre grupos, especialmente no que diz respeito às matérias-primas (ROCHA, *et al.*, 2018, p.267).

Destacam-se, portanto, no conjunto artefactual, o conjunto das cerâmicas, cujo número de fragmentos recolhidos perfaz um total de 252 fragmentos. Neste universo de peças, apenas 91 exemplares são de fabrico manual, pré-histórico. Os restantes elementos têm tipologias que remetem para períodos mais tardios, como seja o período romano (com considerável expressão de materiais com pastas finas, alaranjadas e, também, pastas cinzentas), existindo evidências que remetem até, pelo menos, à época moderna (Ibidem, p.268).

Relativamente aos instrumentos líticos recolhidos, destacam-se as objetos em pedra lascada, que se encontram em maioria. Os objetos de pedra polida constituem, apenas, dois exemplares, e trata-se de machados (Est. XLI, Anexo 4).

No que diz respeito aos instrumentos de pedra lascada (Est. XL, Anexo 4), a produção de artefactos recorre, sobretudo, a matérias-primas como “as rochas siliciosas, com alguma variedade de coloração, os quartzos, xisto, pedra verde⁴² e calcários” (Ibidem, p.269). Este conjunto é composto por 13 lamelas, 12 lâminas, 10 pontas de seta (Est. XXXIX, Anexo 4) e 10 geométricos (Ibidem, p.271). No fabrico de pontas de seta e lâminas existe um predomínio da utilização do sílex como matéria-prima.

O conjunto de adornos (Est. XLII, Anexo 4) é composto por 1 largomorfo (em pedra verde), 1 alfinete de cabeça (xisto) e 16 contas de colar (Est. XLIII, Anexo 4), estas últimas, na sua maioria, remetem para contextos funerários da pré-história recente (produzidas em calcário,

⁴² Não é feita referência ao tipo de rocha.

pedra verde e xisto), existindo, neste grupo, apenas uma exceção, em pasta vítrea, que corresponderá a contextos da Idade do Ferro ou Época romana (*Ibidem*, p.273).

O conjunto dos metais e outros materiais não se constitui expressivo, sendo, contudo, relevantes para a compreensão do caráter de reutilização do monumento funerário em épocas posteriores à sua construção, destacam-se, neste panorama, uma medalha em cobre gravada e alguns fragmentos de telha, cujas cronologias são indeterminadas.

A presença de materiais líticos, cerâmicas e adornos permitem tirar conclusões relativamente à datação do monumento. Os conjuntos analisados demonstram uma cronologia do Neolítico final ou Calcolítico associada às primeiras utilizações deste espaço funerário. As marcas de reutilização deste monumento, vigente nos materiais encontrados, demonstram um reaproveitamento do espaço desde a Proto-história até períodos recentes.

5.5.1.2 CONJUNTO OSTEOLÓGICO

O decurso das escavações da anta da Casa da Moura revelou, não só, vestígios arqueológicos de relevo, como também, deu a conhecer um importante conjunto osteológico conservado.

À semelhança do espólio arqueológico, também o conjunto osteológico recuperado deste monumento megalítico foi, recentemente, alvo de estudo e análise científica. Os vestígios recuperados constituem-se como um achado de relevância no panorama regional e, até mesmo, nacional dado “o escasso número de monumentos onde se regista a presença de restos osteológicos conservados, passíveis de serem estudados” (CALADO, *et al.*, 2019, p.112).

A análise antropológica da amostra definiu, para o conjunto, um Número Mínimo de Indivíduos (NMI) de, pelo menos, 7 enterramentos, de entre os quais, 3 correspondem a adultos (1 feminino, 1 masculino e outro indeterminado) e 4 a não adultos (dois deles entre os 2 e 4 anos e, os outros, com idades aproximadas de 10 anos) (*Ibidem*, p.121).

O estudo dos materiais ósseos e da sua localização veio reforçar a perspetiva inicial de existência de remeximentos/violações no interior do monumento, sendo observado que várias peças do mesmo conjunto (nomeadamente na análise dentária) encontravam-se dispersas em quadrículas diferentes (*Ibidem*, p.123).

6. DISCUSSÃO

6.1 TIPOLOGIAS DE ESPAÇOS FUNERÁRIOS

As práticas funerárias reconhecidas para o IV e III milénios a.C. do território português configuram-se múltiplas. Deste período conhecemos, hoje, uma grande diversidade tipológica de espaços, utilizados para funcionar como última morada dos membros de uma comunidade pré-histórica.

A escolha do local de deposição dos corpos compor-se-ia, à semelhança de outros períodos cronológicos, como fator importante do ritual funerário destas comunidades. Estes locais de deposição, tendo um evidente carácter utilitário, o de abrigar os restos ósseos dos falecidos, poderiam, adquirir, paralelamente, um importante carácter simbólico, servindo como locais de culto aos mortos, funcionando como verdadeiros “santuários” dedicados aos antepassados.

No Período Neolítico dá-se início a um processo de grandes alterações ao nível das estruturas de enterramento, com a construção das primeiras estruturas funerárias de grande porte, que se constituem como “uma primeira monumentalização arquitetural funerária” (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008, p.77). Efetivamente, os monumentos megalíticos, primeiras construções funerárias de enterramento coletivo, passam a dominar o IV milénio, existindo, durante este período, importantes alterações e variações ao nível da tipologia dos espaços (OOSTERBEEK, 1997).

Desde o Neolítico, e continuando para os períodos seguintes, os locais de enterramento demonstram-se heterogéneos (VASCONCELOS, 1897), podendo configurar-se como simples sepulturas, discretas na paisagem (e das quais não nos chegam registos), estruturas resultantes dos processos naturais de construção da paisagem, como grutas ou lapas (VIEIRA & CUNHA, 2006), ou constituindo-se, ainda, como grandes construções, espaços complexos, construídos para serem vistos (VENTURA, 1999), dos quais são exemplo as arquiteturas resultantes do “fenómeno Megalítico” (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008).

De entre as formas sepulcrais privilegiadas pelas comunidades do IV e III milénios a.C. constam: as grutas naturais, com tradição funerária até, sensivelmente, 4000 a.C., encontrando-se, nestas, as deposições fúnebres mais antigas (FIGUEIREDO, 2017; 2018; 2021); as grutas artificiais, escavadas no calcário por ação humana, e mais representadas na região da Península de Setúbal e Lisboa (GONÇALVES, 1997); os monumentos megalíticos, enquanto estruturas funerárias de excelência neste período, posto que, “do litoral para o interior, das terras altas

para as terras baixas, não houve espaço onde não tenham sido construídos, muito embora possam ser constatadas algumas variabilidades percentuais na sua distribuição” (SILVA, 1993, p.98); e os *tholoi*, ou monumento de falsa cúpula, com uma técnica de construção semelhante à dos monumentos megalíticos, contudo, menores em dimensão e com características distintas quanto à sua cobertura, que surgem numa fase mais avançada, já no decurso do Calcolítico.

Os monumentos megalíticos são, de facto, de entre as várias estruturas funerárias conhecidas, os espaços sepulcrais mais utilizados durante todo o Período Neolítico (IV milénio a.C.) aos inícios do Calcolítico (III milénio a.C.).

Neste sentido, o Megalitismo pode ser considerado como a expressão funerária de excelência durante todo este período, já que, constitui, um verdadeiro “fenómeno cultural” de expressão em todo o Ocidente europeu (CARDOSO, 2012). Contudo, é de salientar, que este não pode ser encarado, na sua vertente funerária, como “um fenómeno único e linear, já que, integra, uma pluralidade de fenómenos, na longa diacronia” (VENTURA, 1999, p.36).

No território português o apogeu do fenómeno megalítico dá-se, genericamente, no decurso do IV milénio a.C., ao que se considera, cronologicamente, os inícios do III milénio a.C., como o final desta expressão funerária, muito embora, estejam documentadas reutilizações pontuais destes monumentos no decurso dos dois milénios seguintes, com evidentes reestruturações funerárias dos monumentos preexistentes.

A edificação destes monumentos estende-se a todo o território nacional, ainda que sejam evidentes certas discontinuidades na sua distribuição. Reconhece-se, no panorama nacional, uma grande densidade de concentração em determinadas regiões, com particular destaque para a região do Alentejo, onde o volume de sepulturas é superior à media nacional (ROCHA, 2016), sobressaindo relativamente a outras áreas do país.

Particularmente, a região em análise neste trabalho, entendida na sua larga escala, ou seja, a região Centro litoral, não apresenta, face ao contexto nacional, uma grande percentagem de sepulturas megalíticas. Neste enquadramento regional, destacam-se, de forma singular, as necrópoles da Serra da Boa Viagem (Figueira da Foz) e da Serra do Arestal (Baixo Vouga), nomeadamente, quando comparadas, com a realidade da região em análise no decurso deste trabalho, a região de Terras de Sicó, onde são apenas conhecidos cerca de dez monumentos megalíticos, dispersos, atualmente, por cinco concelhos.

Esta variabilidade, observada ao nível da densidade de construções megalíticas, poderá estar relacionada com a utilização preferencial de outros espaços funerários, cuja acessibilidade,

enquanto recursos preexistentes em determinadas regiões, permitiriam, face ao monumentos megalíticos, um menor esforço físico da parte das comunidades neolíticas.

Parece manter-se, em zonas de natureza calcária, onde a densidade de grutas naturais é superior em escala, a tradição funerária de sepultamento em gruta, ainda que se tenham construído, paralelamente, monumentos megalíticos, contudo, visivelmente em menor número (ponto a desenvolver no 6.3).

6.2 O GRUPO MEGALÍTICO DE TERRAS DE SICÓ

Após avaliados, de forma particular, os dados disponíveis para caracterização do Megalitismo de cada concelho em estudo neste trabalho (Capítulo 5), será o momento de tomar essas informações no sentido de compreender este território enquanto unidade, entendendo cada concelho estudado como parte integrante de um mesmo território, “Terras de Sicó”.

Será, portanto, importante, neste momento, comparar as informações recolhidas nos capítulos anteriores, para que se estabeleçam semelhanças, bem como, possíveis diferenças, entre os dados apresentados, no sentido de perceber este território como um todo global. Estabelecendo-se esta perspetiva, e aplicando-a ao caso particular do fenómeno megalítico, concebe-se uma generalização, que abarca todo o território, e o define como grupo megalítico de Terras de Sicó.

Partindo deste pressuposto, assume-se a unidade deste grupo, agora considerado como “Megalitismo de Terras de Sicó”, e do qual fazem parte as cerca de dez sepulturas megalíticas conhecidas na região. Passarei, também, a identificar, cada um dos concelhos integrantes deste território, como núcleos megalíticos representativos deste grupo. Estes núcleos caracterizam-se, na sua generalidade, pela presença de dois ou três monumentos, tomando, como exceção, o núcleo de Soure, apenas com um monumento conhecido e aparentemente isolado.

Analisando os dados obtidos, afim de caracterizar o Megalitismo da região de Terras Sicó, é, logo, de realçar, a evidente baixa densidade de sepulturas conhecidas para este grupo, com uma das menores concentrações de monumentos megalíticos a nível nacional. Esta realidade toma certa relevância, nomeadamente, quando comparado, o número de sítios conhecidos, com a extensão territorial ocupada, que se afigura vasta.

Ao reduzido número de sítios conhecidos, acresce a total destruição de alguns dos monumentos considerados, fator com implicações diretas na disponibilidade, já de si escassa,

de dados para a análise desta região. Considerando-se um total de dez monumentos megalíticos, enquanto elementos de caracterização da Neolitização deste território, é de referir que, apenas cinco destes, reúnem condições para serem estudados ao nível da sua estrutura e composição.

Os restantes monumentos, desprovidos de informações de carácter arquitetural, configuram-se como pertinentes para este trabalho no ponto que nos fornecem elementos sobre locais de implantação e unidades geológicas de assentamento, permitindo caracterizá-los de forma geral, identificando semelhanças ou dissemelhanças com aqueles cujo estado de conservação possibilita retirar conclusões mais consistentes no que ao objeto de análise deste trabalho diz respeito.

Fornecem dados mais consistentes, de entre os sítios considerados, os monumentos do núcleo de Alvaiázere (Anta I e II do Rego da Murta), os do núcleo de Pombal (monumentos do Alto da Feteira e do Alto da Carrasqueira) e o do núcleo de Soure⁴³ (Anta da Casa da Moura) - quer pela existência de trabalhos prévios nestas sepulturas que nos deixam registos sobre as mesmas (caso particular do monumento da Alto da Feteira, hoje destruído), quer por não se apresentarem totalmente destruídos, permitindo retirar informações sobre as técnicas e materiais de construção empregues nestas edificações.

6.2.1 ANÁLISE DOS DADOS

Ao analisar os dados disponíveis, é possível, desde logo, depreender uma certa homogeneidade entre monumentos megalíticos no que às suas características construtivas diz respeito, para além disto, identifica-se, também, uma certa padronização no que toca às áreas de implantação das sepulturas. É possível aferir, entre os monumentos megalíticos deste grupo, certas uniformidades próprias, ainda que dentro de uma alguma variabilidade, inerente à dispersão territorial que apresentam entre si.

Verifica-se, primeiramente, que os monumentos megalíticos não apresentam, entre si, uma implantação homogénea, estando localizados em áreas de vale, meia encosta ou planalto, estabelecendo-se em locais cuja altimetria média geral rondará os valores dos 260 metros (Mapa 12, Anexo 1). Os monumentos localizados a meia encosta (exemplo do monumento do Alto da Feteira, Pombal) ou dos implantados em zonas de planalto (exemplo dos monumentos do Alto

⁴³ Assim considerado tendo em conta a possibilidade de existência de outros monumentos para além da anta da Casa da Moura, já estudada.

da Carrasqueira, Pombal e Anta da Casa da Moura, Soure), demonstram-se implantados em locais que privilegiam a ocupação dos pontos mais elevados dentro das povoações em que se inserem. Os monumentos do grupo de Sicó ocupam, na sua generalidade, zonas planas ou de médio declive⁴⁴, em locais onde o pendente do terreno se demonstra diminuto (Mapa 13, Anexo 1).

As áreas de implantação, correspondentes, na sua maioria, a zonas de média a baixa altitude, encontram-se, diretamente, influenciadas pela geomorfologia do território. As altimetrias registadas nos locais de fixação destas sepulturas poderão ser explicadas pela localização dos megálitos em áreas de depressão, naturalmente relevos deprimidos, ou zonas baixas, cujas cotas gerais se constituem diminutas. De destacar a inexistência de monumentos megalíticos acima da curva de nível dos 300 metros.

Relativamente ao meio envolvente onde se localizam, o Maciço de Sicó⁴⁵, que apresenta uma geomorfologia própria, com áreas de serra (nomeadamente três serras importantes: a Serra de Sicó, do Rabaçal e de Alvaiázere) limitadas por zonas de depressão ou planálticas, estes monumentos, encontram-se implantados nos pontos de menor cota, afastando-se das áreas de serra, naturalmente mais sobranceiras, e com maior predomínio e visibilidade para a paisagem.

Neste sentido, considero que, a lógica de organização espacial, segundo a qual, os megálitos são construídos para serem vistos, encontrando-se, portanto, destacados na paisagem, não corresponderá à opção adotada aquando do planeamento e edificação destes monumentos. Ainda que tais características estejam genericamente associadas à sua fase de construção (Neolítico médio-final), não parece ter sido fator relevante, localizando-se em zonas sem grandes condições de visibilidade, tornando-se quase impercetíveis na paisagem.

Relativamente às suas características construtivas, observam-se, na sua generalidade, monumentos de médias dimensões (com comprimentos totais entre os 6 e os 7 metros), de planta evoluída, com câmaras de tipo poligonal (de seis a nove esteios) e corredor médio diferenciado, inseridos em mamoas de médio tamanho, ainda que pouco percetíveis visualmente. Apresentam, como fator comum, a existência de pequenos blocos, junto da base

⁴⁴ Estabeleço, para o critério declive do terreno, como “zonas baixas” um declive aproximado de 0 a 5% e para “zonas de médio declive” os valores compreendidos entre os 5% e 15%.

⁴⁵ A maioria dos monumentos megalíticos deste grupo está integrada na área definida pelo Maciço de Sicó, à exceção do núcleo de Alvaiázere.

dos esteios, que terão funcionado como estruturas de contrafortagem para sustentação dos ortóstatos, fortalecendo as arquiteturas.

No que respeita à orientação espacial dos monumentos, estes apresentam corredores voltados a sudeste, este-sudeste ou sudeste-este, distinguindo-se daqueles cuja tendência geral é uma construção voltada a nascente.

A orientação a nascente (este) dirige o monumento para o ponto de nascimento do sol, pelo que, em monumentos de corredor, constitui a opção construtiva tendencialmente mais adotada (ROCHA, 2015, p.137), uma vez que induz a questões de ordem simbólica. A orientação a sudeste dos monumentos megalíticos, por sua vez, não parece evidenciar uma construção com o mesmo propósito, já que, durante os solstícios de verão e inverno, o nascimento do sol efetua-se a leste.

No estudo efetuado por Leonor Rocha (ROCHA, 2005), para os monumentos do Alentejo Central, verificou-se que, a orientação a sudeste foi privilegiada em estruturas sem corredor ou com corredor incipiente (*Ibidem*, pp.138-139). Composições distintas dos elementos conhecidos para o grupo de Sicó, cujas estruturas apresentam corredores de médias dimensões.

Ainda que a sua orientação não preveja, à partida, uma conceção construtiva segundo os critérios de uma astronomia preambular, a avaliar pela sua posição topográfica, os monumentos, encontram-se em locais de boa exposição solar, o que permitiria, dentro da regular variação anual, bons valores de radiação solar recebida (Mapa 14, Anexo 1).

No que diz respeito aos materiais de construção, privilegia-se, nestas estruturas funerárias, o recurso à matéria-prima local, disponível nas proximidades dos monumentos. Não sendo efetuados estudos petrográficos que permitam determinar com certezas o local de extração do material, assume-se a origem local dos recursos quando o substrato geológico, existente nas proximidades, coincide com os elementos utilizados na construção. Nesta medida, e verificando-se fontes de aprovisionamento num raio de ação de 1-2 quilómetros, relativamente à área de implantação dos monumentos, assume-se a origem local do material. Em casos particulares como o do monumento do Alto da Carrasqueira (Pombal), em que a estrutura assenta diretamente sobre um afloramento rochoso com as condições necessárias para a retirada de material, poderá ser definido um raio inferior, que não ultrapassará os 50-100 metros.

Segundo Rui Boaventura (BOAVENTURA, 2000, p.22), os estudos efetuados para as antas de Rabuje seguem a “tendência geral apontada para outras áreas europeias”, cuja proveniência geológica do material utilizado nas construções neolíticas se encontra disponível no referido raio de ação de 1-2 quilómetros, ainda que se considerem algumas exceções. Contudo, não se poderá falar de uma “tendência geral apontada” até que sejam, de facto, efetuados estudos ao nível da quase totalidade dos monumentos megalíticos conhecidos no espaço ibérico e europeu, de modo a que se comprove a utilização preferencial dos recursos geológicos disponíveis num raio de ação não superior a 2 quilómetros de distância, em virtude de outros acessíveis a maiores distâncias.

A proximidade a fontes de matéria-prima, designadamente de afloramentos rochosos, parece demonstrar-se como fator favorecedor na escolha dos locais de implantação dos monumentos megalíticos. A construção de monumentos nas imediações de afloramentos, constituiria, segundo Bettencourt e Rebelo (BETTENCOURT & REBELO, 1988, p.27), a melhor solução a adotar por pequenas comunidades humanas, com reduzidos recursos socioeconómicos e construtivos.

A região em análise, nomeadamente a área compreendida entre Pombal-Soure-Ansião, apresenta boas perspectivas no quesito matéria-prima, já que dispõe de grande abundância de recursos não metálicos, particularmente a pedra calcária.

A extração de pedra, nestes espaços, constitui uma das atividades tradicionais mais rentáveis, dada a porção de recursos disponíveis (CUNHA, 2003). Na região, a par das grandes explorações industriais, é possível, encontrar, ainda, diversas pedreiras antigas, exploradas como atividade familiar, ativas até meados do século XX (SILVA, *et al.*, 2021).

Os monumentos megalíticos do grupo de Sicó são todos construídos com recurso à rocha calcária local, ainda que demonstrem certa variabilidade quanto à tipologia do material. Isto é, quando comparados os monumentos do núcleo de Alvaiázere, Soure, e Pombal, estes apresentam distinções quanto à idade geológica e tipologia dos calcários empregues. Os esteios de calcário dos monumentos de Alvaiázere e Soure constituem-se mais antigos, sendo os primeiros de características mais dolomíticas e, os segundos, de natureza margosa, ao passo que, os de Pombal, constituem calcários mais recentes, de natureza margosa, mas distintos dos existentes na região de Soure.

Estas diferenciações, observadas ao nível do material, em construções de fases contemporâneas, são justificadas pela localização destes núcleos em camadas geológicas distintas - Alvaiázere nas formações do Grupo de Coimbra, Soure nas camadas de S. Gião, Lemed e Vale das Fontes, e Pombal nas camadas de Montejunto e Cabaços - o que perfaz um material com propriedades físicas e químicas distintas.

Relativamente aos materiais de produção de utensilagem lítica parece demonstrar-se situação distinta, visto que, ainda que nestes monumentos se encontre um claro predomínio da utilização do sílex local/regional para o fabrico dos instrumentos de pedra lascada (nomeadamente pontas de seta), que surgem nos contextos em estudo em grande superioridade numérica relativamente às restantes matérias-primas utilizadas, ocorrem, paralelamente, inclusões de objetos em matérias-primas exógenas (Tabelas 3, 4, 5 – Anexo 5) de distintas proveniências geográficas.

Os materiais em pedra lascada são, de facto, predominantemente produzidos a partir do sílex local/regional, ainda que exista um número considerável de artefactos que utilizam as mais diversas tipologias de quartzo na produção deste grupo de líticos (Ex. Anta I e II do Rego da Murta, Alto da Feteira, Anta da Casa da Moura). O quartzo é um material exógeno que provém de filões em zonas graníticas e no Super Grupo Dúrico Beirão.

Os materiais em pedra polida revelam um destaque para a utilização do anfibolito, material pétreo que existiria nas regiões mais interiores, nomeadamente na área da plataforma do Mondego (SENNA-MARTINEZ, 1996, p.68), região onde carecia a matéria-prima sílex, disponível na orla sedimentar litoral (*Ibidem*), nomeadamente no Maciço de Sicó, onde se identificam “a presença de horizontes mais ou menos densos de nódulos de sílex em Sicó-Alvaiázere” (AUBRY, *et al.*, 2014, p.174). Trocas semelhantes terão ocorrido entre a região da Estremadura portuguesa e Alentejo central. As comunidades neolíticas terão utilizado o sílex, matéria-prima abundante na zona da Estremadura, pela permuta dos anfibolitos alentejanos, empregues na confeção de machados de pedra polida, e de outros instrumentos (CARDOSO, 2022, p.48).

A presença de grande variedade de recursos geológicos exógenos (Tabela 4, Anexo 5), utilizados tanto ao nível da utensilagem lítica, bem como da produção de objetos de adorno ou de carácter ritual (nomeadamente as placas de xisto) corresponde, segundo J. Cardoso (*Ibidem*,

p.47) “a uma nova etapa de exploração das matérias-primas”, iniciada no Neolítico médio até a finais do Calcolítico.

Através das matérias-primas utilizadas é possível estabelecer relações espaciais entre zonas geográficas distintas, e conseqüentemente, identificar redes de trocas de matérias-primas entre comunidades distintas. A avaliar pelos materiais presentes nos espólios dos monumentos megalíticos de Sicó, existiriam transações com as comunidades do interior, nomeadamente das Beiras, dada a presença de anfíbolito, xisto e quartzo nos contextos, mantendo, simultaneamente, contactos com as regiões mais próximas (materiais de região da Figueira da Foz, Leiria, Santarém e Coimbra – calcite, anidrite, arenito). Destaca-se, no quadro geral, a presença de um adorno em esteatite (na Anta II do Rego da Murta), material apenas existente na região nordeste de Portugal (área de Bragança), remetendo para contactos de maior escala geográfica.

Em suma, posso concluir que a uniformidade observada ao nível das construções, técnicas e recursos materiais utilizados, permite aferir uma identidade comum entre os diversos núcleos megalíticos, que poderá apontar na direção de um território cujo fenómeno megalítico, dentro de pequenas variabilidades, se demonstra análogo.

6.3 A PRESENÇA DE GRUTAS NATURAIS NO CENÁRIO MEGALÍTICO

A presença de grande número de grutas naturais, no espaço territorial de Terras de Sicó, poderá compreender um dos fatores para explicação do número residual de monumentos megalíticos conhecidos nesta região. Tal hipótese não compreende, à partida, a preferência ou abandono de uma destas estratégias em virtude da outra, dado que, estas parecem ter coexistido, em momento contemporâneo, sendo utilizadas como espaços funerários por comunidades cujas culturas materiais demonstram paralelos entre si, como farei referência adiante.

No Maciço de Sicó estão inventariados cerca de três centenas de cavidades naturais de diferentes tipos, dimensões e características espeleogenéticas (CUNHA, *et al.*, 2018). O conhecimento e exploração do património geomorfológico de Sicó tem contribuído para, nas últimas décadas, avaliar a sua riqueza espeleológica, mas também, demonstrar a presença de efetivo interesse arqueológico, na medida que, no plano científico, vêm sendo encontrados interessantes vestígios da presença e ocupação humana pré-histórica em algumas destas cavidades (CUNHA, *et al.*, 2018; SILVA, 2011; VIEIRA & CUNHA, 2006). Reconhecem-se

vestígios de ocupação pré-histórica em, pelo menos, 12 das 300 grutas inventariadas até ao momento. A efetiva exploração arqueológica destas cavidades poderá trazer ao conhecimento científico novos dados sobre a ocupação humana destas grutas naturais, pelo que, este número poderá vir a apresentar-se bastante superior.

A utilização de grutas naturais apresenta uma longa diacronia, com algumas cavidades a registar vestígios desde o Paleolítico (Ex. Buraca Grande, Pombal) (AUBRY & MOURA, 1990). A multiplicidade de utilizações conhecidas para as grutas naturais não se resumiria, apenas, à sua utilização como necrópoles, sendo utilizadas desde as primeiras comunidades pré-históricas como locais de habitat, uma vez que constituem abrigos naturais. Algumas cavidades, como a Buraca Grande, apresentam sequências estratigráficas complexas, com vários períodos de ocupação sucessivos.

No que ao mundo funerário diz respeito, a tradição de sepultamento em gruta corresponde à prática mais ancestral e com maior prevalência temporal de entre as citadas no ponto 6.1. As grutas naturais, sendo utilizadas como locais de sepultamento desde o Paleolítico (GONÇALVES, 2009), demonstram ter continuado a operar do mesmo modo durante todo o IV e III milénios a.C., ainda que, neste período, já se construíssem, paralelamente, monumentos megalíticos.

Segundo Gonçalves, em áreas onde a matéria-prima aflorante é o calcário, que apresenta, pelas suas características físicas, certas limitações inerentes, no que respeita à fragilidade do material (ainda que tal permita grande facilidade de talhe), será, nestes contextos, que as grutas naturais são utilizadas como locais preferenciais de enterramento (GONÇALVES, 1997, p.259). Na perspetiva do mesmo autor, “a ocupação de grutas naturais com finalidades funerárias traduz a utilização de necrópoles prontas a usar, em áreas onde seria difícil a construção sistemática de novos monumentos” (*Ibidem*).

No território de Terras de Sicó são conhecidas dez cavidades naturais com vestígios do Neolítico final, algumas destas exploradas arqueologicamente (Mapa 18 e 19, Anexo 1). A sua maioria apresenta utilizações de cariz funerário, com identificação de vestígios osteológicos associados a deposições artefactuais que remetem para rituais deste período. Neste grupo, íntegro, também, duas cavidades, com vestígios materiais da mesma fase (embora não apresentando vestígios osteológicos datáveis deste período) e outra, sem cronologia atribuída.

Conhecem-se, para este contexto regional particular, a gruta da Buraca Grande (Pombal), grande cavidade, com cerca de 13 metros de comprimento, descoberta em 1990, e intervencionada em 1991 e 1993, que revelou sete níveis arqueológicos e dez conjuntos sedimentológicos. Com ocupações do Paleolítico, Pré-história recente, Proto-história e épocas históricas, encontram-se, identificados, nesta cavidade, ocupações funerárias durante a pré-história recente, com a presença de alguns vestígios osteológicos (identificados restos ósseos pertencentes a cerca de quatro indivíduos) associados a abundante material lítico, de matérias-primas locais, bem como, algum material cerâmico liso e decorado (AUBRY & MOURA, 1990; 1994; 1995; AUBRY, et al., 1994; 2008).

As grutas do Ourão I e II, também localizadas na região de Pombal, apresentam contextos datados do Paleolítico e Neolítico (NÓBREGA, *et al.*, 1985). De época Neolítica constam os vestígios funerários associados a cerâmica e indústria lítica. Na galeria II do Ourão, foi identificada, nos anos 80 do século passado, no decorrer de intervenções na galeria I, uma sepultura neolítica coletiva, onde os defuntos seriam exumados ao nível da superfície⁴⁶.

No mesmo concelho, em 1959, no sítio do vale, em Souto de Vila Cã, ao proceder-se a atividades de exploração de pedra, foi descoberta uma gruta-abrigo, com vestígios ósseos e fragmentos cerâmicos que demonstram paralelos com as culturas neolíticas (S.N., 1959).

Vestígios com caráter semelhante foram observados na gruta da Cova do Ladrão (Soure), intervencionada entre 1999 e 2004. O espólio arqueológico revelou uma ocupação cardial, em contexto arqueostatigráfico íntegro, seguida de ocupações do Neolítico final, pautadas pela ocorrência de vestígios diversos (faunísticos, cerâmicos, líticos e malacológicos), surgindo, também, nesta gruta, uma ocupação datável de época romana. Dados apontam para uma ocupação desde, pelo menos, o Neolítico antigo (NEVES, et al., 2008; AUBRY, et al., 2007; 2008).

Outra estação neolítica, localizada numa área mais ocidental do concelho de Soure, foi identificada por Santos Rocha, no lugar de Vinha da Rainha. A gruta do Forno da Cal, encontrava-se já muito destruída, fruto das explorações de pedra no local. O conhecimento de “criptas contendo esqueletos no outeiro do forno da cal” (ROCHA, 1975, p.79) e a presença de cerâmicas, com características semelhantes das recolhidas nos monumentos da Figueira da Foz, permitiram identificar a utilização funerária desta gruta natural.

⁴⁶ Informações retiradas do Portal do Arqueólogo (CNS 17623).

A gruta do Algar da Água (Alvaiázere) constitui outro dos exemplos conhecidos para a região. Situada na vertente noroeste da serra de Alvaiázere, numa cavidade com 20 metros de comprimento, aqui foram identificados dois períodos de ocupação, um de Época Clássica/Medieval e, outra relativa à Pré/Proto-história. Dos níveis pré-históricos recolheu-se um 4º metatársico (falange), pertencente a um adulto, com cronologia provável do Neolítico, pelos materiais cerâmicos associados. As peças cerâmicas apresentam similitudes com as identificadas nos monumentos do Rego da Murta (ESQUETIM & FIGUEIREDO, 2021; FIGUEIREDO, 2018; 2019b; LIMA, *et al.*, 2021).

Em Alvaiázere, está, também, identificada, uma cavidade artificial, que possui, na sua zona mais profunda, uma deposição osteológica de um jovem. Do hipogeu da gruta do Pastor foram, ainda, recolhidos, um conjunto de fragmentos cerâmicos datáveis da pré-história recente (FIGUEIREDO, *et al.*, 2014).

A gruta dos Brutiais (ou Verdiais), na região de Penela, apresenta dados mais seguros relativamente à prática de inumação, com vestígios osteológicos atribuíveis a um único indivíduo, em conexão anatómica. Os ossos em conexão compunham uma cintura pélvica (coxal direito, fragmentos de vértebras sacras e coxal esquerdo) e, junto desta, vários ossos, pertencentes ao pé direito, demonstravam-se *in situ*. Constituindo uma deposição primária, tudo leva a crer que terá sido sepultado em posição fetal. A inexistência de artefactos, em contexto com a sepultura, impede uma atribuição cronológica (AUBRY, *et al.*, 2007).

Por sua vez, a gruta do Algarinho (Penela), cavidade natural onde foram encontradas duas construções humanas, próximas da entrada, e recolhidas, do seu interior, uma ponta de lança, datável da Idade do Bronze, bem como, dois crânios humanos sem datações, poderá corresponder a um local utilizado na longa diacronia (NEVES, *et al.* 2005; VILAÇA, 2008; 2015). A presença de crânios demonstra uma utilização com carácter funerário que poderá remontar ao Neolítico.

Integrando este grupo, com vestígios materiais do mesmo período, consta, ainda, a gruta da Cerâmica (Ansião), onde foram recolhidos fragmentos cerâmicos pré-históricos, entre os quais um vaso campaniforme, e fauna associada (FIGUEIREDO, *et al.*, 2014, p.9). Não foi detetada a presença de vestígios osteológicos humanos no interior desta cavidade (*Ibidem*; NÓBREGA, *et al.*, 1985).

A visualização cartográfica dos locais de implantação de monumentos megalíticos por contraste com as áreas de ocupação das referidas grutas naturais permite concluir a inserção de ambos num mesmo espaço, ocupando um mesmo perímetro geográfico. Não se observa, neste território, uma prevalência de construções megalíticas em áreas onde não são conhecidas grutas naturais, pelo que se configuram adjacentes espacialmente.

Os dados existentes permitem definir continuidades culturais não só entre as grutas da região, onde são identificadas correlações entre os conjuntos materiais, nomeadamente, nos utensílios líticos, como é exemplo dos conjuntos conhecidos para a Cova do Ladrão (Soure) e da Buraca Grande (Pombal) (AUBRY, *et al.*, 2008), bem como, entre grutas naturais e monumentos megalíticos. Nestes surgem contextos similares, observando-se o mesmo tipo de conjuntos deposicionais, com destaque para a categoria das cerâmicas, onde são observados os mesmos tipos morfológicos e fabrico das pastas. Reconhecem-se paralelos entre os materiais recolhidas na gruta do Algar da Água (Alvaiázere) e os registados nos monumentos do Rego da Murta (Alvaiázere) (FIGUEIREDO, 2019b), bem como, entre os vestígios cerâmicos do monumento do Alto da Feteira (Pombal) e os da Buraca Grande (Pombal) (AUBRY & MOURA, 1995).

A identificação de culturas materiais semelhantes sugere uma continuidade cultural na utilização destas tipologias de espaços funerários. As comunidades neolíticas parecem ter continuado a explorar as grutas naturais da região, enquanto necrópoles com tradição e de disponibilidade imediata, fazendo erigir, em momento coevo, novas estruturas funerárias, os monumentos megalíticos. As culturas materiais e rituais de enterramento das diferentes estações, grutas e monumentos megalíticos, não se demonstram muito divergentes, pelo que poderão ter sido explorados pelas mesmas comunidades. A existência de datações, algumas delas correspondentes ao Calcolítico, ou de momentos posteriores, reforça a hipótese que, a par da construção das primeiras estruturas, continuaram a explorar-se as cavidades naturais existentes, desenvolvendo-se novos depósitos.

6.4 O MEGALITISMO DE SICÓ NA REGIÃO CENTRO LITORAL

Como já referimos, na faixa atlântica centro litoral demonstram-se escassas as necrópoles megalíticas conhecidas. Para caracterização, do fenómeno megalítico, desta região particular, contam-se com os raros exemplos do grupo do Baixo Vouga/Vouga Lagunar, na

região de Aveiro, a necrópole da Serra da Boa Viagem, na zona da Figueira da Foz, bem como, do grupo de Terras de Sicó, localizado na região mais a sul das anteriores, conforme este trabalho demonstra.

Estas necrópoles, ainda que localizadas numa mesma região, apresentam, entre si, características distintas no que respeita ao número de elementos integrantes, sua localização topográfica (função das áreas de implantação dos monumentos na paisagem), distribuição espacial, e características tipológicas dos núcleos megalíticos formados.

A necrópole da Serra da Boa Viagem, que reuniria, nos finais do século XIX, cerca de vinte e quatro monumentos, distribuídos ao longo de, cerca de, 13 quilómetros (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008), demonstra, entre as citadas, a maior coesão espacial entre o conjunto de monumentos conhecidos, no que respeita à distribuição das sepulturas. É dada uma clara preferência pela exclusiva disseminação de monumentos ao longo da zona de planalto, que compreende uma longa faixa, e parece ter funcionado, simbolicamente, como espaço confinado, utilizado com o propósito de delimitar a área ocupada para o espaço dos mortos, aproveitando o relevo natural da região. A construção das sepulturas parece evidenciar uma distribuição regular, na faixa territorial que ocupam, correspondente ao Casal do Mato-Serra das Alhadas-Cabo Mondego (GUERRA & FERREIRA, 1974).

Por comparação com esta necrópole, os outros grupos apresentam maiores áreas de dispersão dos monumentos megalíticos: o grupo do Baixo Vouga integra 27 monumentos (SILVA, 1999), dispersos pelo Maciço da Gralheira; e o grupo de Terras de Sicó, totalizando cerca de 10 monumentos, distribuídos pelo Maciço de Sicó.

Quanto aos locais de implantação, também existem nuances entre conjuntos, característicos das particularidades orográficas de cada sub-região. As sepulturas do conjunto do Baixo Vouga localizam-se numa área de planalto, em patamares acima dos 400 metros (*Ibidem*). Por sua vez, e acompanhando as cumeadas da serra, numa cota estabelecida pelos 200 metros, localizam-se os monumentos da Serra da Boa Viagem. Ao passo que, os monumentos do conjunto de Sicó não se implantam em zonas de serra, estabelecendo-se nas regiões de depressão do maciço, cujas cotas rondarão os 200-300 metros de altitude, nas periferias das serras calcárias. Deste modo, serão distintos quanto à sua posição na paisagem, uns apresentando-se em locais de boa visibilidade e de domínio natural da paisagem, e outros (exemplo dos de Sicó), tendencialmente ocultos e absorvidos na paisagem.

As sepulturas implantam-se, geralmente, em pequenos núcleos de 2 ou 3 monumentos, podendo, ainda, surgir isolados. Na necrópole do Baixo Vouga, reconhece-se, ainda, a existência de núcleos de maiores dimensões, perfazendo verdadeiras necrópoles, com cerca de 12 sepulturas (núcleo da Serra do Arestal) (SILVA, 1999).

Os monumentos do centro litoral evidenciam uma certa uniformidade entre construções, designadamente, nas suas dimensões, pressupondo espaços deposicionais funerários de pequeno a médio tamanho (SILVA, 1993).

As sepulturas megalíticas das distintas necrópoles demonstram paralelos entre si, compreendendo espaços complexos, formados por câmaras funerárias, de sete a nove esteios, de planta poligonal, às quais se acederia por um corredor de médias dimensões.

De modo geral, as dimensões dos esteios demonstram-se mais homogêneas na zona da câmara, podendo, ou não, demonstrar-se uma clara distinção entre a laje de cabeceira e as restantes. Ao nível do corredor, verifica-se maior volubilidade nas dimensões dos esteios, que demonstram um geral aumento de tamanho à medida que se aproximam da área cameral.

No contexto particular do Baixo Vouga, a grande diversidade tipológica identificada ao nível dos núcleos megalíticos, demonstra um claro predomínio para arquiteturas de fases evolucionadas do IV milénio, constituídos por pequenas câmaras simples, e inseridas em *tumuli* de pequeno tamanho (SILVA, 1999, p.526). Surgem integradas nestes núcleos de mamoas algumas sepulturas de características construtivas semelhantes com aos do grupo de Sicó e da Boa Viagem, datáveis do Neolítico final (Ex. Pedra da Moura 1/Cerqueira 1 e Ouguedêlo, do núcleo da Serra do Arestal, Baixo Vouga) (*Ibidem*).

As construções megalíticas deste período, utilizariam, preferencialmente, a matéria-prima local (BETTENCOURT & REBELO, 1988) para edificação dos monumentos, nomeadamente, quando estes assentavam diretamente sobre afloramentos rochosos ou se encontravam nas proximidades, como de tal são exemplos os monumentos do Alto da Carrasqueira (Pombal) e a Mamuinha de Porto Sabroso⁴⁷ (Figueira da Foz) (ROCHA, 1949).

Os monumentos da Figueira da Foz, enquanto conjunto, revelam, paralelamente, a particularidade, de utilizarem, em vários dos seus monumentos, matérias-primas de origem local e não local (ROCHA, 1949), utilizando os materiais disponíveis em áreas de afloramento

⁴⁷ Segundo Santos Rocha, para a construção da Mamuinha de Porto Sabroso haveria “no próprio local rocha calcária, fácil de extrair e bastante para edificar uma povoação” (ROCHA, 1949, p.61).

na zona norte (calcários) e sul (argilitos e arenitos) da linha de cumeeada da serra (CRUZ, *et al.*, 2014, p.11). Nestes casos específicos, observa-se, ao nível dos materiais de construção dos monumentos, a conjugação de materiais de origem e características distintas.

De facto, a necrópole da Serra da Boa Viagem, afigura-se, dentro do quadro do Megalitismo da região Centro litoral, como caso particular, dado que, como já mencionado no ponto 5.1.1.1.1, compõe um daqueles exemplos em que a proximidade, numa mesma região, a unidades geológicas de carácter distinto, oferece aos construtores fontes de matéria-prima diversa a curta-média distância, pelo que, a opção adotada para alguns dos monumentos da necrópole foi a conjugação mista de tipologias de matérias-primas.

Também nos estudos realizados para o megalitismo de Vale de Rodrigo, Évora (KALB & HÖCK, 1995) e de Rabuje, Monforte (BOAVENTURA, 2000) se reconhece situação similar. A proximidade dos monumentos megalíticos a jazidas naturais de tipologia diversa, reflete-se, diretamente, no material de construção empregue nos monumentos, verificando-se quer ao nível dos esteios, de diferentes tipos litológicos, ou do material utilizado na couraça pétreo e contrafortagens, que se demonstra mais diversificado.

A Santos Rocha (ROCHA, 1949) se deve um trabalho notável, que utilizando as metodologias da sua época (século XIX), não só identificou e inventariou todas as sepulturas conhecidas desta necrópole, como fez referência, nos seus trabalhos, ao tipo de materiais pétreos utilizados nas composições arquitetónicas dos megálitos. Identificou que as matérias-primas empregues para a edificação dos monumentos (diga-se: o dólmen da Cumieira, monumento do Cabeço dos Moinhos, megálitos das Carniçosas, monumento de Asseiceira, Mama do Furo) (CRUZ, *et al.*, 2014; ROCHA, 1949; VILAÇA, 1986), utilizariam, na mesma arquitetura, esteios em grés e outros em calcário (ROCHA, 1949, pp.10-184).

Por vezes, tal associação era feita através da construção de uma das áreas (norte ou sul) em esteios de calcário, sendo a oposta construída com esteios de grés - exemplo de um dos megálitos das Carniçosas, “monumento composto por esteios de grés (a norte, na área da câmara) e de calcários (a sul, na área do corredor)” (*Ibidem*, p.20; VILAÇA & FERREIRA, 2021, p.84). Em outras construções seria feita uma conjugação dos materiais sem que existisse separação entre estes, como de tal é exemplo o Dólmen da Cumieira, no qual, Santos Rocha, identificou “do lado leste uma laje calcárea (...), outra a norte de grés avermelhado, entre estas duas outra de calcário cinzento muito duro” (ROCHA, 1949, p.10).

6.5 NOTAS FINAIS

Em notas finais, considero múltiplas as hipóteses a equacionar numa tentativa de explicar o número residual de monumentos megalíticos conhecidos na região de Sicó.

À primeira hipótese, já levantada, respeitante à presença de numerosas grutas naturais, com tradição sepulcral, e evidências materiais de sua utilização funerária no período a considerar, poderei adicionar outras questões, de ordem distinta, que poderão ter condicionado a presença e subsistência das estruturas megalíticas na paisagem.

A referida existência de grutas naturais, enquanto elementos preexistentes no Maciço de Sicó, constituiria, de si, uma alternativa prática à construção de novas estruturas funerárias, ainda que tal opção encerre, também, uma alternativa de cariz simbólico, com a manutenção de uma tradição existente entre comunidades, que utiliza as estruturas disponíveis na natureza, como espaço simbólico de deposição, fazendo-se, em certa medida, uma “apropriação” do espaço não construído.

Outros fatores, de ordem prática, poderão, igualmente, ser citados. Desde logo, a disponibilidade ou, mais concretamente, indisponibilidade de matéria-prima para construção. Como referi previamente, em capítulos anteriores, existe, no território de Sicó, grande abundância de material pétreo, nomeadamente no que respeita ao material calcário, contudo, tal situação, verifica-se de forma mais homogénea no território compreendido entre os concelhos de Pombal, Soure e Ansião. Nestes, dispomos, ainda hoje, de material com as características de espessura e robustez necessárias à edificação de grandes construções. Nestes territórios, dispomos, praticamente em todas as direções, de material que se configura viável para a construção de estruturas funerárias com a dimensão dos monumentos megalíticos. Contudo, tal situação, já não se verifica a sul de Ansião, nomeadamente na área correspondente ao trajeto entre Ansião e Alvaiázere, onde as bancadas de calcários demonstram menores dimensões e, o material, constitui um calcário mais partido e menos homogéneo. Coincide, neste ponto, a carência de informações que deem nota de conhecimento sobre a existência de sepulturas megalíticas no território compreendido entre estes dois concelhos.

Por outro lado, a já referida intensa exploração de pedra nos territórios de Terras de Sicó, poderá constituir outra das hipóteses explicativas do número diminuto de monumentos sobre os quais se obteve algum registo. Vários são os exemplos, ao longo deste trabalho, que dão conta da afetação parcial ou total dos monumentos conhecidos, alguns destes tendo mesmo

desaparecido, pela presença de explorações de pedra nas áreas envolventes. Deste modo, poderá equacionar-se a existência de outras sepulturas, nas proximidades dos mencionados, ou em outras áreas mais dispersas, cuja afetação da exploração e recolha de pedra, ao longo dos tempos, constituiu fator decisivo para o seu desaparecimento.

Para além disto, a prática de agricultura e a plantação de eucaliptais poderão ter contribuído, simultaneamente, para o desaparecimento destas estruturas. A utilização de maquinaria e o revolvimento dos terrenos poderão ser responsáveis pela afetação permanentemente de outros monumentos megalíticos presentes nestas regiões.

Por sua vez, a carência de prospeções nestes locais, com o propósito de inventariar outros possíveis monumentos, influência, igualmente, no conhecimento disponível, já que restringe os dados disponíveis para a caracterização do megalitismo da região. Não se pode conhecer aquilo que não se procura.

Em síntese e concluindo, para conhecimento das sociedades pretéritas dispomos das suas culturas materiais, das suas arquiteturas e dos seus rituais simbólicos, enquanto elementos de análise capazes de traçar os comportamentos da sociedade que os produziu.

Uma das principais manifestações culturais das sociedades passadas compreende os seus rituais e espaços funerários. Estes locais conjugam os vários elementos de análise, uma vez que constituem espaços, onde a deposição material compreende um ato simbólico, pressupondo uma intenção, enquanto práticas dos vivos sobre os mortos.

A escolha dos locais de deposição, bem como, das materialidades a que se lhe associam, caracteriza e individualiza uma comunidade, na medida que reflete determinadas metodologias concetuais.

No Neolítico diversificam-se as tipologias de espaços funerários de deposição, o que reflete uma fase de profundas alterações ao nível das estruturas de enterramento. Neste período dá-se início a um processo de grandes alterações ao nível das estruturas de enterramento, com a construção das primeiras estruturas funerárias. A construção de monumentos megalíticos evidencia uma nova compreensão do mundo funerário por parte das comunidades pré-históricas, que utilizam os recursos materiais e humanos disponíveis, conjugando esforços para a edificação destas grandes estruturas.

O Megalitismo constitui, simbolicamente, uma expressão funerária sem precedentes, com uma vasta distribuição geográfica. Conhecem-se estruturas megalíticas, dentro de certa

variabilidade construtiva, em todo o território nacional. A distribuição de sepulturas não é uniforme, pelo que na região Centro-litoral, não são conhecidas necrópoles muito significativas.

Contam-se, entre os grupos megalíticos conhecidos nesta região, o grupo de Terras de Sicó, definido por um conjunto de cerca de dez monumentos megalíticos, dispersos por cinco concelhos. Deste conjunto, tomam particular destaque a anta I e II do Rego da Murta (Alvaiázere), os monumentos do Alto da Feteira e do Alto da Carrasqueira (Pombal) e anta da Casa da Moura (Soure), pelos dados que fornecem sobre as suas arquiteturas e materiais construtivos.

Construtivamente, os monumentos megalíticos de Terras de Sicó apresentam-se como estruturas de médias dimensões, de planta evoluída, com câmaras de tipo poligonal, composta por oito ou nove esteios, e corredor médio diferenciado, inseridos em mamoas de médio tamanho.

Estão implantados em zonas de elevação não muito acentuada, ainda que dentro de uma certa variabilidade, pois ocupam áreas de vale, meia encosta e planalto, não apresentando, na sua maioria, grande visibilidade na paisagem, pelo que não são conhecidos monumentos megalíticos acima da curva de nível dos 300 metros.

A matéria-prima de construção dos monumentos de Sicó é a rocha calcária local, disponível em grande abundância neste território. Não sendo possível, pela ausência de estudos petrográficos, determinar com certeza o local de extração do material para a construção das distintas estruturas, avaliou-se a proximidade a afloramentos rochosos, verificando-se a natureza do material utilizado e daquele que estaria disponível em áreas adjacentes, o que definiu, na generalidade dos casos, um raio de ação de 1-2 quilómetros, relativamente à área de implantação dos monumentos.

Na zona calcária de Terras de Sicó, a baixa densidade de construções megalíticas conhecidas, e sua tipologia construtiva, poderá estar relacionada com a utilização de outros espaços funerários, nomeadamente, as grutas naturais existentes na região, cuja acessibilidade, enquanto recursos com tradição funerária de sepultamento, evidenciam uma dualidade na escolha dos espaços de deposição, já que, em momento contemporâneo, ambas as tipologias funerárias terão sido utilizadas por comunidades cujas culturas materiais demonstram paralelos entre si.

Outros fatores como a exploração intensiva de pedra ou a agricultura poderão explicar o número residual de monumentos megalíticos conhecidos nesta vasta extensão territorial que compreende a área em estudo.

BIBLIOGRAFIA

Aquino, M. P. F. (1986). **Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Alvaiázere** (trabalho escolar dactilografado). Instituto de Arqueologia, Coimbra.

Arnaut, S. D. (1937) **Penela. Notas acêrca dum centenário**. Coimbra: Atlântida Livraria Editora.

Arnaut, S. D. & Dias, P. (2009) **PENELA – história e arte**. Município de Penela.

Aubry, T., Condel, A., Cunha, E., Dimuccio, L. A., Duarte, M., Moura, H., & Rodriguer, Z. (2007). **Intervenção arqueológica na Gruta dos Brutiais (Maciço de Sicó-Portugal). Património geológico, arqueológico e mineiro em regiões cársicas**. Actas do Simpósio Ibero-americano, SEDPGYM, Batalha. 221-229.

Aubry, T., Mangado Llach, J., & Matias, H. (2014). **Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal**. Proveniência de materiais geológicos: abordagens sobre o Quaternário de Portugal, 165-192.

Aubry, T., & Moura, M. H. (1990). **Redinha (Pombal): subsídios para a carta arqueológica da freguesia**. Conimbriga XXIX, Universidade de Coimbra. 5-37.

Aubry, T., & Moura, M. H. (1994). **Paleolítico da serra de Sicó**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 34(3-4). 43-60.

Aubry, T. & Moura, M. H. (1995). **A Pré-história recente da Serra de Sicó**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35(3). 113-131.

Aubry, T., Moura, M. H., & Zilhão, J. (1994). **Dados preliminares sobre a organização estratigráfica da Buraca Grande do Vale do Poio Novo (Redinha)**. Notícias e memórias do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra. Coimbra. 119-132.

Aubry, T., Neves, M. J., Almeida, M., & Mangado-Llach, J. (2008). **Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas no baixo Mondego durante o Holocénico: Dados novos e revisão de séries arqueológicas**. In Actas del IVº Congreso del Neolítico Peninsular, Vol. 2. 258-255.

Barbosa, C. S. & Madail, M. (1983). **Levantamento arqueológico do concelho de Penela** (trabalho escolar dactilografado). Instituto de Arqueologia, Coimbra.

Bettencourt, A. M., & Rebelo, T. M. (1988). **Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga-Vale de Cambra): inventário preliminar**. Portugalia: Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 9, 7-30.

Boaventura, R. (2000). **A geologia das antas de Rabuje (Monforte, Alentejo)**. Revista Portuguesa de Arqueologia, 3(2), 15-24.

Calado, T., Anselmo, D., Rocha, L., Costas, O. L., Silva, F., Monteiro, A., & Branco, G. (2019). **O conjunto osteológico da anta da Casa da Moura (Soure, Portugal)**. *SCIENTIA ANTIQUITATIS*, nº2. 111-126.

Campos, J. C. A. (1877). **Catalogo dos Objectos Existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra a cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto (1873-1877)**. Coimbra: Imprensa Litteraria.

Cardoso, J. L. (2012). **Dicionário de Arqueologia Portuguesa**. Alarcão, J. & Barroca, M. (Coord.). Ed: Figueirinhas. Porto.

Cardoso, J. L. (2022). **Matérias -primas não-metálicas de origem geológica na Pré -História do Ocidente Peninsular: contributo para o conhecimento da sua exploração, circulação e utilização**. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências. Tomo XLVIII. Academia das Ciências de Lisboa.

Cardoso, J. L., & Vilaça, R. (2020). **Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra)**. *Akra Barbarion*. Sesimbra, cultura e património, 4. 13-30.

Castro, L. A. & Castro, H. M. A. (1966) **Monumento megalítico da Feteira (Pombal – Portugal) – Resumo**. Lucerna – Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos (Anexo à Universidade do Porto). Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia, Vol. V. Porto. 383.

Castro, L. A. & Ferreira, O. (1969). **O monumento megalítico do Alto da Feteira (Pombal)**. *Caesaraugusta*, 33(34). 41-53.

Chaves, L. (1951). **As antas de Portugal**. *O Arqueólogo Português*, Série 2, 1. 95-115.

Cordeiro, M. F. F. (1984) **Contributo para o levantamento arqueológico do Concelho de Pombal** (trabalho escolar dactilografado). Instituto de Arqueologia, Coimbra.

Coutinho, J. R. (1986). **Ansião: Perspetiva global da arqueologia, história e arte da Vila e do Concelho**. Litográfica Estarreja, Estarreja.

Coutinho, J. R. (1997) **Estações arqueológicas em Ansião. Levantamento da Carta Arqueológica do Concelho I**. Coimbra, Instituto de Arqueologia (trabalho policopiado).

Cruz, C., Bettencourt, A.; Callapez, P.; Silva, L.M.C.; Monteiro-Rodrigues, S. (2014). **Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da Serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz**. In A.M.S. Bettencourt, B. Comendador, H. A. Sampaio, E. Sá (eds.), *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria*, Braga: APEQ/CITCEM, p. 9-32.

Cunha, L. (1990a). **Alguns problemas ambientais em áreas cársicas: o exemplo das serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere**. *Cadernos de Geografia*, 9. Instituto de Estudos Geográficos. Coimbra. 127-142

Cunha, L. (1990b). **As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere**. Estudo de Geomorfologia: Coimbra, INIC (Instituto Nacional de Investigação Científica).

Cunha, L. (2003). **Maciço de Sicó. Valorização dos recursos naturais e criação de emprego a nível local**. *Territórios, do global ao local e trajetórias de desenvolvimento*. CEGC. Coimbra. 185-198.

Cunha, L., Alarcão, A., & Paiva, J. (1996). *O Oppidum de Conímbriga e as Terras de Sicó*. Roteiro. Conímbriga: Liga de Amigos de Conímbriga. Lisboa.

Cunha, L., & Dimuccio, L. (2014). **Formas e processos cársicos nos maciços calcários do centro de Portugal. O caso particular do Maciço de Sicó**. *Revista Brasileira de Geomorfologia*, 15(4). 673-685.

Cunha, L., Dimuccio, L. A., & Paiva, I. (2018). **Geopatrimónio cársico e desenvolvimento local no Maciço de Sicó**. Desafios para afirmar a Lusofonia na Geografia Física e Ambiente. II Encontro Luso-Afro-Americano de Geografia Física e Ambiente., 1227-1233.

Cunha, L., Dinis, P.M., Almeida, A.C., Dimuccio, L., Cunha, P. & Paiva, J. (2017). **Paisagens naturais das Serras do Buçaco e de Sicó e do Vale do Cértima: Dos Relevos em Soco Varisco aos Maciços Calcários na Região de Coimbra. O Campo Arqueológico de**

Conimbriga: O *Oppidum* e o Território Romano. Livro Guia das Excursões da XXII Bienal RSEHN. 101-152.

Dimuccio, L. A. (2014). **A Carsificação nas Colinas Dolomíticas a Sul de Coimbra (Portugal centro-ocidental)** - Fácies deposicionais e controlos estratigráficos do (paleo)carso no Grupo de Coimbra (Jurássico Inferior) (*Doctoral dissertation*, Universidade de Coimbra, Portugal).

Encarnação, J. D. (1984). **Noticiário arqueológico-1982.** *Conimbriga*, (23), 169-206.

Esquetim, A. C. J., & Figueiredo, A. (2021). **Cada artefacto, uma história: olhar as cerâmicas no contexto pré-histórico da gruta do Algar da Água.** *Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-História*, 3, 2. 17-26.

Ferreira, A. M. & Lapa, M. F. (1987). **Carta arqueológica do concelho de Soure** (trabalho escolar dactilografado). Instituto de Arqueologia, Coimbra.

Figueiredo, A. (2004). **Contributo para o estudo e compreensão do Megalitismo no Alto Ribatejo: a Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere, Leiria.** In *Simbolismo, arte e espaços sagrados na pré-história da Península Ibérica: actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004)*. 69-88. Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património.

Figueiredo, A. (2006). **Complexo megalítico de Rego da Murta (Rego da Murta, Alvaiázere) no contexto da Pré-história Recente do Alto Ribatejo (V-II milénio a.C.) – Problemáticas e Interrogações.** Vol. I e II. (*Doctoral dissertation*, Instituto politécnico de Tomar, Portugal).

Figueiredo, A. (2007). **Entre as Grutas e os Monumentos Megalíticos: problemáticas e interrogações na Pré-História recente do Alto Ribatejo.** *Al-madan Online*, 15. 1-15.

Figueiredo, A. (2010). **Rituals and death cults in recent prehistory in Central Portugal (Alto Ribatejo).** *Documenta Praehistorica*, 37. 85-94.

Figueiredo, A. (2013a). **Contributo para a Análise do Megalitismo no Alto Ribatejo (1998-2001).** *Antrope*, O Alto Ribatejo Revisitado, 0. Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar. 198-211.

Figueiredo, A. (2013b). **O Sítio Arqueológico Anta I do Rego da Murta**. *Antrope*, O Alto Ribatejo Revisitado, 0. Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar. 9-16.

Figueiredo, A. (2017). **Cenários, dinâmicas e rituais na pré-história recente na região do Nabão**. *Cadernos de Estudos Leirienses*, 13. Textiverso. Leiria. 41-58.

Figueiredo, A. (2019a) **Later prehistoric funerary practices in the Nabão valley: the Rego da Murta Megalithic Complex**. In “*Megalithic tombs in Western Iberia – Excavations at the Anta da Lajinha*”. Ed: Oxbow Books. 127-138.

Figueiredo, A. (2019b). **O sítio arqueológico Algar da Água (Alvaiázere) - Resultados de 2017 a 2019**. Projeto Medice: Memórias, dinâmicas e cenários da Pré-história à Época Clássica. Instituto Politécnico de Tomar. FCT. Ed: IPT.

Figueiredo, A. (2021). **As Primeiras Arquiteturas no Centro de Portugal - O Caso do Complexo Megalítico de Rego da Murta**. Projeto Medice: Memórias, dinâmicas e cenários da Pré-história à Época Clássica. Instituto Politécnico de Tomar. FCT. Museu Municipal de Alvaiázere.

Figueiredo, A., Rolão, J., Saraiva, R., Monteiro, C., & Pinto, R. (2014). **Resultados das Prospecções Arqueológicas nas Cavidades do Alto Nabão (Leiria-Centro de Portugal)**. *Revista Memorare. UNISUL*. 1(2), 1-26.

Figueiredo, A., Vilas-Estévez, B., & Silva, F. (2018). **The planning and orientation of the Rego da Murta dolmens (Alvaiázere, Portugal)**. In *Proceedings of the Prehistoric Society*, Vol. 84. Cambridge University Press. 207-224.

Gonçalves, V. S. (1997). **As práticas funerárias nas sociedades do 4º e do 3º milénios. O megalitismo**. *História de Portugal. História de Portugal – Portugal na Pré-história*, I. Amadora: Ediclube, 247-284.

Gonçalves, V. S. (2009). **As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)**. Vol. 3, *Tempos Antigos*, Cascais. Câmara Municipal de Cascais.

Guerra, A. V., & Ferreira, O. V. (1974). **Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz**. Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Henriques, M.C.F. (1990). **Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Ansião. Freguesias de Ansião, Santiago da Guarda e Pousaflores** (trabalho escolar dactilografado). Instituto de Arqueologia, Coimbra.

Jarnaut (1915). **Monografia do município penelense ou narração dos factos aqui decorridos desde os tempos primitivos até 1910**. Tipografia Lousanense. Lousã.

Kalb, P., & Höck, M. (1995). **Vale de Rodrigo. Projecto interdisciplinar para a investigação do megalitismo numa região do sul de Portugal**. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(2), 196-206.

Leisner, V. (1998). *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. 4. Lieferung. Madrider Forschungen.

Lima, É., Oliveira Tognoli, A. R., & Figueiredo, A. (2021). **Arqueozootologia do período romano da gruta Algar da Água Alvaiázere (Portugal)**. *Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-História*, 3, 1. 35-46.

Manuppella, G., Zbyszewski, G., & da Veiga Ferreira, O. (1978). **Notícia explicativa da folha 23-A: Pombal**. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

Monteiro, A. J. N. (1996). **Dordias (Pombalinho-Soure): uma estação romana no território da Ladeia**. *Revista Portuguesa de História*, 31(1), 77-98.

Moura, M. H. (2012). **Relatório da execução do projeto estrutural de sustentação dos esteios da anta da Arroteia – monumento funerário megalítico do Alto da Carrasqueira**. Grupo Proteção Sicó (GPS). Pombal.

Neves, M. J., Aubry, T., Almeida, M., Basílio, L., & Gabriel, S. (2008). **Cova do Ladrão: cronoestratigrafia e enquadramento na ocupação holocénica do Baixo Mondego (Portugal)**. In *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*, I. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante. 290-297.

Neves, M. J., Pessoa, M., & Redinha, N. (2005). **O sistema espeleológico do Dueça**. *Espeleo Divulgação*, 6, 14-18.

Nóbrega, A., Carvalho, F., da Veiga, F. A., Soares, M., Neves, J. J., & Correia, J. P. (1985). **Sicó**. *Espeleo Divulgação*, 4, 4-29.

Nunes, J. M. G. (2001). **Alvaiázere: Parte do meu contributo para a sua monografia**. Alvaiázere: Câmara Municipal de Alvaiázere.

Oosterbeek, L. (1997). *Echoes from the East: late prehistory of the North Ribatejo*, ARKEOS 2. Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

Pereira, G., & Rosa, J. (1934) **Estudos Diversos (Arqueologia, História, Arte, Etnografia)** Coimbra: Imprensa da Universidade [Colectânea organizada e anotada por J. Rosa]

Ramos, A. M. (2008). **O Pliocénico e o Plistocénico da plataforma litoral entre os paralelos do Cabo Mondego e da Nazaré** (*Doctoral dissertation*, Universidade de Coimbra, Portugal).

Rocha, A. S. (1949). **Memórias e Explorações Arqueológicas**. Antiguidades pré-históricas do concelho da Figueira da Foz. Acta Universitatis Conimbricensis. Vol. I. Por ordem da Universidade.

Rocha, A. S. (1975). **Memórias e Explorações Arqueológicas**. Memórias sobre a antiguidade. Acta Universitatis Conimbricensis, Vol. III.

Rocha, L. (2005). **Origens do megalitismo funerário no Alentejo central: a contribuição de Manuel Heleno**. Tese de Doutoramento em História (Arqueologia). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Rocha, L. (2016). **Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano**. Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. In Sousa, A. C.; Carvalho, A.; Viegas, C. (eds.). Estudos & Memórias 9. Lisboa. UNIARQ/FLUL. 167-177

Rocha, L., Branco, G., Monteiro, A., & Silva, F. (2018). **Estudo do espólio arqueológico da Anta da Casa da Moura (Soure, Portugal)**. *De Gibraltar aos Pirenéus – Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Senna-Martinez, J.; Diniz, M. & Carvalho, A. F. (Coord.). Fundação Lapa do Lobo, Nelas. 263-276.

Senna-Martinez, J. C. (1996). **Do espaço doméstico ao espaço funerário: ideologia e cultura material na Pré-História Recente do Centro de Portugal**. V: Ophiussa 0. Edições Colibri, 65-76.

Senna-Martinez, J. C., & Ventura, J. M. Q. (2008). **Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois.** Estudos Arqueológicos de Oeiras, 16, 317-350.

Silva, A. M. (2012) **Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/calcolítico.** Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian (Fundação para a ciência e tecnologia).

Silva, A. M. (2020). *The megalithic builders: new data on old bones from Megalitho do Facho (Figueira da Foz, Portugal).* *Documenta Praehistorica*, 47. 390-403.

Silva, C. (2011). **Sicó - A dimensão Cultural Das Paisagens. Um Estudo De Turismo Nas Suas Vertentes Cultural e Natureza** (*Doctoral dissertation*, Universidade de Coimbra, Portugal).

Silva, F. (1993). **Megalitismo e tradição megalítica no Centro-Norte Litoral de Portugal: Breve ponto da situação.** In Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular. 93-125.

Silva, F. (1999). **Neolitização e Megalitismo nos Planaltos Centrais do Centro/Norte de Portugal (Maciço da Gralheira): a afirmação e consolidação das economias agro-pastoris em ambiente de média montanha.** II Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. Sanguntum-Plav, Extra, 2, 521-530.

Silva, F., Monteiro, A., Branco, G., & Rocha, L. (2017). **Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no Maciço Calcário de Sicó.** Arqueologia em Portugal – 2017 Estado da Questão. AAP (Associação dos Arqueólogos Portugueses), Lisboa. 519-528.

Silva, J. M., Catarino, L. G., Almeida, V. P., & Mouraz, C. P. (2021). **Construção em Calcário em Terras de Sicó: uma abordagem pedagógica.** CONREA'21 – O Congresso da Reabilitação. Livro de atas. 499-507.

Silva, M. O. & Sagueiro, P. (1991) **Levantamento arqueológico do concelho de Penela, 2 vols.** Coimbra: instituto de arqueológico (policopiado).

Simões, A. F. (1878). *Introdução a archeologia da Peninsula Iberica* (Vol. 1). Livraria Ferreira.

S. N. (1959). **Achados no sítio do Vale, Souto de Vila Cã: (Pombal).** Conimbriga, Vol. 1. Instituto de Arqueologia. 125-126

Soares, A. F., Marques, J. F., & Sequeira, A. J. (2007). **Notícia explicativa da folha 19-D, Coimbra-Lousã**. Departamento de Geologia, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.

Tomé, T., & Silva, A. M. (2013). **Práticas Funerárias na Pré-História Recente do Alto Ribatejo: Ponto da situação**. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, 34, 95-108.

Vasconcelos, J. L. (1897). **Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal (Vol. 1)**. Imprensa Nacional.

Ventura, J. M. (1999). **Monumentalidade e visibilidade nos sepulcros megalíticos da Plataforma do Mondego**. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 5, 35-49.

Vieira, A. (2016). **A Arqueologia e a toponímia – uma abordagem preliminar**. *Al-Madan Online.*, 21, 87-94.

Vieira, A., & Cunha, L. (2006). **Património geomorfológico—de conceito a projecto. O Maciço de Sicó**. Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, Vol. 3, APGeom. 147-153.

Vilaça, R. (1986). **A Mamoa da «Mama do Furo» (Figueira da Foz)**. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26(1-4). 95-129.

Vilaça, R. (1988) - **Subsídios para o estudo da Pré-História recente do Baixo Mondego**. Lisboa: IPPC (Trabalhos de Arqueologia; 5).

Vilaça, R. (2008). **No rasto do Bronze final do Centro-sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos**. *A Terra: conflitos e ordem. Homenagem ao Professor Ferreira Soares*. Coimbra: Museu de Mineralogia e Geologia da Universidade de Coimbra, 75-88.

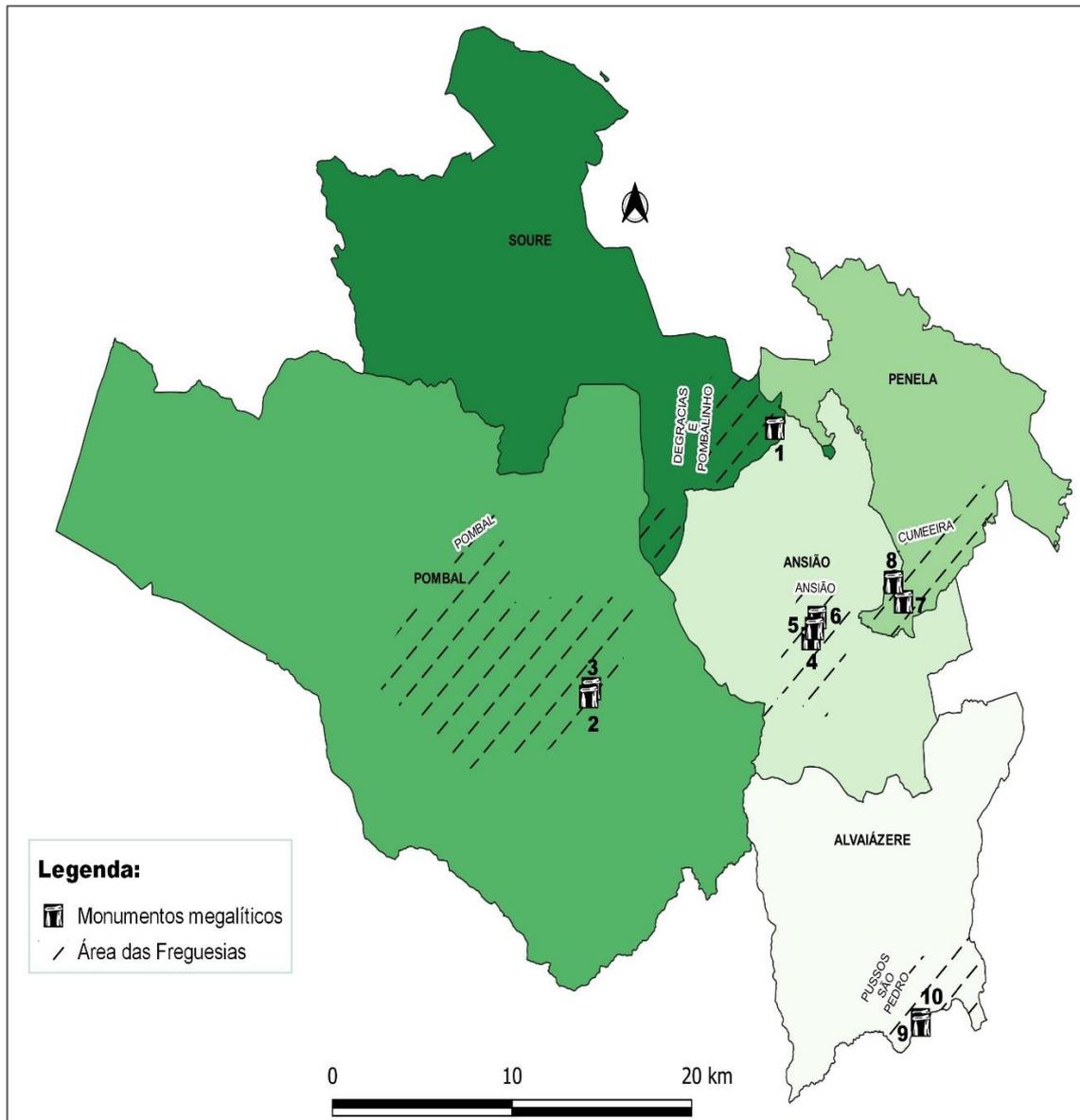
Vilaça, R. (2015). **Dados e reflexões sobre a arqueologia pré-romana da região de Penela**. Penela. *Um Percurso pelo Tempo*. Margarida Sobral Neto (*Coord.*). Palimage. 21-50.

Vilaça, R., & Cunha-Ribeiro, J. P. (2008). **Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral: From the first human occupations to the arrival of the Romans to Beira Litoral**. CEIPHAR (Centro Europeu de Investigação da Pré-história do Alto Ribatejo). Coleção - Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 4. Tomar, *Arkeos*, 23. 11-105.

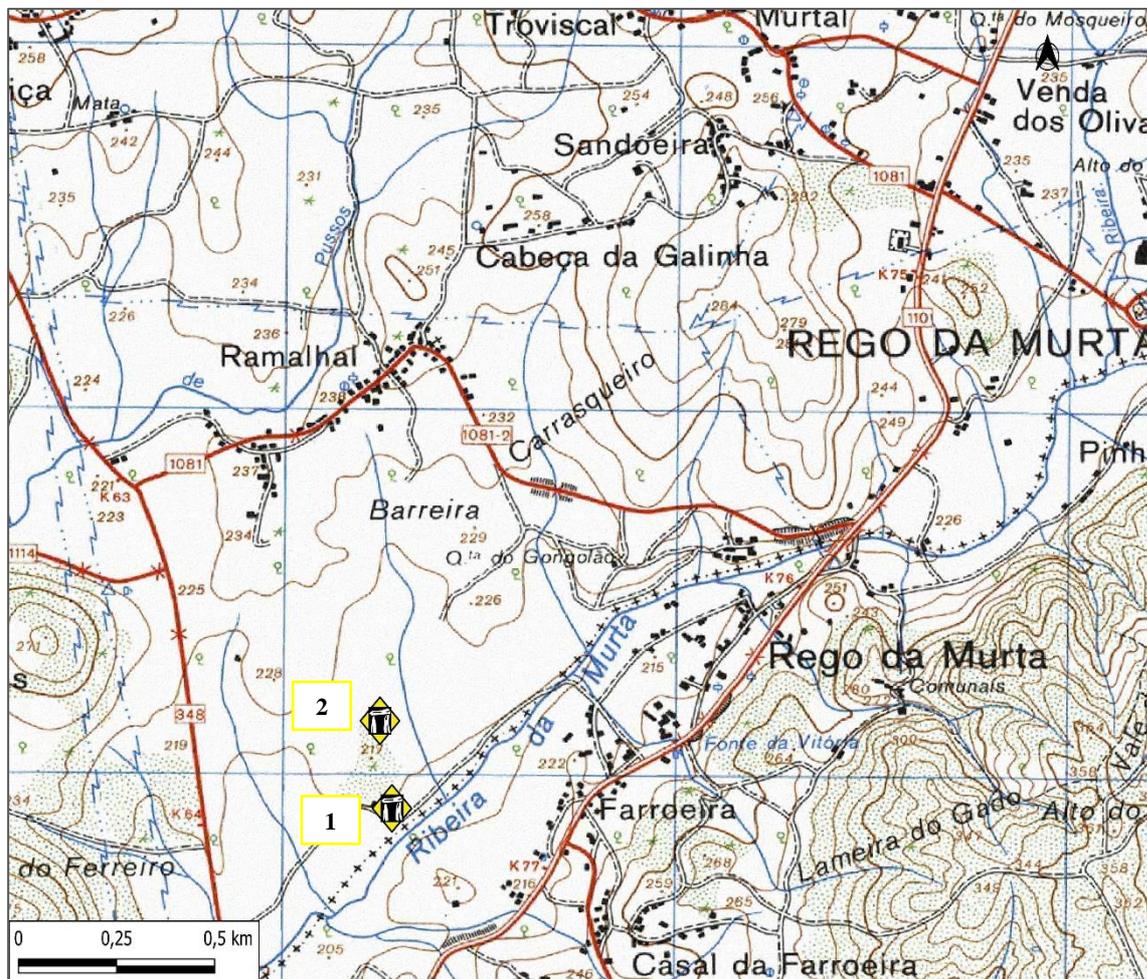
Vilaça, R. & Ferreira, A. (2021). **Santos Rocha, arqueólogo de corpo inteiro e, portanto, também protector dos monumentos megalíticos da Figueira da Foz. *Santos Rocha, fully fledged archaeologist and therefore also protector of the megalithic monuments of Figueira da Foz.*** In: Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz (livro do Colóquio). Município da Figueira da Foz. 78-95.

ANEXOS

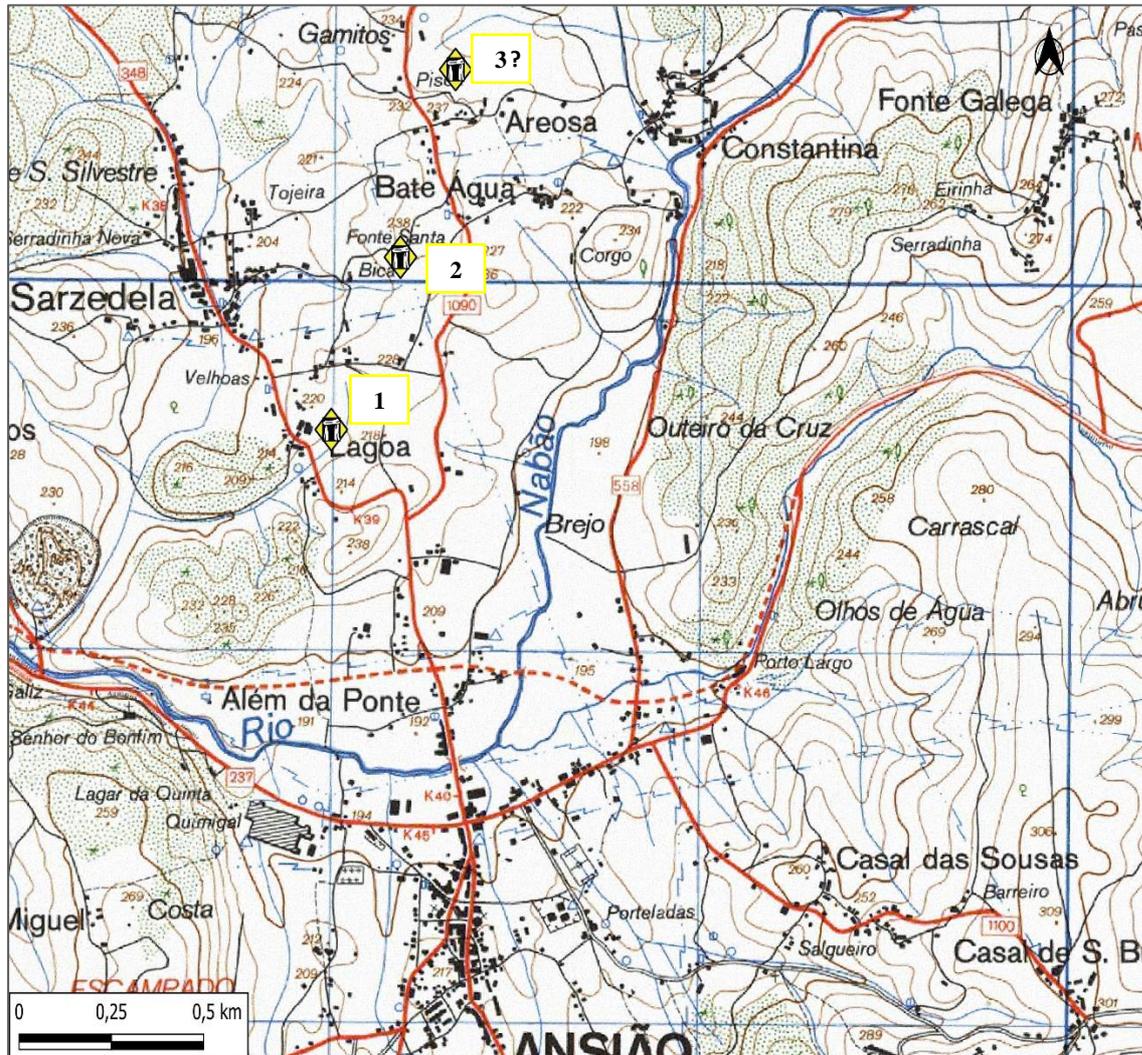
ANEXO 1: CARTOGRAFIA



Mapa 6. Concelhos em estudo com representação das freguesias onde se localizam os monumentos megalíticos: 1- Anta da Casa da Moura, Degracias e Pombalinho, Soure; 2- Alto da Feteira, Pombal, Pombal; 3- Alto da Carrasqueira, Pombal, Pombal; 4- Quinta das Lagoas, Ansião, Ansião; 5- Fonte Santa, Ansião, Ansião; 6- Alto da Pisca, Ansião, Ansião(?); 7- Cabeço de Ante, Cumeeira, Penela; 8- Dólmen do Laço, Cumeeira, Penela; 9- Anta II do Rego da Murta, Pussos São Pedro, Alvaiázere; 10- Anta I do Rego da Murta, Pussos São Pedro, Alvaiázere (Fonte: CAOP).

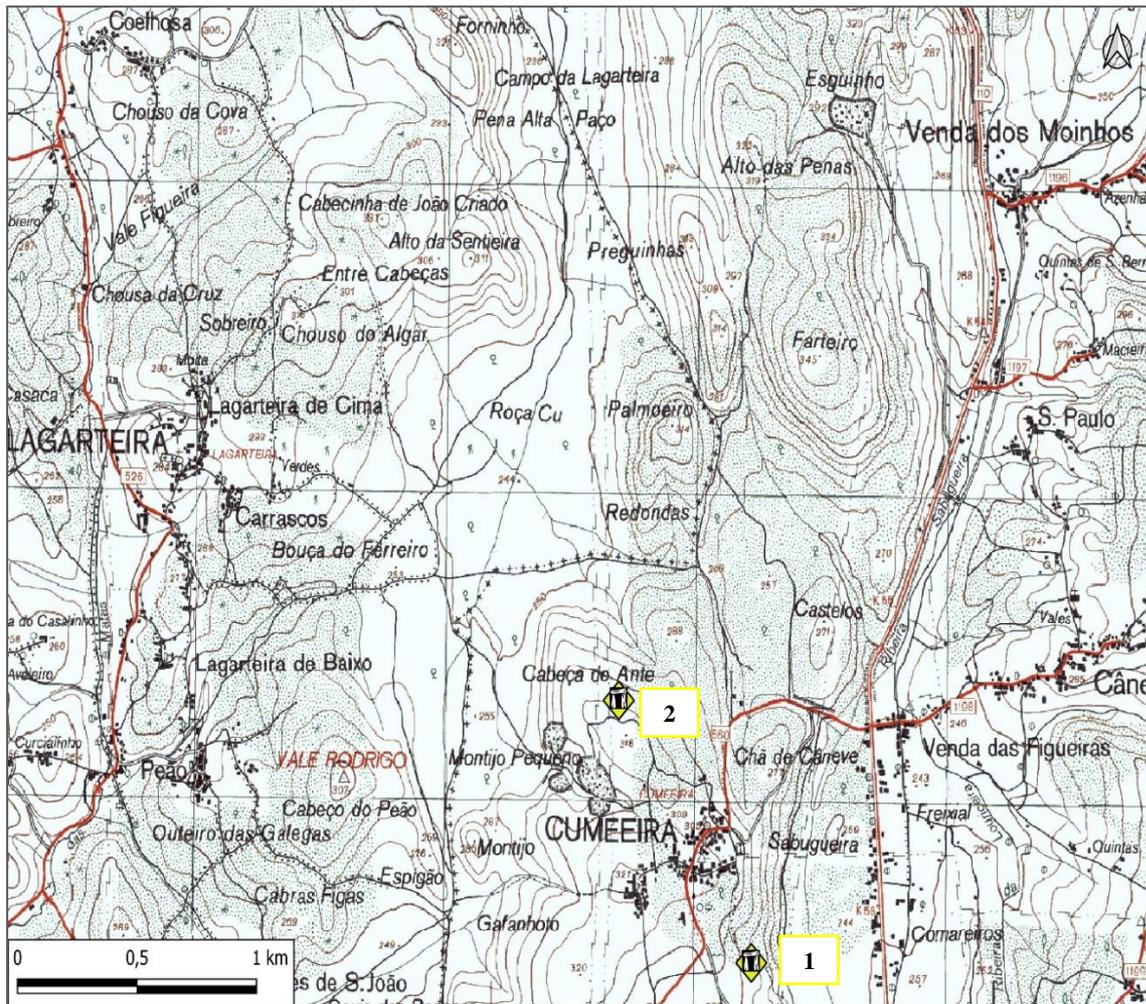


Mapa 7. Excerto da Carta Militar 287 (Alvaiázere), Série M888, 4.ª edição, escala 1:25.000, CIGeoE. Pormenor das freguesias de Pussos São Pedro com identificação dos monumentos megalíticos: 1-Anta II do Rego da Murta, Pussos São Pedro, Alvaiázere; 2-Anta I do Rego da Murta, Pussos São Pedro, Alvaiázere.

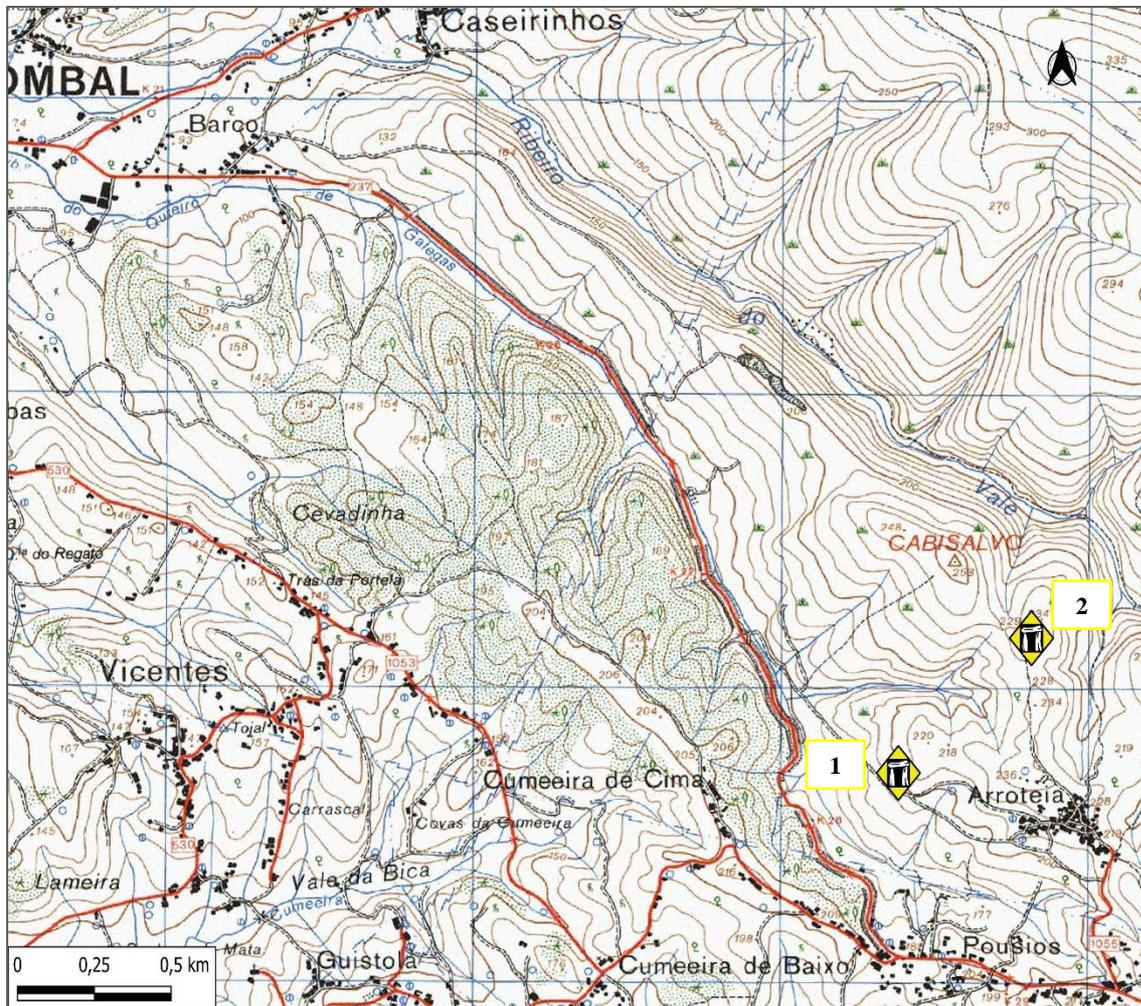


Mapa 8. Excerto da Carta Militar 275 (Ansião), Série M888, 4.^a edição, escala 1:25.000, CIGeoE; Pormenor da freguesia de Ansião com representação dos monumentos megalíticos aí presentes: 1- Quinta das Lagoas, Ansião, Ansião; 2- Fonte Santa, Ansião, Ansião; 3- Alto da Pisca, Ansião, Ansião⁴⁸.

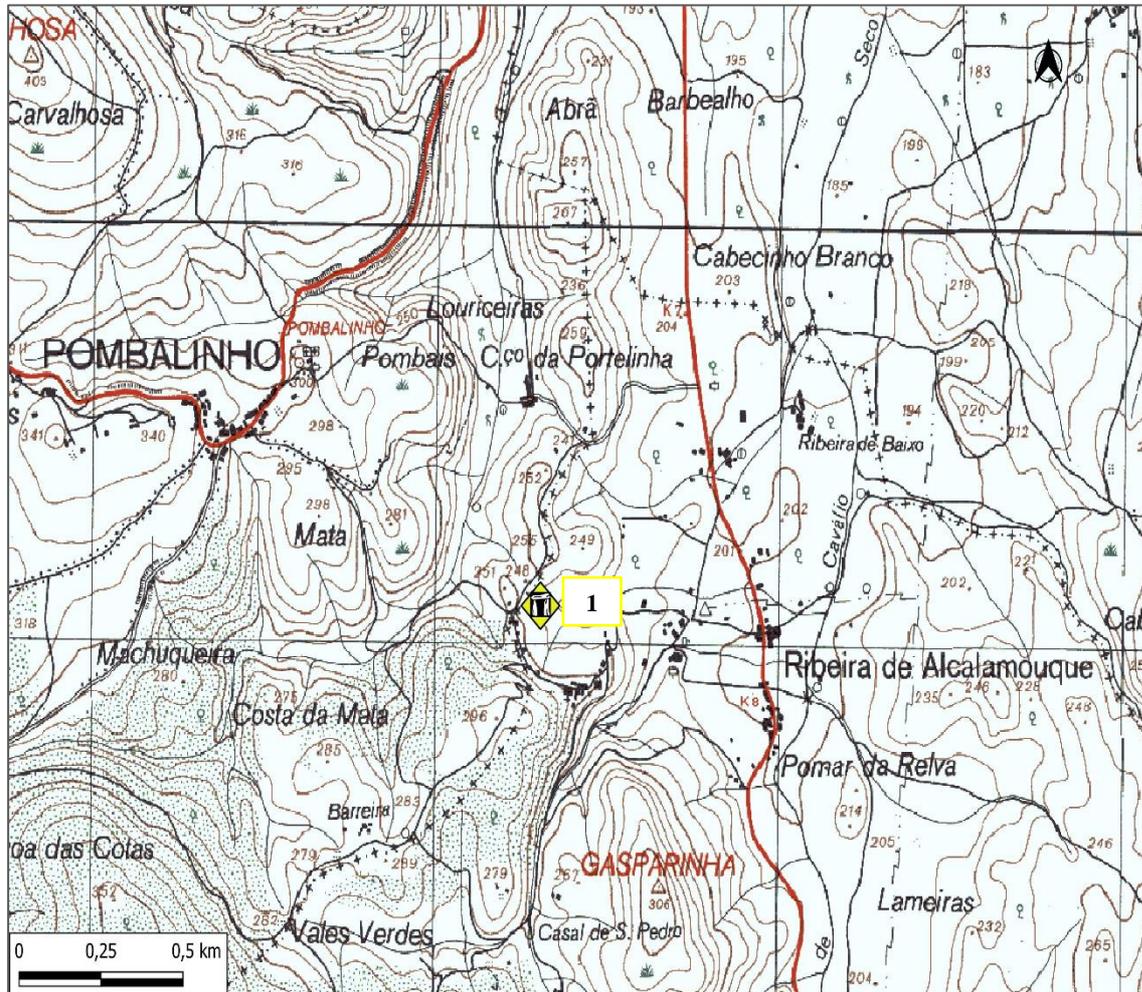
⁴⁸ Não é certo que fosse um monumento megalítico, poderá compreender um sítio de ar livre.



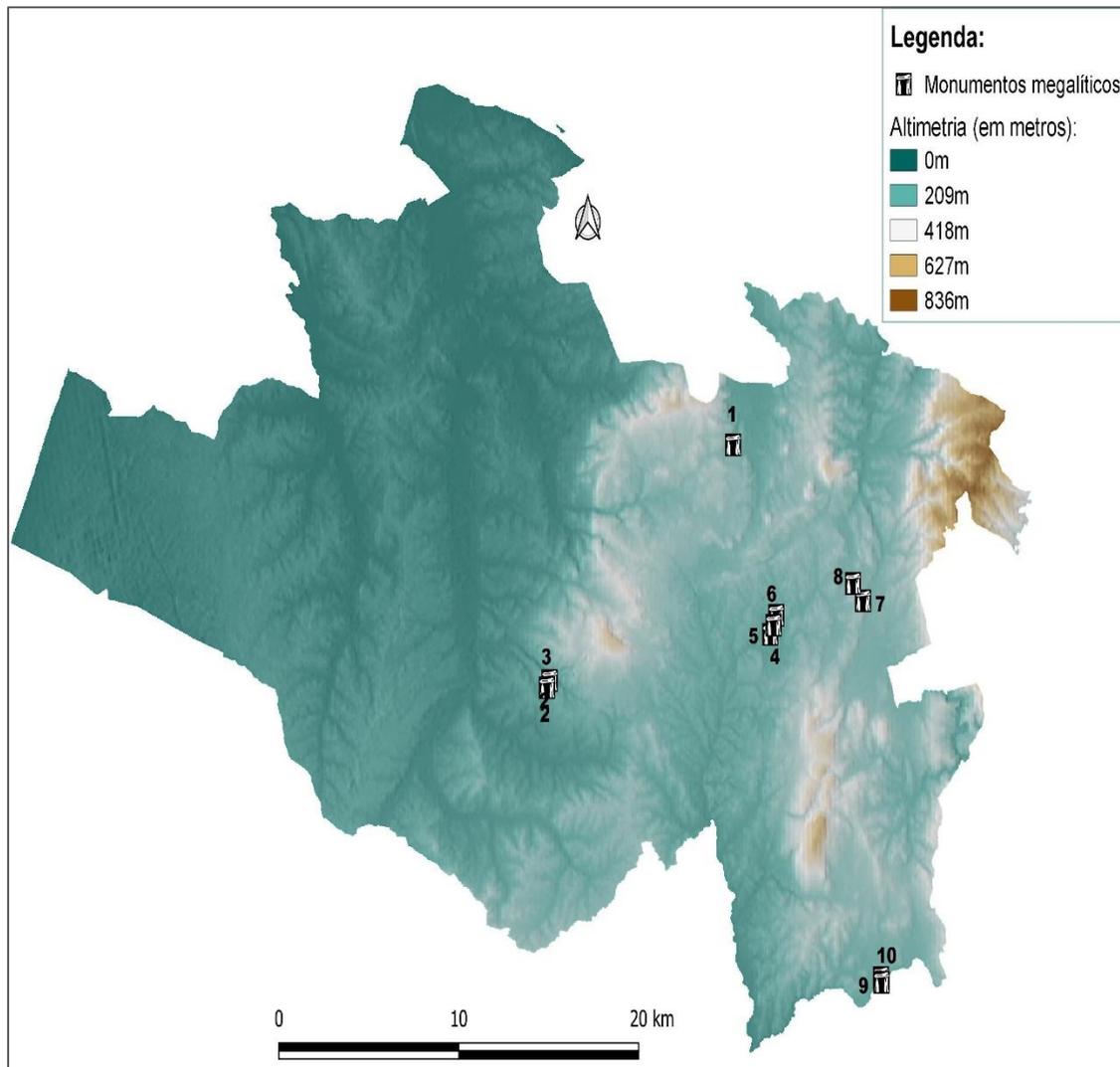
Mapa 9. Excerto da Carta Militar 263 (Espinhal), Série M888, 4.ª edição, escala 1:25.000, CIGeoE; Pormenor da freguesia da Cumeeira com identificação dos dois monumentos megalíticos aí localizados: 1- Dólmen do Laço, Cumeeira, Penela; 2- Cabeça de Ante, Cumeeira, Penela.



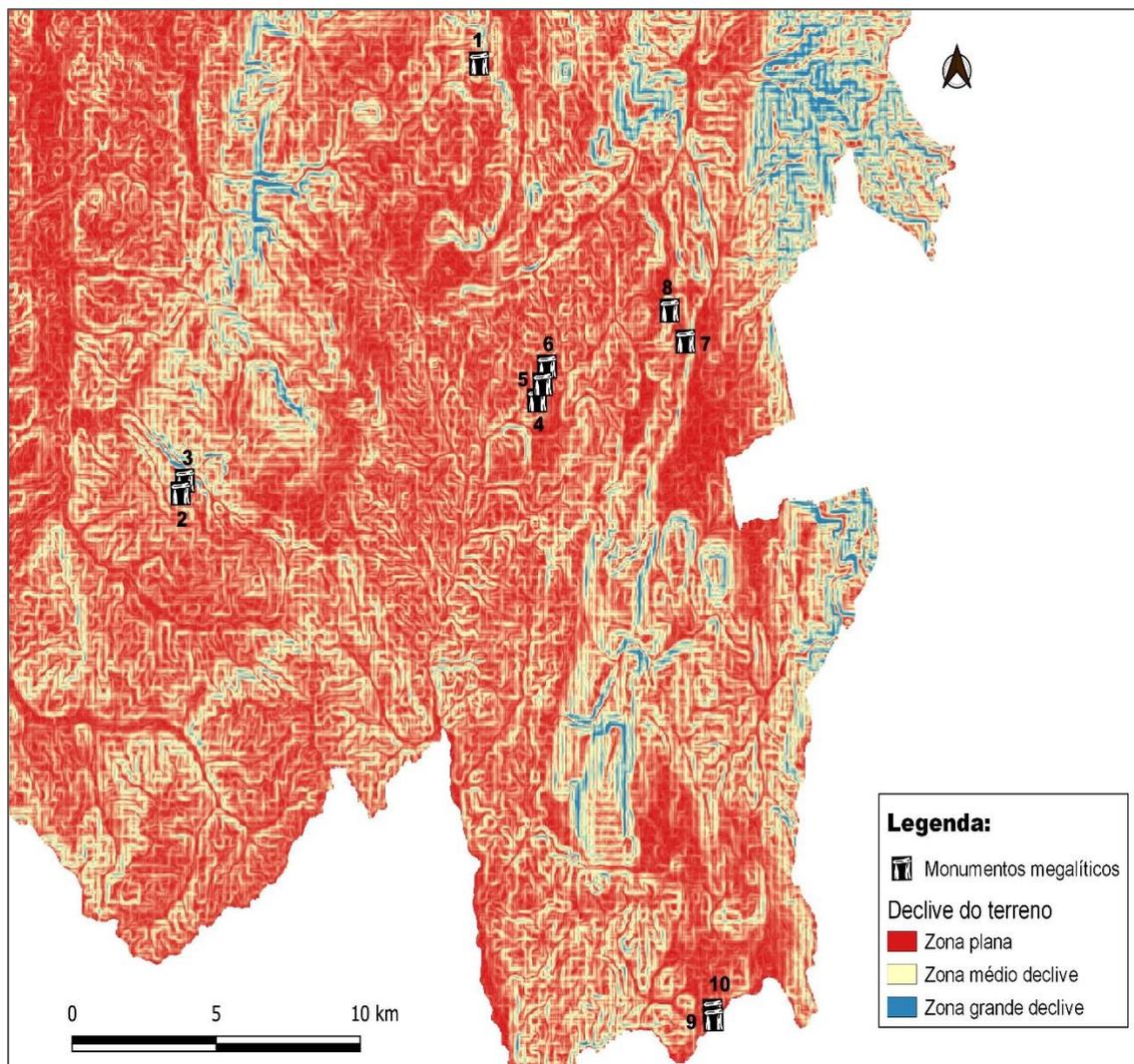
Mapa 10. Excerto da Carta Militar 274 (Pombal), Série M888, 4.^a edição, escala 1:25.000, CIGeoE. Pormenor da freguesia de Pombal com localização dos dois monumentos megalíticos aí presentes: 1- Alto da Feteira, Pombal, Pombal; 2- Alto da Carrasqueira, Pombal, Pombal.



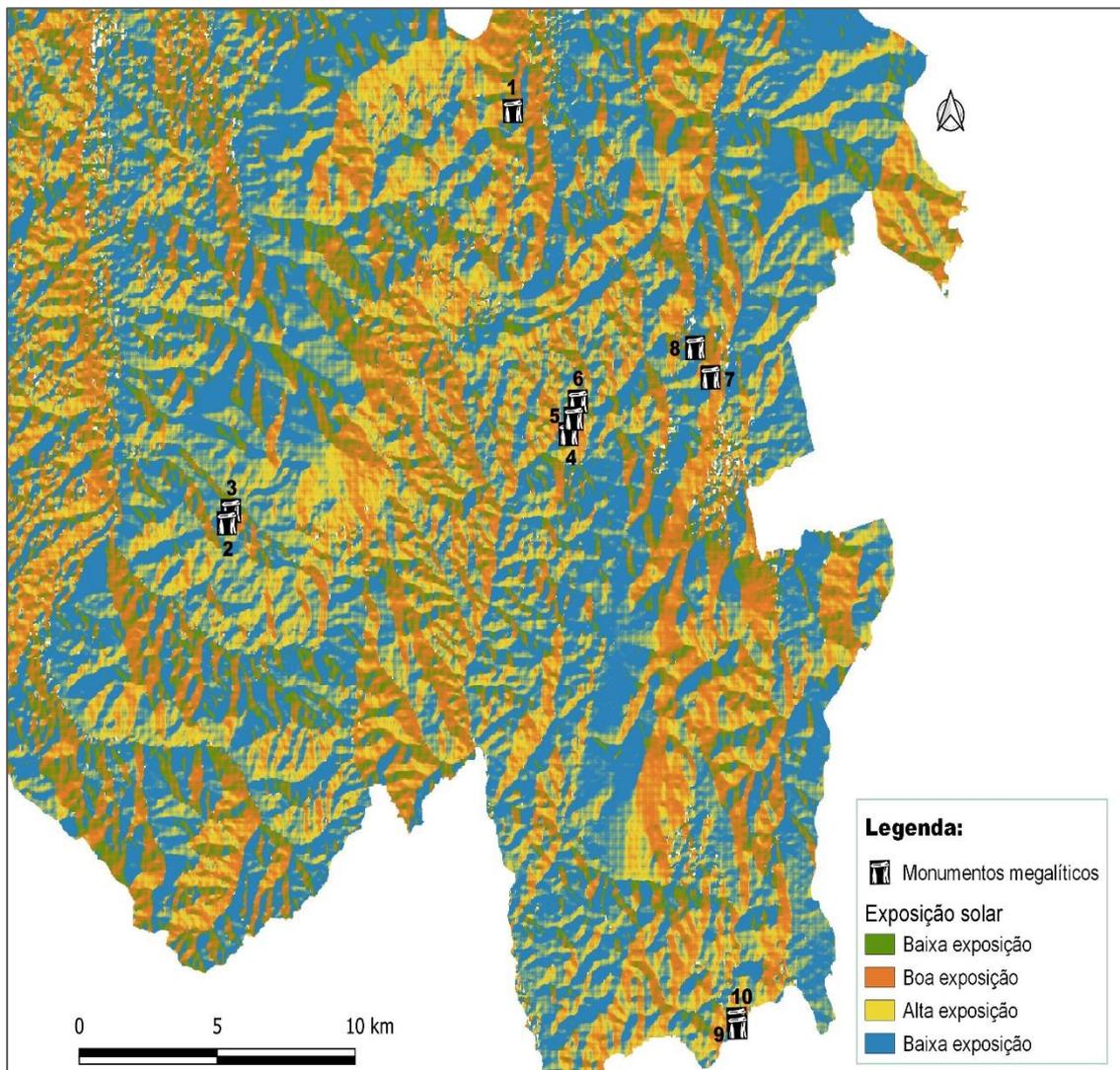
Mapa 11. Excerto da Carta Militar 263 (Espinhal), Série M888, 4.^a edição, escala 1:25.000, CIGeoE. Pormenor da freguesia de Degraças e Pombalinho com identificação do monumento megalítico aí localizado: 1- Anta da Casa da Moura, Degraças e Pombalinho, Soure.



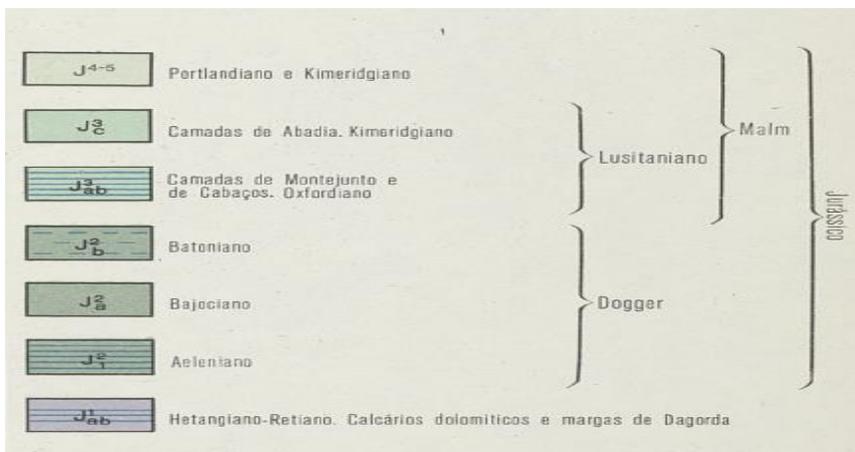
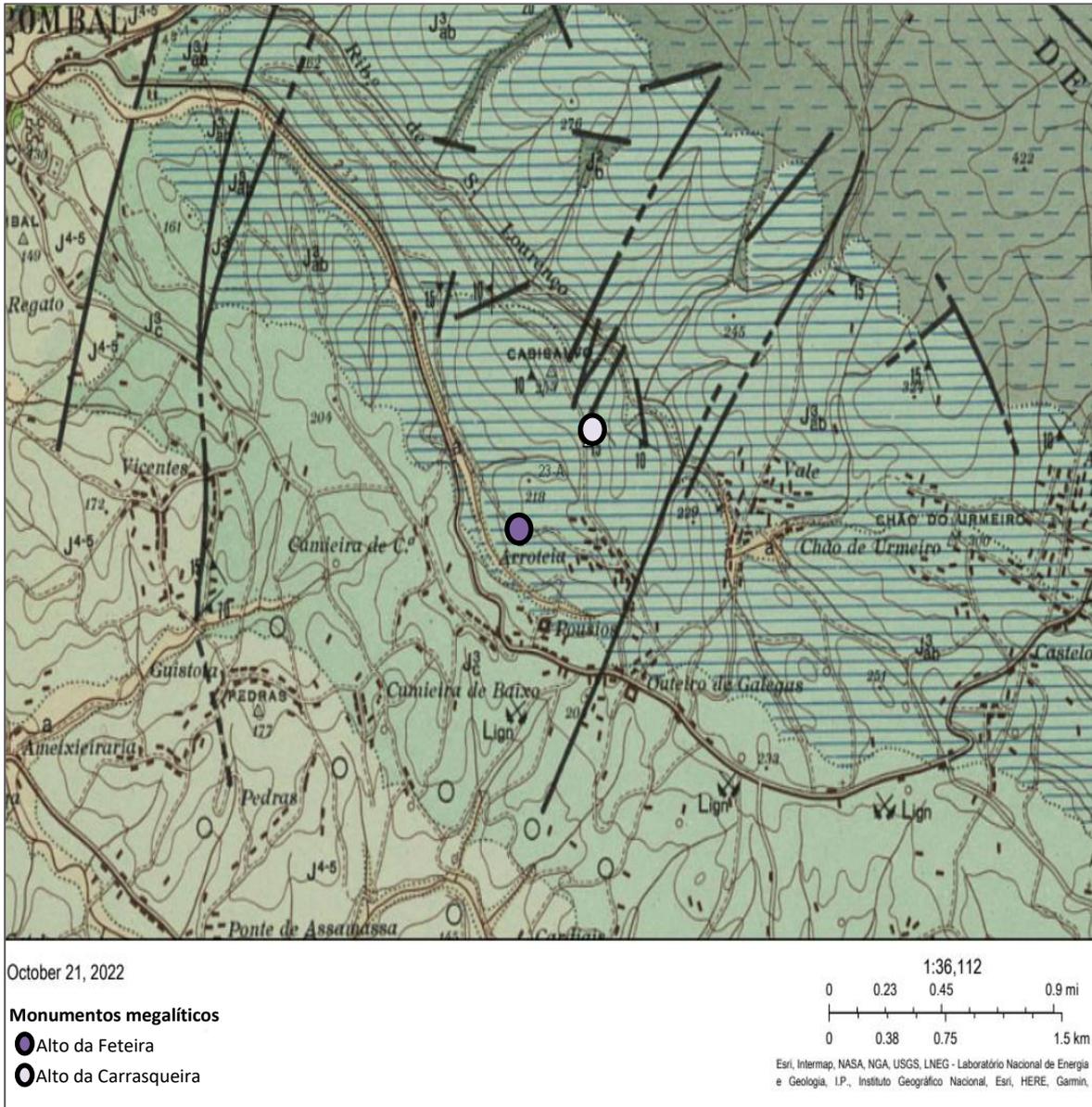
Mapa 12. Altimetria de Terras de Sicó e Serras do Maciço com implantação dos monumentos megalíticos: 1-Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmen do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere (Fonte: MDT da ASTER D73).



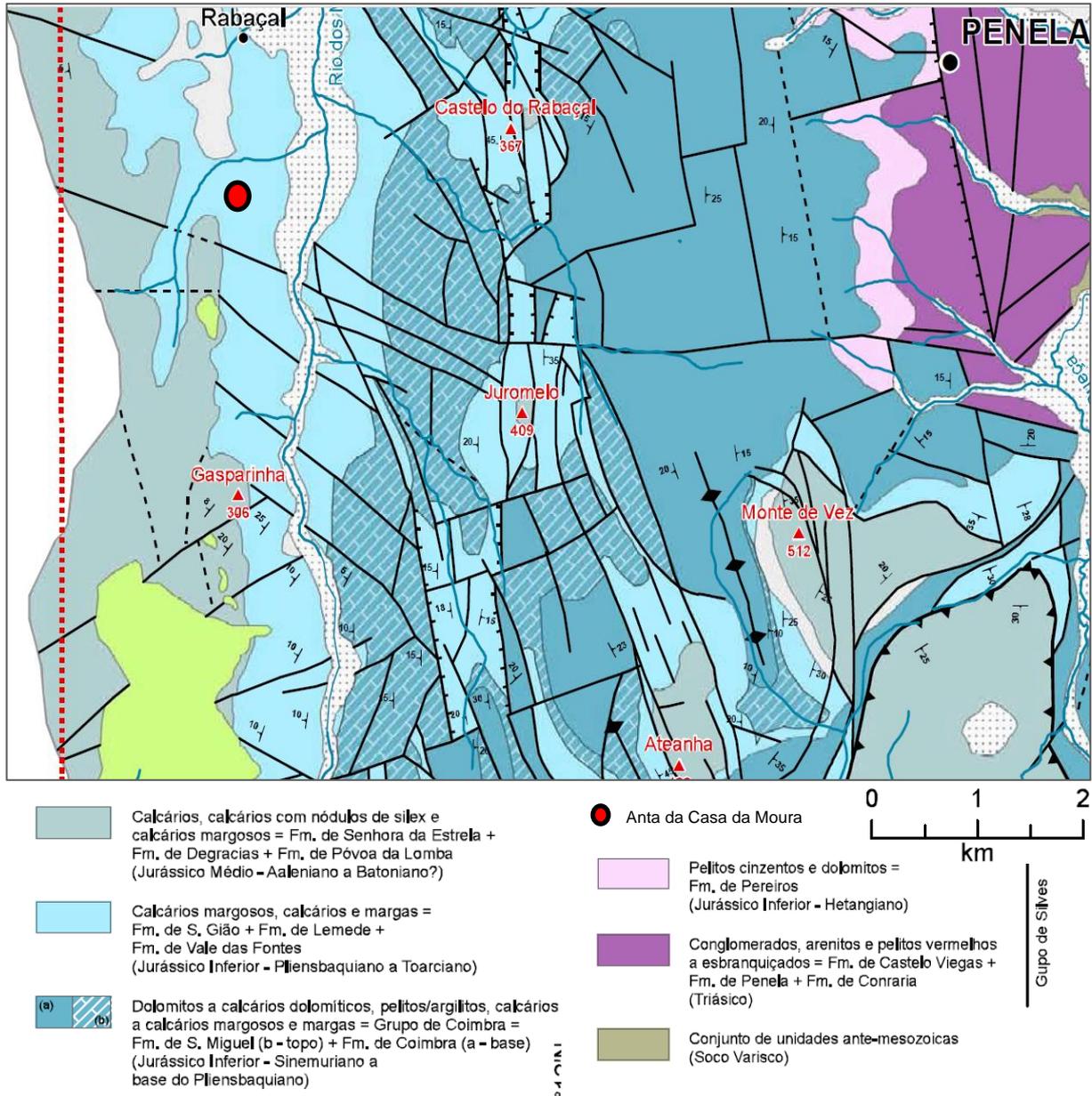
Mapa 13. Declives do terreno na área de implantação dos monumentos megalíticos: 1-Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmen do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere (Fonte: MDT da ASTER D73).



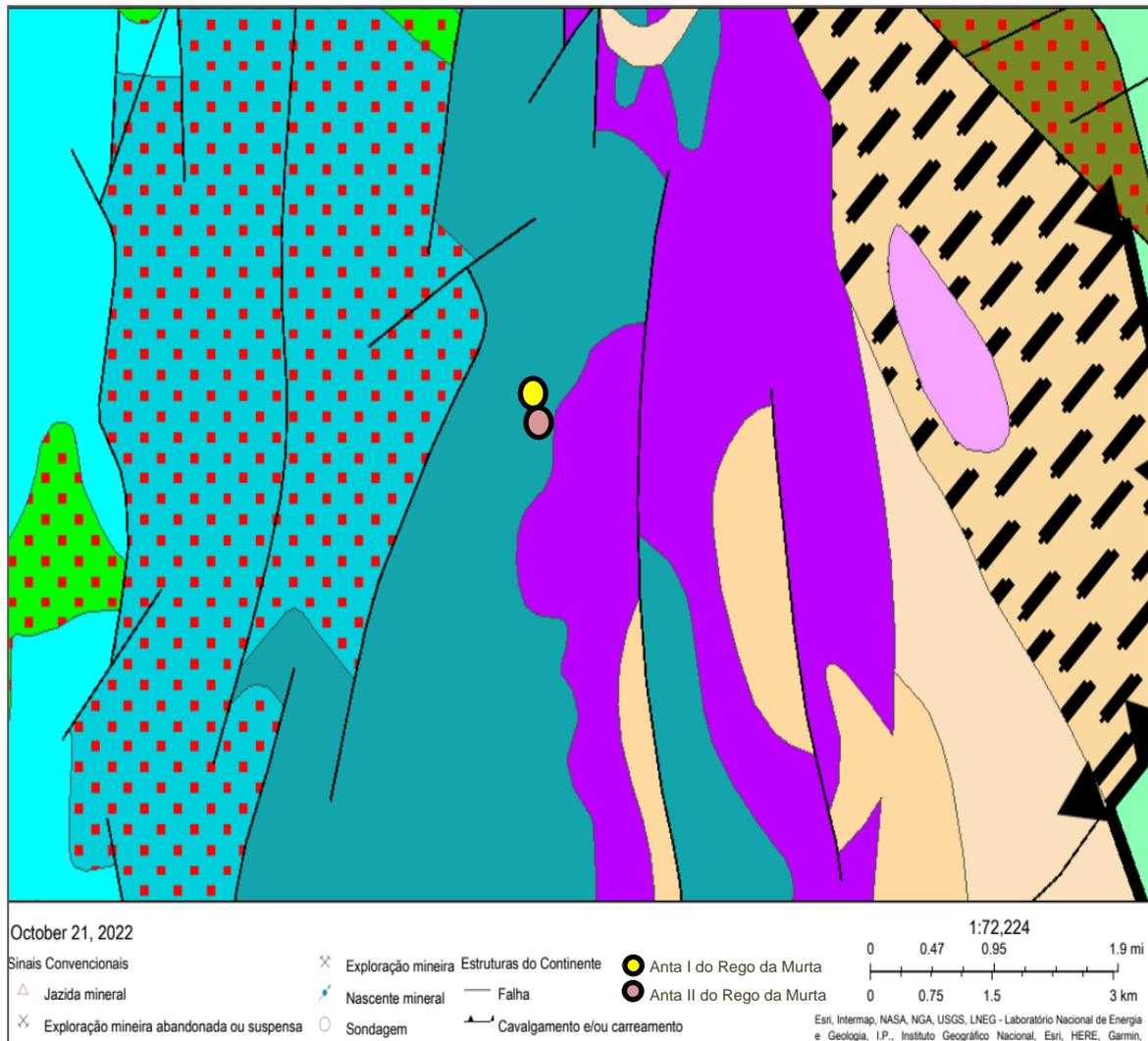
Mapa 14. Níveis de exposição solar na área de implantação dos monumentos megalíticos: 1-Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmén do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere (Fonte: MDT da ASTER D73).



Mapa 15. Pormenor da folha 23-A – Pombal (1974) da Carta Geológica de Portugal à escala 1: 50 000, e respetiva legenda, pelos Serviços Geológico de Portugal; Localização dos monumentos megalíticos na folha.



Mapa 16. Pormenor do mapa geológico “Colinas dolomíticas a sul de Coimbra” à escala 1:50 000 por Luca DIMUCCIO (*In*: DIMUCCIO, 2014) ; Localização do monumento da Casa da Moura (Soure).



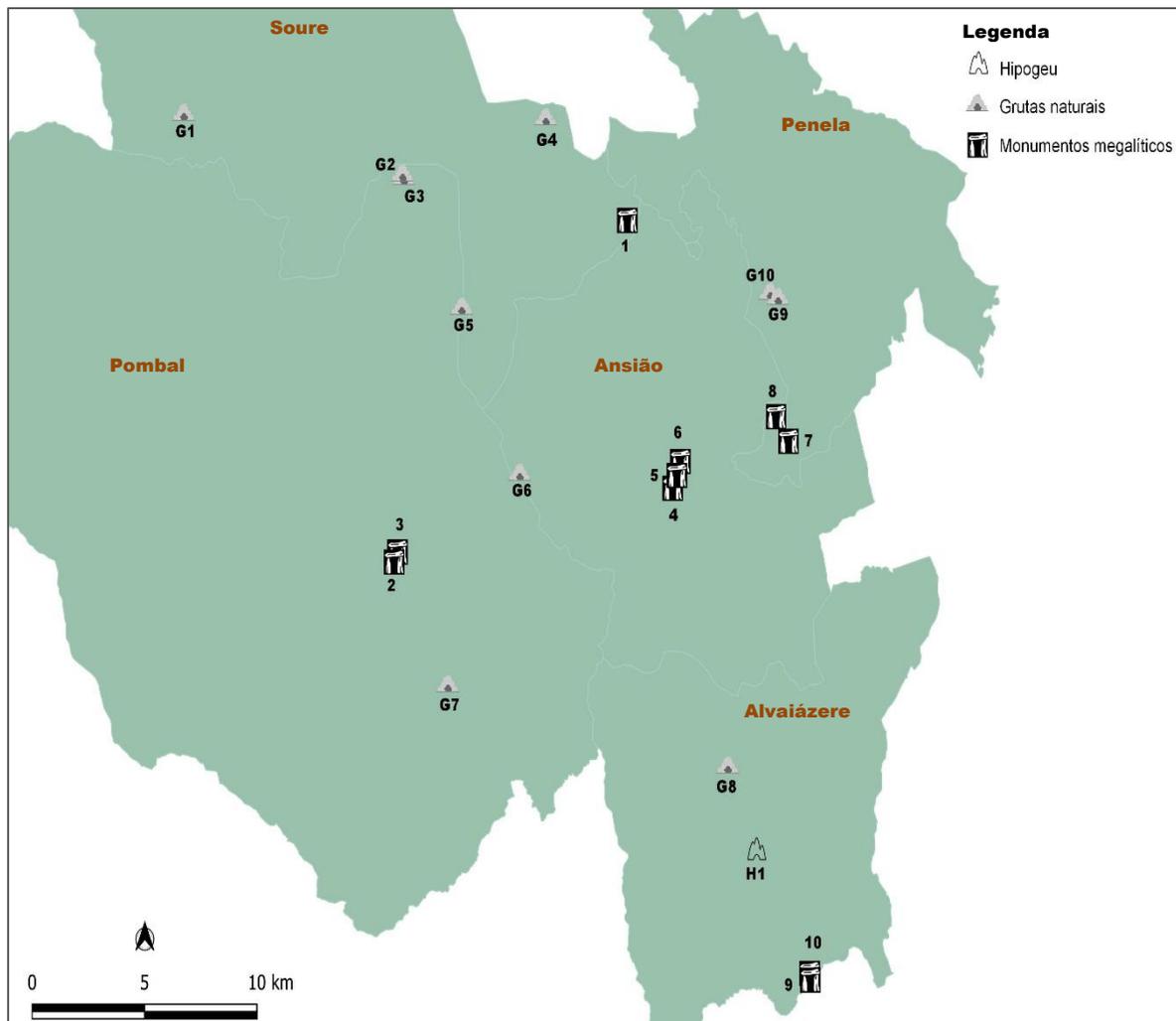
Descrição: Grupo de Coimbra

Era: Mesozoico; Sistema: Jurássico; Série: Inferior

Descrição: Grupo de Silves

Era: Mesozoico; Sistema: Triássico-Jurássico

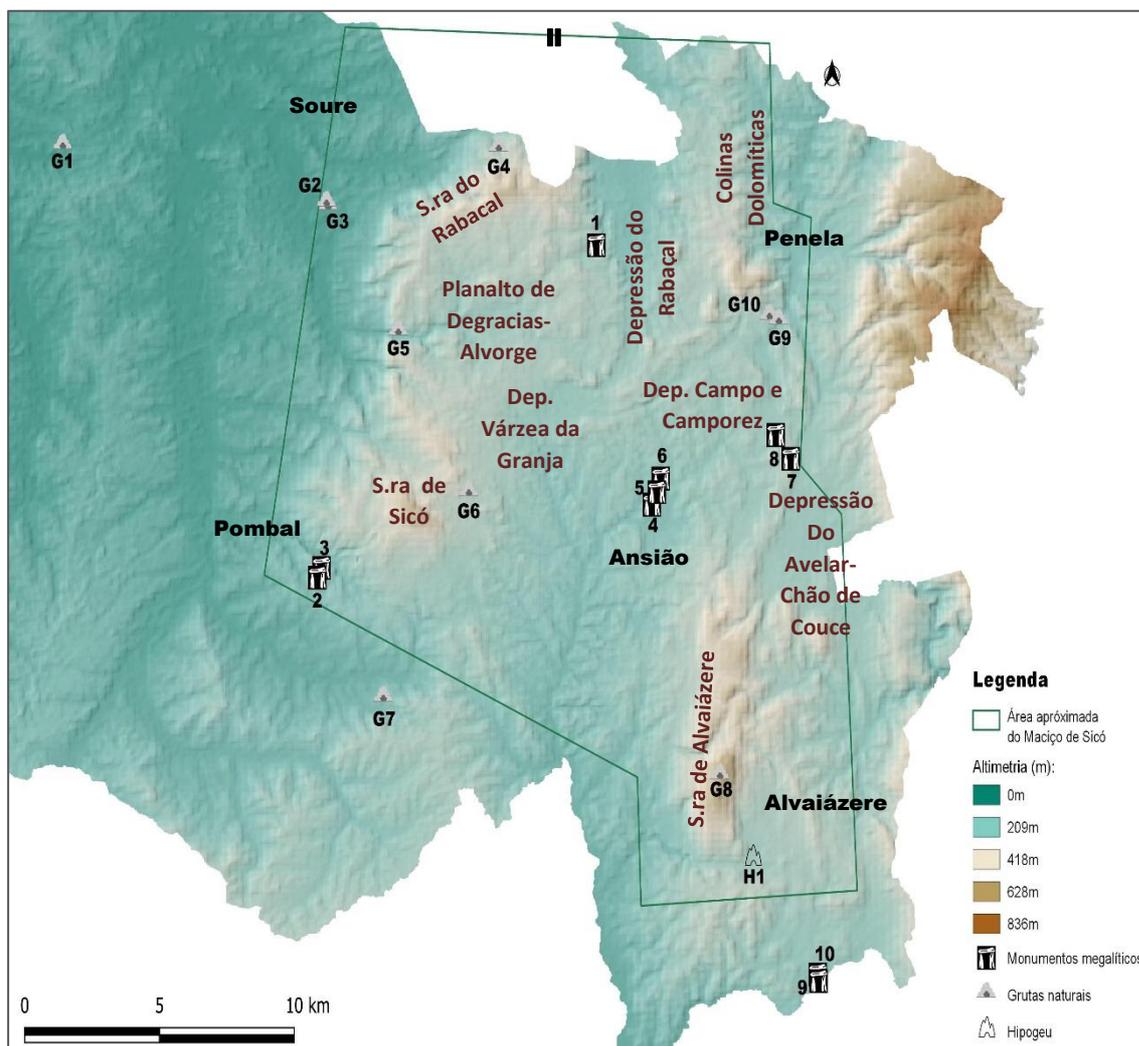
Mapa 17. Pormenor da folha Norte da Carta Geológica à escala 1:500 000 (de 1992) na área envolvente de Rego da Murta (Alvaiázere), pelos Serviços Geológicos de Portugal; Camada geológica de afloramento e respetiva cronoestratigrafia, dos monumentos do Rego da Murta .



Mapa 18. Concelhos em estudo com representação dos sítios com ocupação/provável ocupação funerária na Pré-história recente: Grutas naturais (G1-Forno da Cal, Soure; G2-Gruta do Ourão II, Pombal; G3-Gruta do Ourão I, Pombal; G4-Cova do Ladrão, Soure; G5-Buraca Grande, Pombal; G6-Gruta da cerâmica, Ansião⁴⁹; G7-Abrigo do Vale do Souto, Pombal; G8-Algar da Água, Alvaiázere; G9-Gruta do Algarinho, Penela⁵⁰; G10-Gruta dos Brutiais, Penela⁴⁴); Hipogeu (H1-Gruta do Pastor); Monumentos megalíticos (1-Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmen do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere) (Fonte: CAOP).

⁴⁹ Sem vestígios osteológicos datáveis do Neolítico final ou Calcolítico inicial mas provável utilização funerária nesta época.

⁵⁰ Presença de vestígios osteológicos sem datação atribuída.



Mapa 19. Esboço hipsométrico do Maciço de Sicó⁵¹. Sítios arqueológicos representados: G1-Forno da Cal, Soure; G2-Gruta do Ourão II, Pombal; G3-Gruta do Ourão I, Pombal; G4-Cova do Ladrão, Soure; G5-Buraca Grande, Pombal; G6-Gruta da cerâmica, Ansião*; G7-Abrigo do Vale do Souto, Pombal; G8-Algar da Água, Alvaiázere; G9-Gruta do Algarinho, Penela*; G10-Gruta dos Brutiais, Penela; H1-Gruta do Pastor; 1-Casa da Moura, Soure; 2-Alto da Feteira, Pombal; 3-Alto da Carrasqueira, Pombal; 4-Quinta das Lagoas, Ansião; 5-Fonte Santa, Ansião; 6-Alto da Pisca, Ansião(?); 7-Dólmen do Laço, Penela; 8-Cabeço de Ante, Penela; 9-Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere; 10-Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere (Fonte: MDT da ASTER D73).

⁵¹ Na área respeitante aos concelhos em análise - Maciço continua para norte na área do concelho de Condeixa, aqui não representada. Adaptação da interpretação da área ocupada pelo Maciço com base em CUNHA, L. et al., 2017, p.105.

ANEXO 2: PLANTAS DOS MONUMENTOS

1. ALVAIÁZERE

1.1 Anta I do Rego da Murta

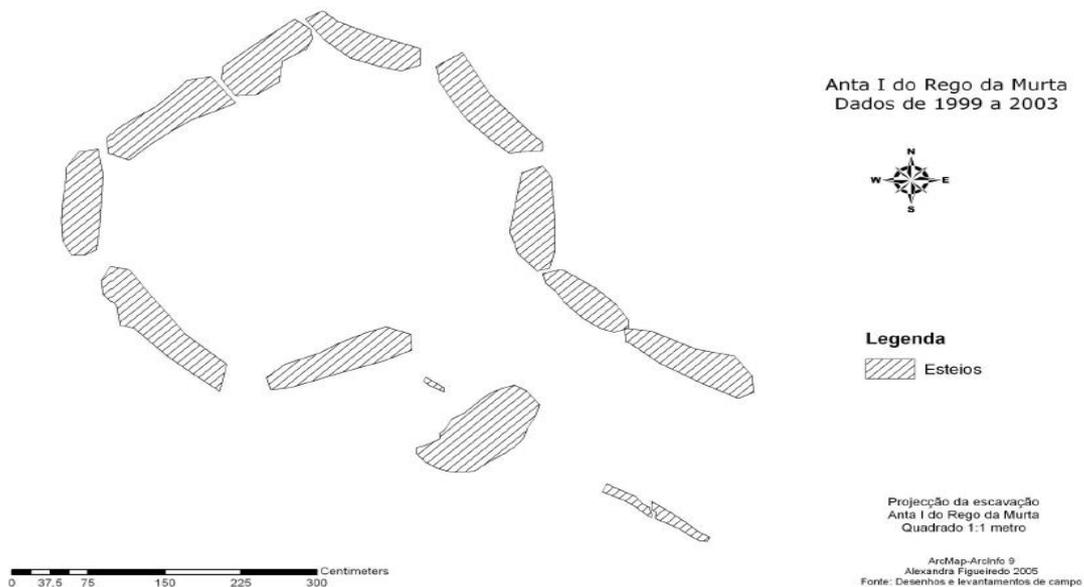


Fig. 1 – Planta com a representação da zona de implantação dos esteios no monumento (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.169).

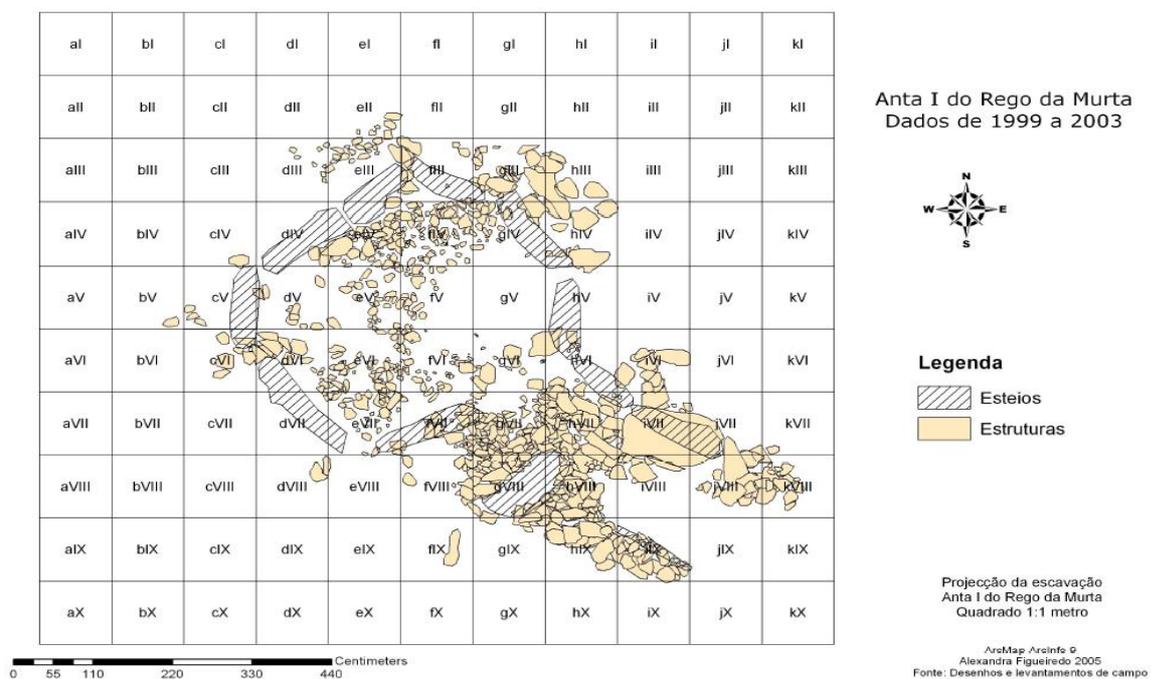


Fig. 2 – Planta com levantamento vetorial de todas as estruturas identificadas em campo e quadriculagem desenvolvida (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.159).

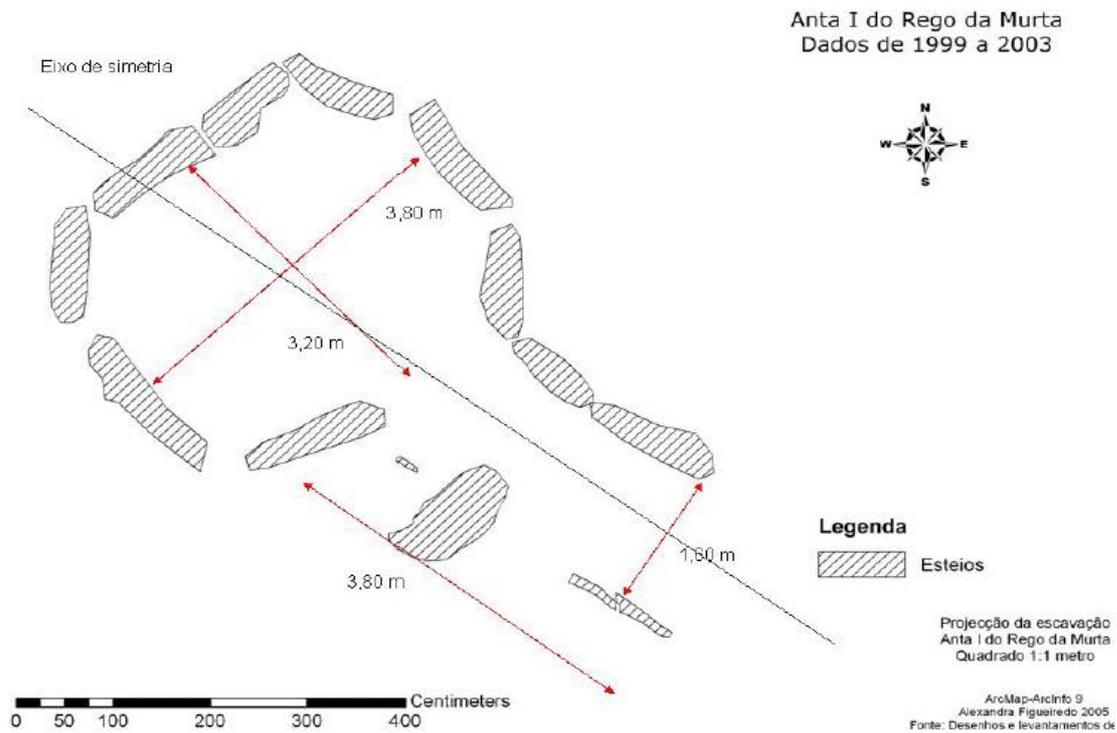


Fig. 3 – Planta com representação das áreas de assentamento do esteios e das dimensões do monumento (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.160).

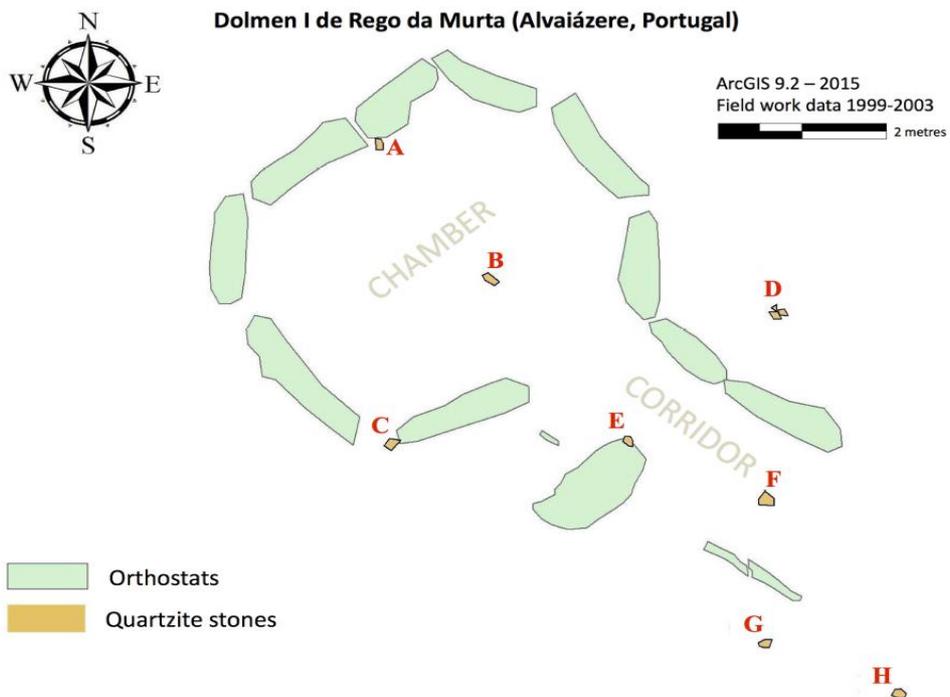


Fig. 4 – Planta com representação da localização dos blocos de quartzito encontrados na camada mais profunda do monumento - A, B, C, D, E, F, G, H (*In*: FIGUEIREDO, *et al.*, 2018, p.214).

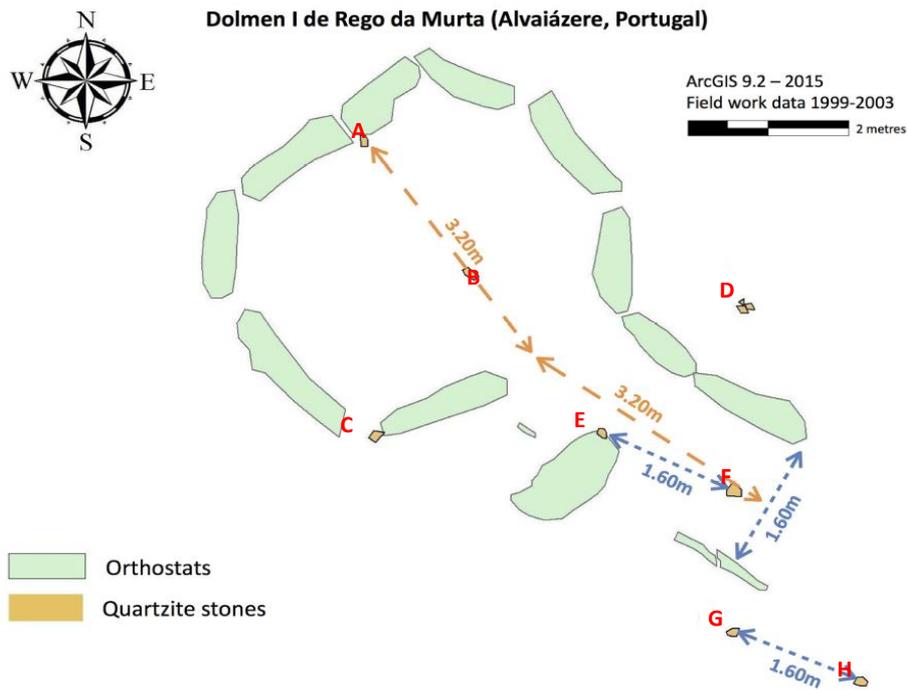


Fig. 5 – Planta com representação do comprimento e largura da câmara e corredor, bem como, entre os pares de blocos de quartzito E-F e G-H (*In*: FIGUEIREDO, *et al.*, 2018, p.216).

1.2 Anta II do Rego da Murta

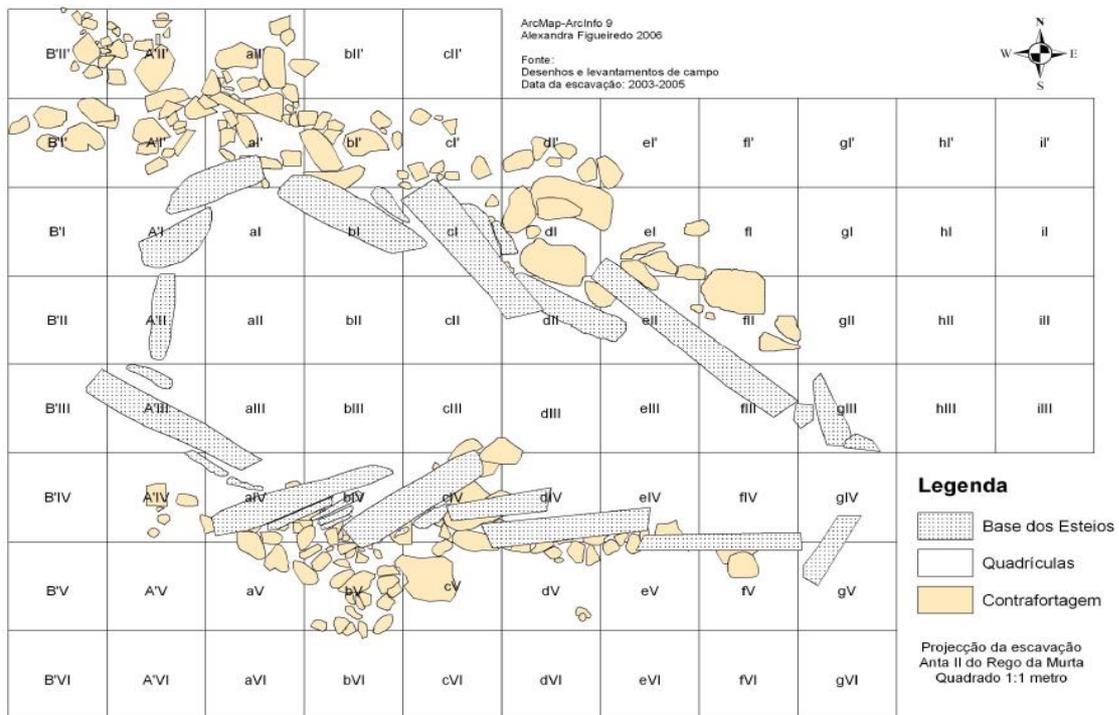


Fig. 6 - Planta com levantamento vetorial das estrutura de contrafortagem identificadas em campo e quadriculagem desenvolvida (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.251).

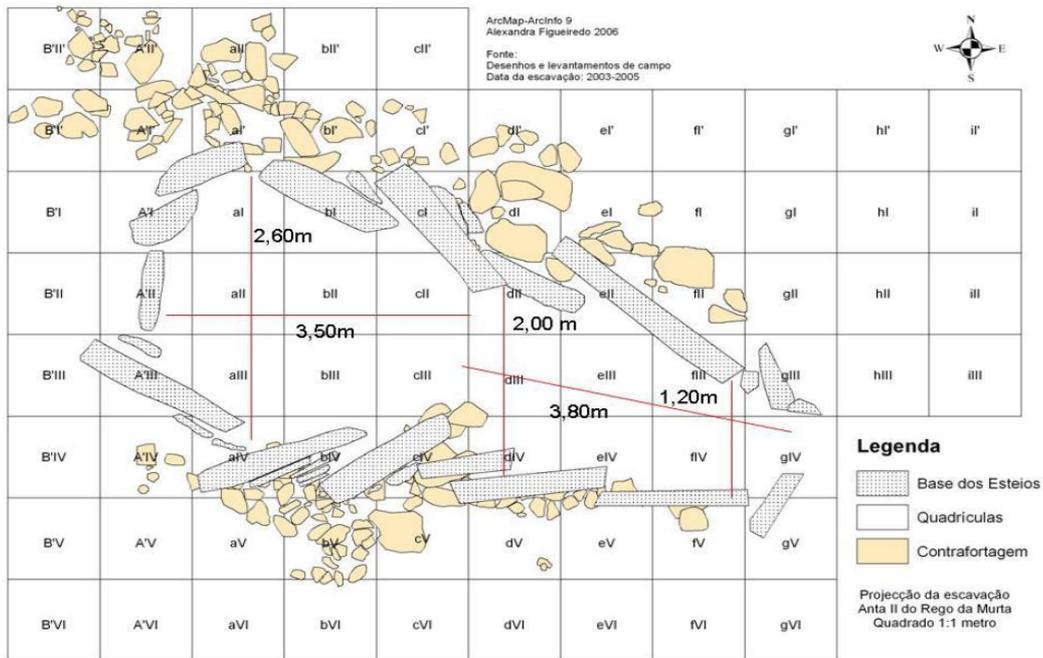


Fig. 7 – Planta de implantação dos esteios e estruturas de contrafortagem com representação das dimensões internas do monumento (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.261).

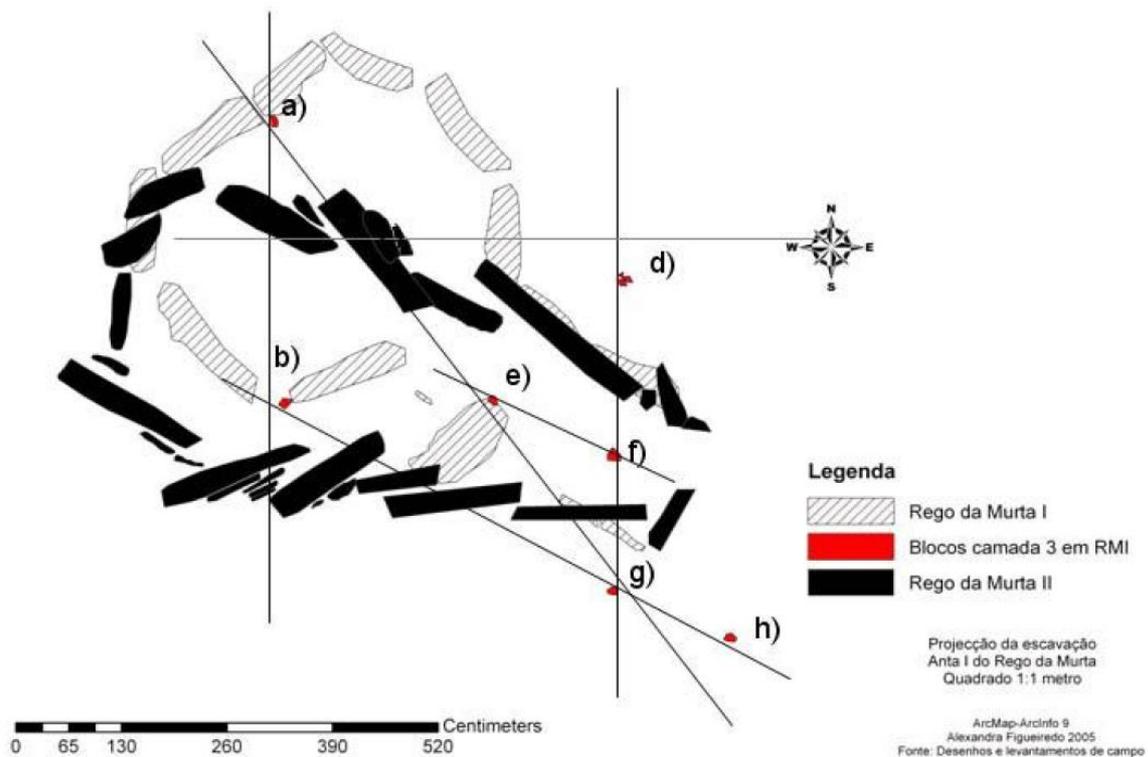


Fig. 8 – Planta da Anta I do Rego da Murta sobreposta pela planta da Anta II do Rego da Murta (a negro); o eixo e)-f) apresenta-se como eixo de orientação do corredor (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.174).

2. POMBAL

2.1 Monumento do Alto da Feteira

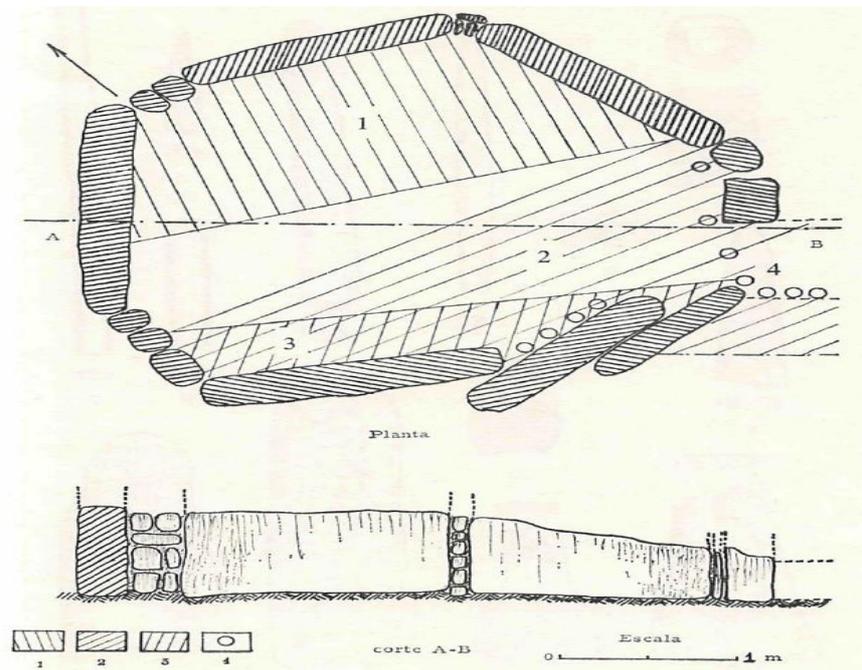


Fig. 9 – Planta do monumento com representação das zonas da câmara onde foram encontrados artefactos e espólio antropológico (1- área onde se encontravam os micrólitos; 2- área de surgimentos dos outros materiais; 3- área de grande abundância de restos osteológicos; 4- zona de recolha dos crânios). Representação do corte A-B. (*In*: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.51).

2.2 Monumento do Alto da Carrasqueira

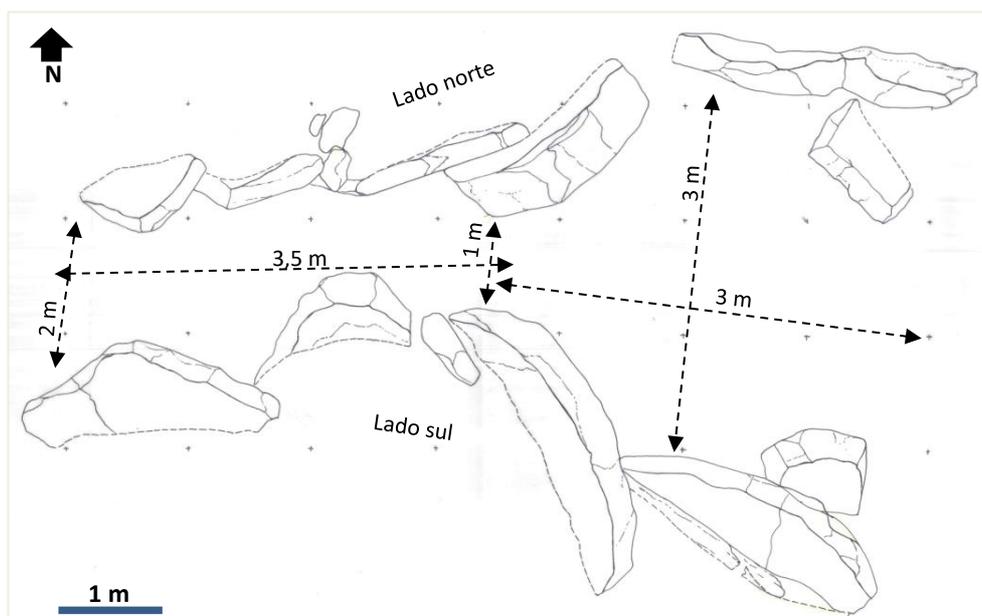


Fig. 10 – Adaptação da planta do monumento do Alto da Carrasqueira; no desenho verifica-se a ausência do esteio de cabeceira (Figura inédita adaptada, cedida por Helena Moura, coordenadora da escavação no monumento).

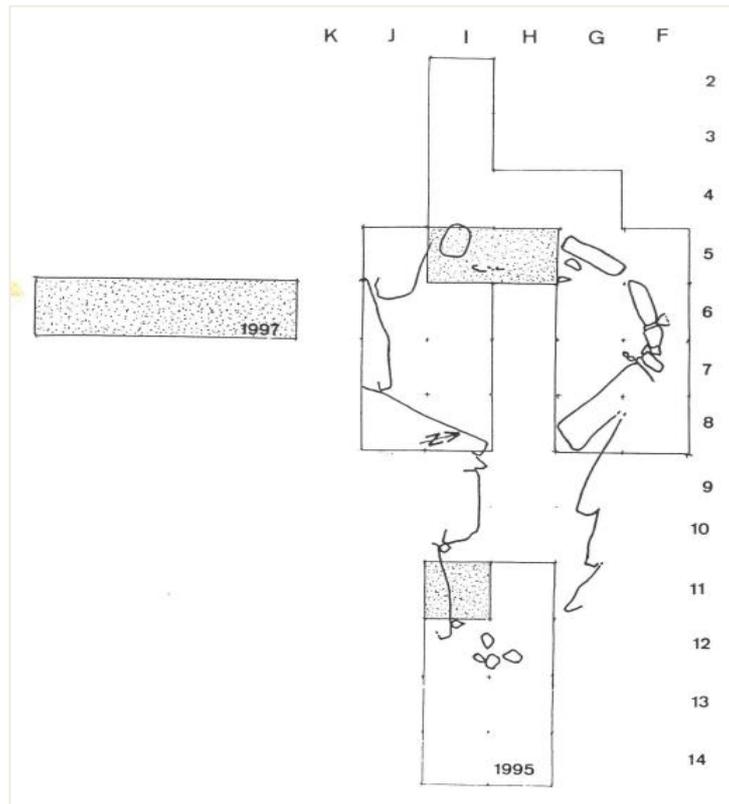


Fig. 11 – Esboço das áreas de escavação nas campanhas de 95 e 97 no monumento da Carrasqueira (Figura inédita cedida por Helena Moura, coordenadora da escavação no monumento).

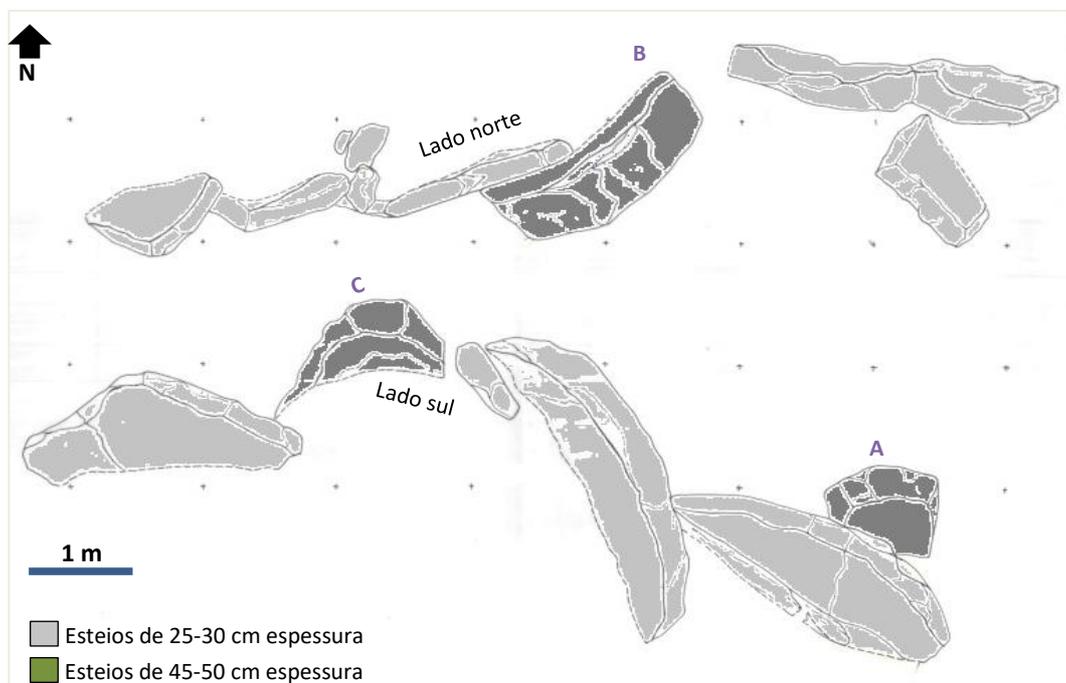


Fig. 12 – Adaptação da planta do monumento do Alto da Carrasqueira com diferenciação dos esteios de calcário com diferentes tipos de espessura (Figura inédita adaptada, cedida por Helena Moura, coordenadora da escavação).

3. SOURE

3.1 Monumento da Casa da Moura

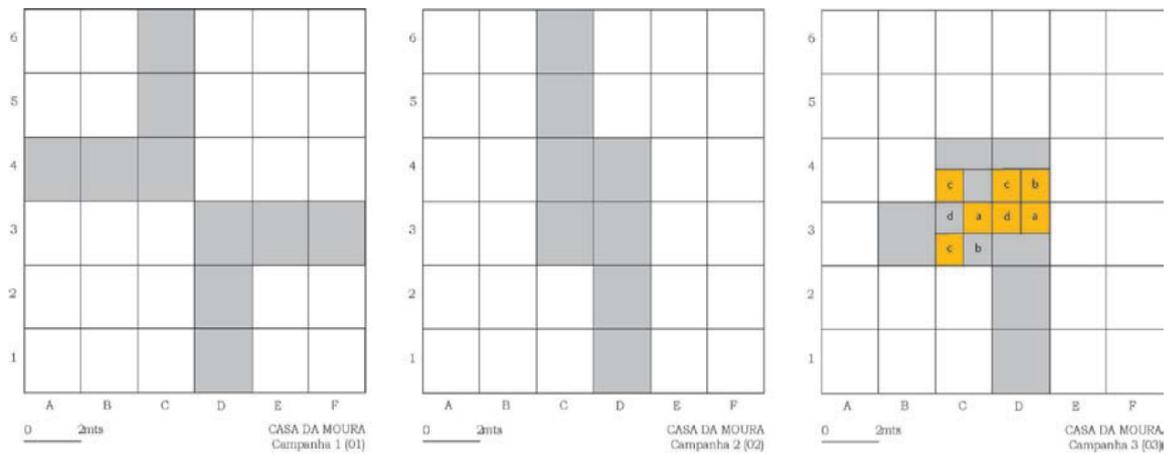


Fig. 13 – Na inexistência de planta do monumento foram publicadas as quadrículas de escavação das três campanhas. Assinalados, a laranja, as quadrículas de 1 metro por 1 metro para divisão das quadrículas D3, D4, C3 e C4 da campanha 3 (*In*: SILVA & MONTEIRO, 2002; *apud* SILVA, *et al.*, 2015, p.526).

ANEXO 3: DESENHOS ARQUEOLÓGICOS DOS ESPÓLIOS

1. ANSIÃO

1.1 Dólmen de Ansião

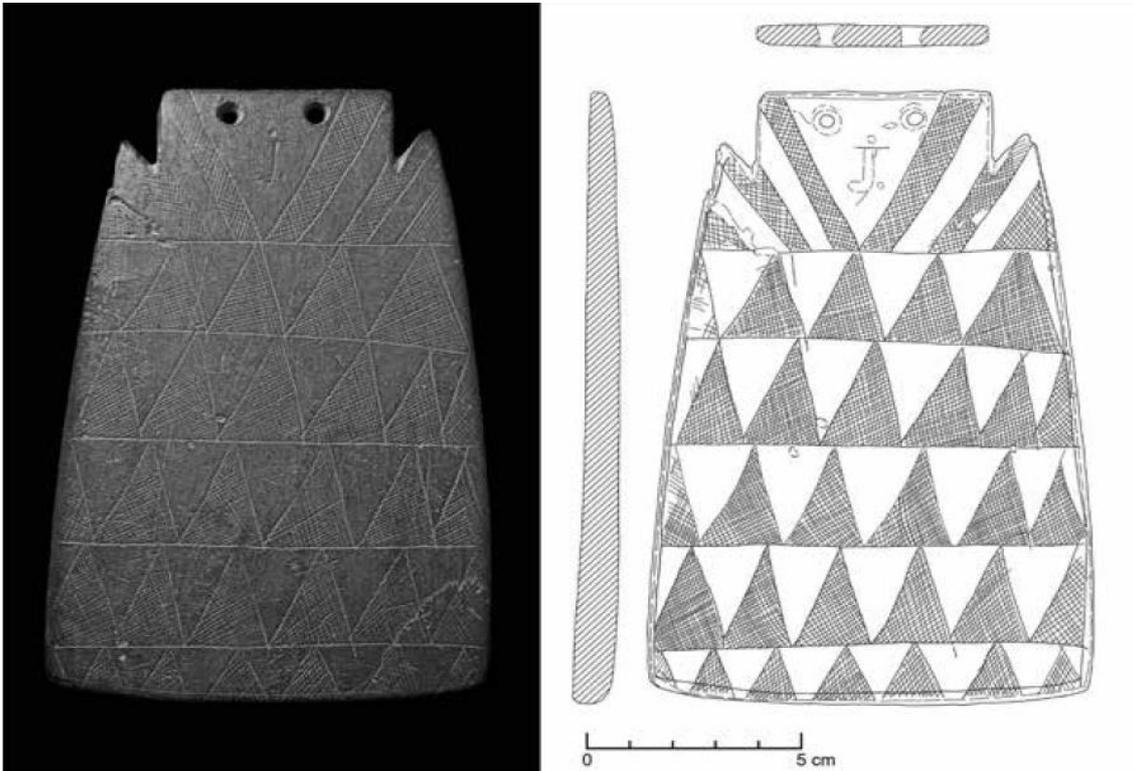


Fig. 14 – Placa de xisto proveniente do dólmen de Ansião/Fonte Santa, com reconfiguração do antropomorfismo, pela abertura de dois chanfros simétricos de ambos os lados da cabeça, cortando parte da decoração pré-existente (*In*: CARDOSO & VILAÇA, 2020, p.21).

2. POMBAL

2.1 Monumento do Alto da Feteira

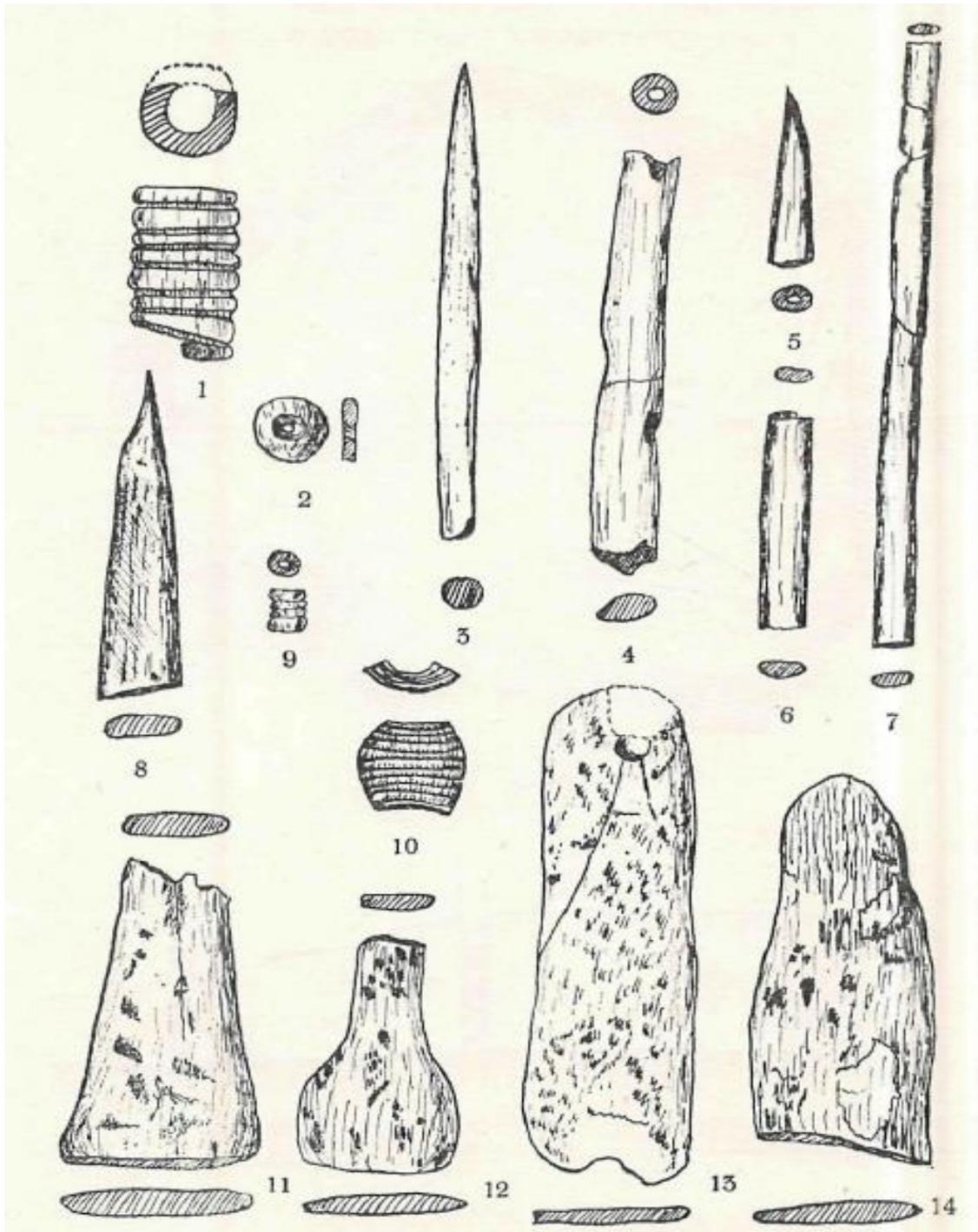


Fig. 15 – Instrumentos em osso e de adorno: 1, cabeça de alfinete para cabelo (osso); 3, 5, 6, 7 – corpos de alfinete de osso; 2, 9, 10, contas de colar; 4, cabo de osso; 11, 12, cabeças espatuladas de alfinete para cabelo em osso; 13, 14, placas de osso [peças em 1/1] (In: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.52).

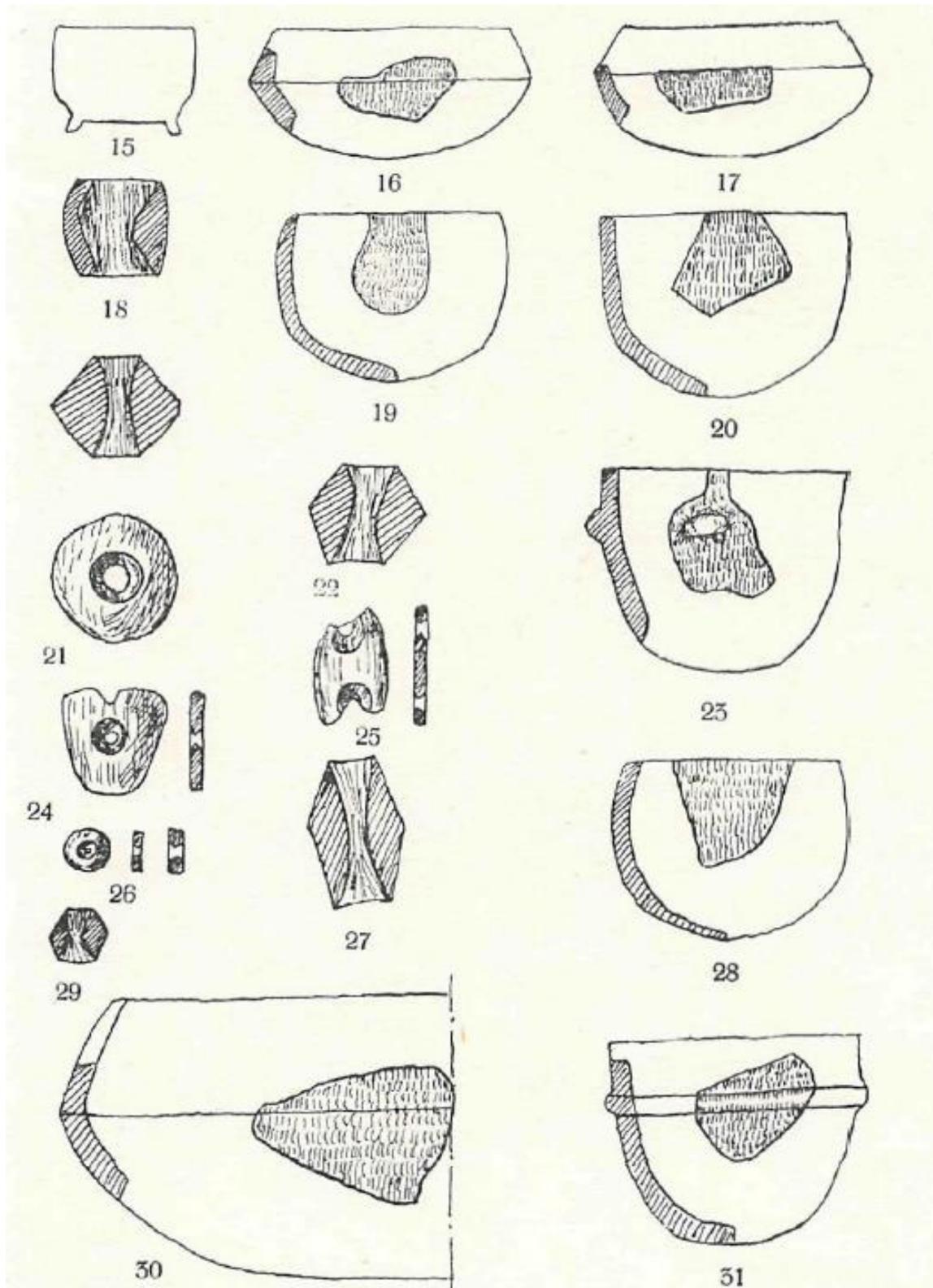


Fig. 16 – Cerâmicas e algumas contas de colar: 15, 16, 17, 19, 20, 23, 28, 30, 31, tipos de cerâmica reconstituído em desenho; 18, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, contas de colar de diversas matérias [contas em 1/1 e cerâmicas 1/4] (In: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.53).

3. SOURE

3.1 Monumento da Casa da Moura

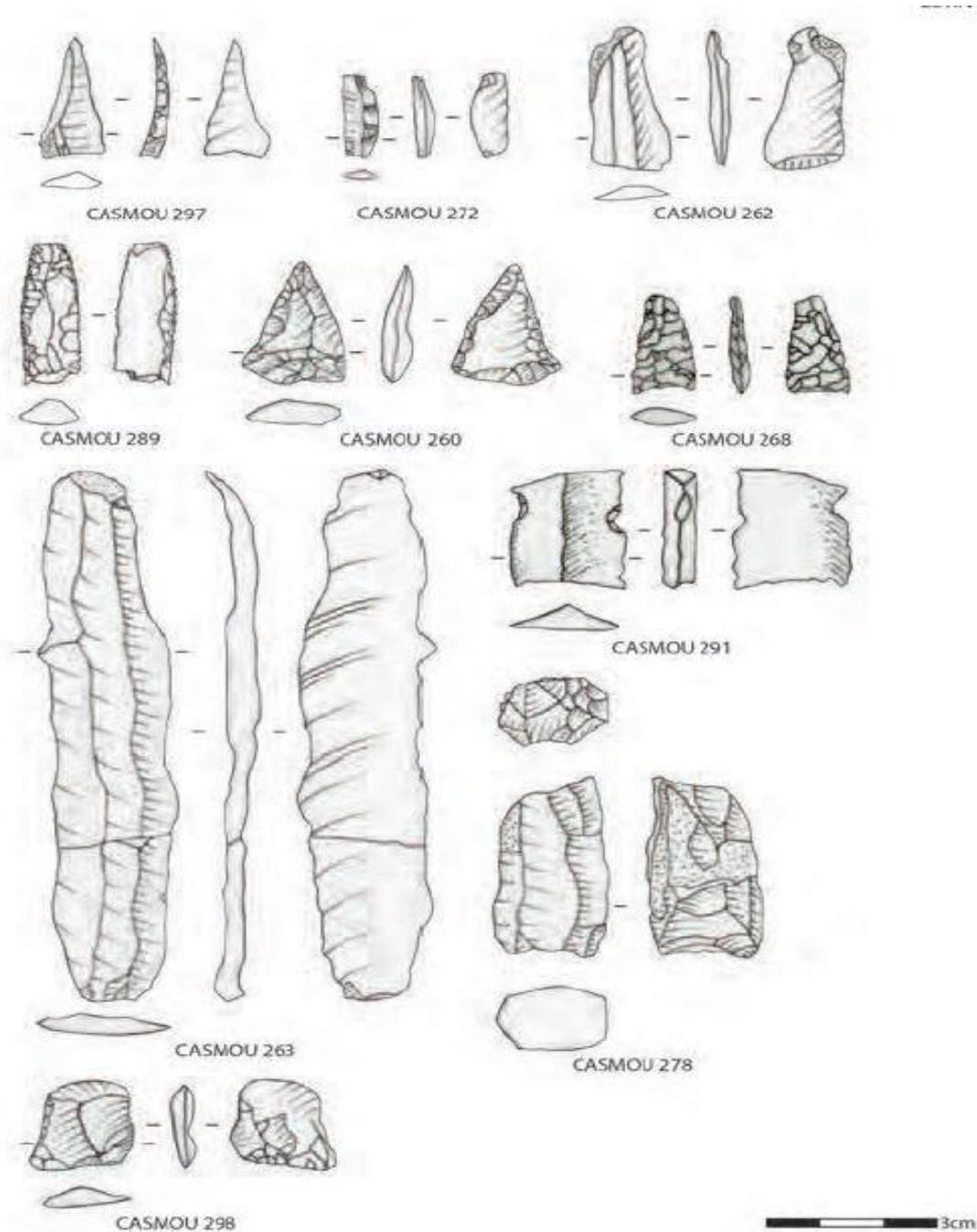


Fig. 17 – Desenho arqueológico de algumas das peças (10) do espólio recolhido no monumento (*In*: ROCHA, *et al.*, 2018, p.275).

ANEXO 4: ESTAMPAS

- Anta I do Rego da Murta (Alvaiázere)



Est. I – Vista sudeste do monumento durante o processo de escavação; presença de diferentes elementos arquitetónicos do monumento (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.164).



Est. II – Vista de topo sobre o corredor. Presença de esteios tombados, resquícios de um pequeno alinhamento pétreo final, no lado direito, e outro, no lado esquerdo, que possui, na parte final, duas pequenas lajes muito finas (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.164).



Est. III – Imagem de pormenor de contrafortagem do esteio. Observada no interior (zona do corredor) (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.165).



Est. IV – Monumento após finalização dos trabalhos de conservação (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.249).



Est. V – Estado de conservação do monumento ao momento atual (Foto da autora).



Est. VI – Espólio lítico da anta I: 1- goiva em pedra polida; 2 - machado em pedra polida (Imagens cedidas por Alexandra Figueiredo).

Anta II do Rego da Murta (Alvaiázere)

Est. VII – Vista Oeste do monumento em 2004, no decorrer dos trabalhos arqueológicos (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.319).



Est. VIII – Imagem do corte sul-norte da zona do corredor do monumento (*In*: FIGUEIREDO, 2006, Vol.2, p.253).

- Dólmen de Fonte Santa (Ansião)

Est. IX - Fotografia atual: Localização e caminho de acesso ao local onde foi identificado o monumento de Fonte Santa, na Travessa da Fonte Santa (Foto da autora).



Est. X - Fotografia atual: Zona de entrada para o terreno onde se localizaria o monumento (Foto da autora).



Est. XI – Fotografia atual da propriedade onde foi identificado o monumento megalítico de Fonte Santa, atualmente apresenta-se com ocupação florestal e densa vegetação (Foto da autora).

(Est IX, X e XI – Fotografias retiradas no local do monumento de Fonte Santa com base nas coordenadas geográficas obtidas no Portal do Arqueólogo, CNS 18211 – coordenadas referidas no ponto 5.2.1).

- Dólmen Quinta das Lagoas (Ansião)

Est. XII – Placa de arenito proveniente do monumento da Quinta das Lagoas. (*In*: VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008, p.45)



Est. XIII – Fotografia atual do local de achado do monumento - observa-se a destruição de parte da zona que ocuparia o portão de entrada para a quinta, no qual foram recolhidos os achados ao realizar o levantamento dos alicerces (Foto da autora).

(Est. XIII – Fotografias retiradas no local do monumento de Quinta das Lagoas com base nas coordenadas geográficas obtidas no Portal do Arqueólogo, CNS 18217 – coordenadas citadas no ponto 5.2.2)

- Alto da Pisca (Ansião)

Est. XIV – Rua principal de acesso ao terreno onde se localizaria a sepultura(?) do Alto da Pisca. O acesso ao terreno encontra-se à direita desta rua numa zona de vale junto de um terreno baldio (Foto da autora).



Est. XV – Fotografia atual do terreno onde foram identificados os vestígios arqueológicos. Terreno lavrado com plantação de oliveiras e vinhas (Foto da autora).

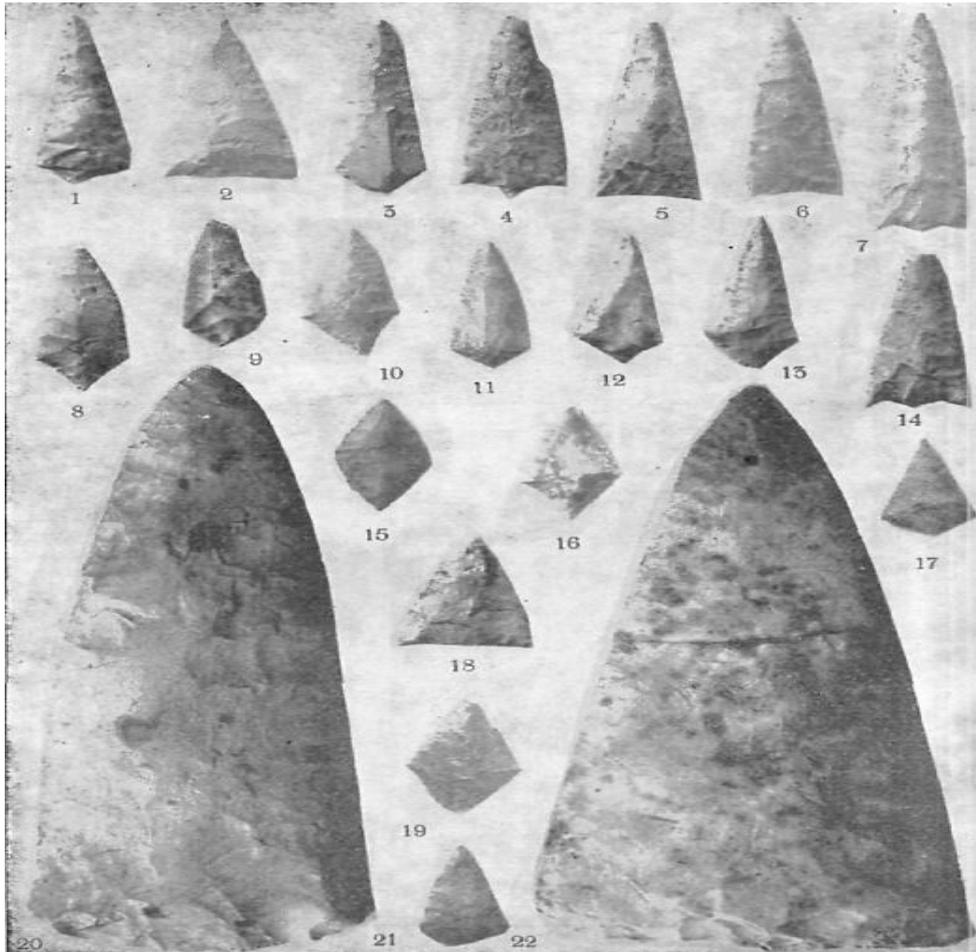
(Est. XIV e XV – Fotografias retiradas no sítio do Alto da Pisca com base nas coordenadas geográficas obtidas no Portal do Arqueólogo, CNS 19158 – coordenadas citadas no ponto 5.2.3)

- Alto da Feteira (Pombal)

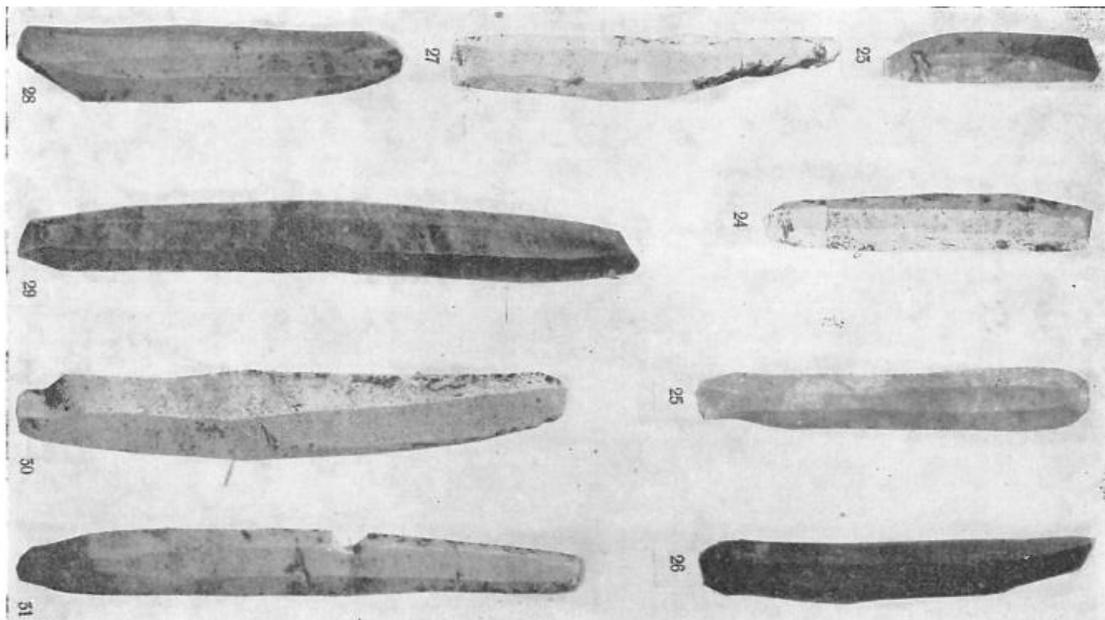
Est. XVI – Vista do monumento, onde se observam os esteios inbricados no lado esquerdo (*In*: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.54).



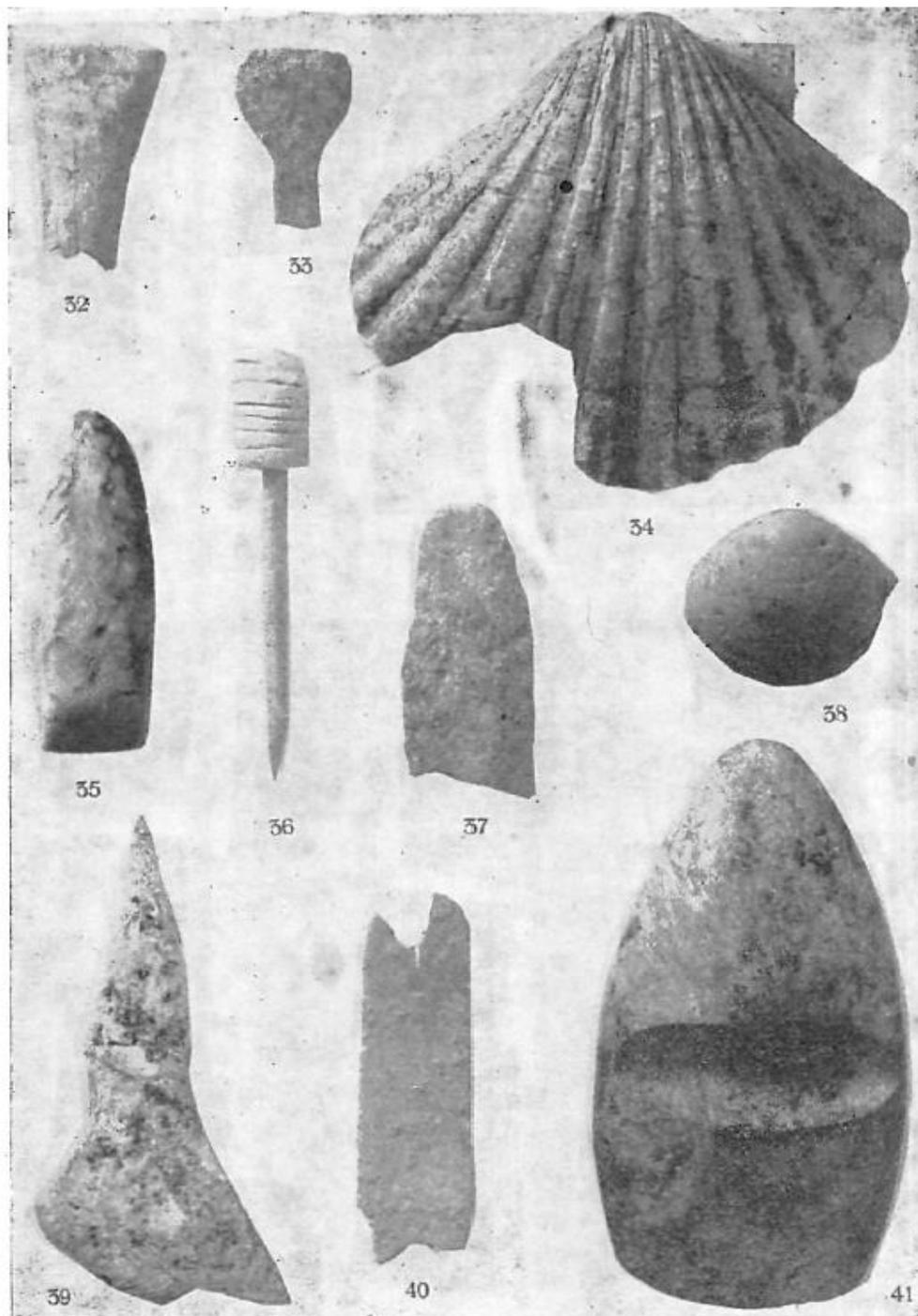
Est. XVII – Vista do monumento finda a exploração (*In*: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.54).



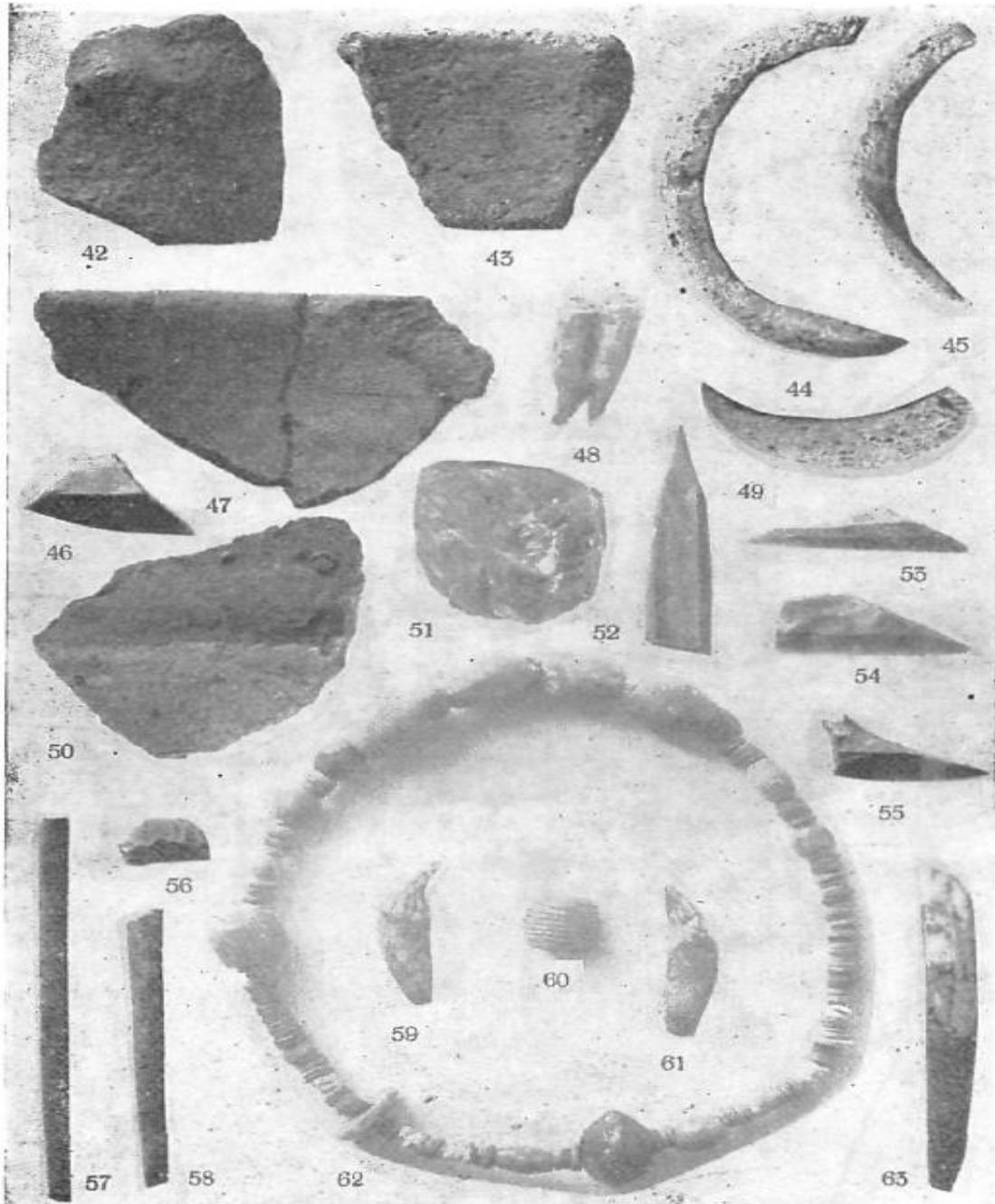
Est. XVIII – Pontas de seta de diversos tipos, em sílex (1-19 e 21); Alabardas de sílex (20 e 22) (*In*: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.55)



Est. XIX – Lâminas de sílex (*In*: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.56).



Est. XX – Objetos de adorno: 32, 33, 36 – alfinetes de cabelo (duas cabeças espatuladas e uma com sulcos); 34 e 38 – conchas; 35 – machadinho de fibrolite; 37 e 40 – placas de osso; 39 – furador de osso; 41 – machado de fibrolite com chanfra para encabamento (*In*: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.57).



Est. XXI – Outros artefactos: fragmentos de cerâmica (42, 43, 47, 50); braceletes em concha (44, 45); micrólitos (46, 53, 54, 55, 56); furador (61); núcleo de quartzo (51); corpos de alfinete para cabelo, em osso (57 e 58); restos faunísticos, dentes (59, 61, 48, 63); conta de colar, em quartzo (60); colar de contas de diversos materiais (62) (*In*: CASTRO & FERREIRA, 1969, p.58)



Est. XXII - Trilho da Arroteia: caminho pedestre através do qual se acede à propriedade onde se encontram os vestígios do monumento (Foto da autora).



Est. XXIII – Vestígios do monumento atualmente destruído: alguns possíveis esteios empilhados com outro material pétreo num dos limites da propriedade que ocupam (Foto da autora).



Est. XXIV – Possível esteio do monumento, isolado, localizado alguns metros acima dos vestígios anteriores, empilhados (Foto da autora).



Est. XXV – Área do terreno que ocuparia o monumento megalítico. Zona limpa da propriedade, a meia encosta, onde se visualizam alguns pinheiros mansos. Lajes empilhadas a cerca de 50 metros a sudoeste deste local (Foto da autora).

(Est. XXII a XXV – Fotografias retiradas no local do monumento do Alto da Feteira com base nas coordenadas geográficas fornecidas pelo Grupo de Protecção Sicó – coordenadas citadas no ponto 5.4.1)

- Alto da Carrasqueira (Pombal)



Est. XXVI – Vista sudoeste do monumento megalítico ao momento atual (Foto da autora).



Est. XXVII – Vista noroeste do monumento megalítico: visível área da câmara e do corredor (Foto da autora).



Est. XXVIII – Vista superior da área da câmara (Foto da autora).



Est. XXIX – Vista superior de pormenor dos esteios da área cameral (Foto da autora).



Est. XXX – Fotografia retirada ao momento da intervenção de consolidação em 2012: vista dos barrotes de suporte dos esteios e da brita colocada a cobrir o piso, na câmara funerária da Anta (ROCHA, 2012, p.7).



Est. XXXI – Fotografia retirada ao momento da intervenção de consolidação em 2012: vista dos barrotes de suporte dos esteios e dos colocados na lateral da câmara funerária; é ainda visível a brita colocada no piso e parte do plástico colocado na cabeceira (ROCHA, 2012, p.7).



Est. XXXII – Fotografia do afloramento calcário de assentamento do monumento (Foto da autora).



Est. XXXIII – Pormenor da bancada de afloramento calcário (Foto da autora).



Est. XXXIV – Antiga pedreira (explorada de modo artesanal) localizada nas imediações do monumento megalítico da Carrasqueira (Foto da autora).

(Est. XXVI a XXIX e XXXII a XXXIV– Fotografias retiradas no local do monumento do Alto da Carrasqueira com base nas coordenadas geográficas fornecidas pelo Grupo de Protecção Sicó – coordenadas citadas no ponto 5.4.2)

- Anta da Casa da Moura (Soure)

Est. XXXV – Vista do monumento ao momento de início de escavação (*In: SILVA, et al., 2017, p.527*).



Est. XXXVI – Vista do monumento durante processo de escavação; quadrícula D1 (*In: SILVA, et al., 2017, p.527*).



Est. XXXVII - Aspeto atual do monumento da Anta da Casa da Moura rodeada de uma densa vegetação (Foto da autora).



Est. XXXVIII – Vista noroeste do grande esteio de cabeceira e área da câmara (Foto da autora).

(Est XXXVII e XXXVIII – Fotografias retiradas no local do monumento da Casa da Moura com base em informações do Portal do Arqueólogo, coordenadas retiradas na visita ao local e citadas no ponto 5.5)



Est. XXXIX – Conjunto de pontas de seta produzidas com materiais siliciosos encontradas no monumento da Casa da Anta (*In: SILVA, et al., 2017, p.528*).



Est. XL – Conjunto de utensílios em pedra lascada em várias matérias-primas (*In: ROCHA, et al., 2018, p.271*).



Est. XLI – Machados em pedra polida: 1- em rocha anfibólica; 2- em rocha meta-sedimentar (*In: ROCHA, et al., 2018, p.272*).



Est. XLII – Conjunto de objetos de adorno: contas de colar, lagomorfo (pedra verde) e alfinete da cabeça (xisto) (*In: ROCHA, et al., 2018, p.272*).



Est. XLIII – Conjunto das contas de colar em várias matérias-primas (*In: SILVA, et al., 2017, p.528*).

ANEXO 5:

Tabela 1. Sintetização dos dados sobre os monumentos megalíticos de Sicó

Designação	Coordenadas geográficas (WGS 84)	Freguesia, Concelho, Distrito	Altitude (m)	Orientação monumento	Unidade geológica
Anta I do Rego da Murta	39.765558, -8.368033	Pussos São Pedro, Alvaiázere, Leiria	214 m	Sudeste	Grupo de Coimbra
Anta II do Rego da Murta	39.763397, -8.367676	Pussos São Pedro, Alvaiázere, Leiria	208 m	Sudeste	Grupo de Coimbra
Fonte Santa	39.927428, -8.437651	Ansião, Ansião, Leiria	218 m	---	---
Quinta das Lagoas	39.923244, -8.439843	Ansião, Ansião, Leiria	206 m	---	---
Alto da Pisca	39.931981, -8.435905	Ansião, Ansião, Leiria	217 m	---	---
Dólmen do Laço	39.938639, -8.379667	Cumieira, Penela, Coimbra	297 m	---	---
Cabeço de Ante	39.946620, -8.386160	Cumieira, Penela, Coimbra	300 m	---	---
Alto da Feteira	39.897817, -8.587550	Pombal, Pombal, Leiria	180 m	---	Camadas de Montejunto e de Cabaços
Alto da Carrasqueira	39.901950, -8.582483	Pombal, Pombal, Leiria	218 m	Sudeste- Este	Camadas de Montejunto e de Cabaços
Anta da Casa da Moura	40.010770, -8.466400	Degracias e Pombalinho, Soure, Coimbra	280 m	Este- Sudeste ?	Camadas de S. Gião, Lemedede e Vale das Fontes

Tabela 2. Toponímia associada a monumentos megalíticos (*In: VIEIRA, 2016, p.90*)

Altar	Anta	Antar	Antela	Antinha
Antões	Arca	Arcainha	Arcal	Arcanha
Arcêlo	Arquinha	Casa de Orca	Casa da Moura	Casa dos Mouros
Casinha dos Mouros	Celeiro dos Mouros	Cova da Moura	Cova dos Mouros	Curral dos Mouros
Fornelo dos Mouros	Forno dos Mouros	Lapa de Orca	Lapa dos Mouros	Madôrra
Madorrão	Madorrinha	Mama (?)	Mamaltar	Mamela
Mámoa	Mâmoa	Mamoa	Mamoalta	Mamoaltar
Mamodeiro	Mamoela	Mamoiro	Mâmola	Mamona
Mamoinha	Mamuínha	Mamunha	Marco	Maroiço
Marouça	Marra	Medorra	Meimão	Meimoa
Merouço	Mesa dos Mouros	Modorno	Modorra	Mogo
Montilhão	Morouço	Motas dos Mouros	Nave	Orca
Padrão	Pala	Pala da Moura	Palorca	Paradanta
Pedra Alçada	Pedra Celada	Pedra de Altar	Pedra da Arca	Pedra de Orca
Pedra dos Mouros	Pedra Fitada	Pedras Fincadas	Pedralta	Pedras Talhas
Pedras Tanchadas	Penedo da Moura	Penedos Altos	Penedos das Antas	Penedos de Arcas
Perafita	Tumbidoiro	Tulha	Tumbe	Tumbeirinho

Tabela 3. Fabrico de materiais líticos dos monumentos de Sicó – matérias-primas empregues⁵²

Materiais de origem local/regional	Materiais exógenos
Calcário	Anfibolito
Quartzito	Anidrite
Sílex	Arenito
	Azeviche
	Calcite
	Esteatite
	Fibrolite
	Quartzo
	Variscite
	Xisto

⁵² Ainda que façam presença, nos vários contextos, matérias-primas de origem exógena, são os materiais de origem local/regional que apresentam maior predominância no fabrico de utensilagem (nomeadamente em sílex).

Tabela 4. Matérias-primas utilizadas em utensílios por monumento megalítico (locais/regionais)

Monumentos megalíticos	Matérias-primas regionais		
	Calcário	Sílex	Quartzito
Anta I do Rego da Murta		x	x
Anta II do Rego da Murta		x	x
Fonte Santa		x	
Quinta das Lagoas		x	
Alto da Pisca		x	
Alto da Feteira	x	x	
Alto da Carrasqueira ⁵³		x	
Anta da Casa da Moura	x	x	

Tabela 5. Matérias-primas utilizadas em utensílios por monumento megalítico (exógenas)

Monumentos megalíticos	Matéria-prima dos utensílios (Exógenos)									
	Anfibolito	Variscite	Arenito	Calcite	Fibrolite	Azeviche	Anidrite	Esteatite	Xisto	Quartzo
Anta I do Rego da Murta	x								x	x
Anta II do Rego da Murta	x	x				x	x	x	x	x
Fonte Santa									x	
Quinta das Lagoas			x						x	
Alto da Pisca		x								x
Alto da Feteira	x		x	x	x	x				x
Alto da Carrasqueira										
Anta da Casa da Moura									x	x

⁵³ Não é feita referência, nas fontes consultadas, a matérias-primas exógenas utilizadas na produção dos materiais líticos, pelo que a única informação disponível compreende a utilização do sílex local.

ANEXO 6: FICHAS DE CAMPO

A realização destas cinco fichas de campo atenderam, na escolha dos discriminadores, aos critérios de enquadramento administrativo, para localização dos 5 sítios/monumentos megalíticos em análise, tendo sido feita referência a um enquadramento cartográfico (Carta Militar Portuguesa 1:25 000 e Carta Geológica 1:50 000) da geografia e geologia dos locais visitados.

Como qualquer ficha de sítio coloquei, também, denominadores que contêm o código nacional de sítio, o período cronológico, a zona topográfica de implantação dos monumentos, o uso atual do solo, bem como, o estado de conservação e possíveis ameaças.

Optei, ademais, por colocar um discriminador sobre a data das visitas de modo a definir temporalmente a data da visita(s) aos locais, função da qual se obteve a perceção descrita sobre os vestígios atualmente existentes (explicitados no campos estruturas observáveis e descrição atual do sítio).

Tendo as visitas a campo o propósito de, não só, avaliar o estado de conservação dos monumentos e identificar as estruturas observáveis, mas também definir tipos de materiais de construção utilizados e possíveis áreas de obtenção dessas matérias, foram criados campos para descrição do material de construção utilizado, subdivido segundo as duas partes que compõem os monumentos megalíticos (câmara e corredor), sendo na área da câmara, feita uma distinção relativamente ao esteio de cabeceira, no sentido de perceber se seria de material semelhante ou distinto dos restantes ortóstatos. O campo dos afloramentos circundantes (definido por um raio de distância de até 2km) pretendia enquadrar a posição dos monumentos megalíticos face à presença frequente ou pouco frequente de áreas possíveis de extração da matéria-prima necessária.

No discriminador da bibliografia são feitas referências aos trabalhos mais importantes sobre os locais e/ou os mais recentes.

Ficha 1: Anta I do Rego da Murta (Alvaiázere)

DESIGNAÇÃO: Anta I do Rego da Murta		
CÓDIGO NACIONAL SÍTIO (CNS): 11463		
COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 39.765558, -8.368033	CMP(1:25 000): Folha 287 (Alvaiázere)	CARTA GEOLÓGICA (1:50 000): (área não representada nesta escala)
ALTITUDE (m): 214 m		
DISTRITO: Leiria	CONCELHO: Alvaiázere	FREGUESIA: Pussos São Pedro
LUGAR: Aldeia do Ramalhal		
DATA DA VISITA(S): 26/11/2022		
ACESSO: O acesso faz-se pela estrada nacional n.º 348 que vem de Tomar para Alvaiázere, virando-se posteriormente à direita no local onde a Ribeira da Murta cruza com a estrada. O local está identificado como “Complexo Megalítico do Rego da Murta”. Iniciando o percurso pelo complexo percorre-se cerca de 2 km até ao monumento megalítico.		
PERÍODO CRONOLÓGICO: Neolítico final ou Calcolítico inicial		
ZONA DE IMPLANTAÇÃO: Zona plana		
USO DO SOLO: Florestal		
ESTRUTURAS OBSERVÁVEIS: Esteios do monumento		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Conservado		
AMEAÇAS: Não apresenta ameaças		
DESCRIÇÃO ATUAL DO SÍTIO: Espaço envolvente corresponde a uma área aplanada, no lado direito da ribeira do Rego da Murta. Monumento em bom estado de conservação, preservando todos os esteios da câmara e corredor. Ao nível do seu estado de preservação, não evidencia grandes alterações desde o momento de consolidação do monumento, ocorrido em 2004, em que foram colocados os esteios na vertical e feita a reconstrução do corredor. A mamoa demonstra-se pouco expressiva. Não apresenta vestígios materiais na área circundante.		

MATERIAL CONSTRUÇÃO:	
MAMOA	
Mamoas pouco expressivas sem material de construção visível.	
ÁREA CORREDOR	
ESTEIOS (NORTE):	ESTEIOS (SUL):
Calcário dolomítico.	Calcário dolomítico.
ÁREA CÂMARA	
Calcário dolomítico. Espessuras a rondar os 40 cm.	
ESTEIO DE CABECEIRA: Calcário dolomítico. Espessura de 40 cm.	
AFLORAMENTOS GEOLÓGICOS NA ÁREA CIRCUNDANTE	
FREQÜENTES <input type="checkbox"/> POUCO FREQÜENTES <input checked="" type="checkbox"/>	
MATERIAL: Calcário dolomítico.	
OBS: Não são frequentes os afloramentos dado o assentamento do complexo na área aplanada da camada de aluvião da ribeira do Rego da Murta. Afloramentos a 1-2km.	
BIBLIOGRAFIA:	
Figueiredo, A. (2006). Complexo megalítico de Rego da Murta (Rego da Murta, Alvaiázere) no contexto da Pré-história Recente do Alto Ribatejo (VII milénio a.C.) – Problemáticas e Interrogações. Vol. I e II. (Doctoral dissertation, Instituto politécnico de Tomar, Portugal).	
Figueiredo, A. (2021). As Primeiras Arquiteturas no Centro de Portugal - O Caso do Complexo Megalítico de Rego da Murta. Projeto Medice: Memórias, dinâmicas e cenários da Pré-história à Época Clássica. Instituto Politécnico de Tomar. FCT. Museu Municipal de Alvaiázere.	

Ficha 2: Monumento do Alto da Feteira (Pombal)

DESIGNAÇÃO: Alto da Feteira		
CÓDIGO NACIONAL SÍTIO (CNS): 3024		
COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 39.897817, -8.587550	CMP(1:25 000): Folha 274 (Pombal)	CARTA GEOLÓGICA (1:50 000): Folha 23-A (Pombal)
ALTITUDE (m): 108 m		
DISTRITO: Leiria	CONCELHO: Pombal	FREGUESIA: Pombal
LUGAR: Povoação de Arroiteia		
DATA DA VISITA(S): 21/08/2022		
ACESSO: O acesso faz-se pelo lado esquerdo do IC8 (sentido Ansião-Pombal), ao Km 47. Nas imediações da estrada encontra-se um caminho de acesso à propriedade onde terá existido o monumento. O acesso à propriedade é realizado por um caminho de terra batida marcado como “Trilho da Arroiteia”, percorre-se, aproximadamente, 1 quilómetro, em linha reta, até à propriedade.		
PERÍODO CRONOLÓGICO: Neolítico final ou Calcolítico inicial		
ZONA DE IMPLANTAÇÃO: Meia encosta		
USO DO SOLO: Agrícola/Florestal		
ESTRUTURAS OBSERVÁVEIS: Sem estruturas observáveis.		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Destruído		
AMEAÇAS: Não aplicável.		
DESCRIÇÃO ATUAL DO SÍTIO: Na propriedade onde se implantaria o monumento do Alto da Feteira é possível identificar-se um conjunto de material pétreo, empilhado num dos limites da propriedade. Verifica-se, também, a presença, de outros blocos calcários dispersos pelo terreno, geralmente isolados. Deste material poderá fazer parte alguns dos esteios do antigo monumento - destruído há cerca de 30-40 anos para construção de uma vinha. Não é possível definir quais destes serão antigos ortóstatos do monumento megalítico dada a forma como o material se encontra disposto.		

MATERIAL CONSTRUÇÃO:	
MAMOA	
Não existem vestígios.	
ÁREA CORREDOR	
ESTEIOS (NORTE):	ESTEIOS (SUL):
-----	----
ÁREA CÂMARA	

ESTEIO DE CABECEIRA: ----	
AFLORAMENTOS GEOLÓGICOS NA ÁREA CIRCUNDANTE	
FREQUENTES <input checked="" type="checkbox"/>	POUCO FREQUENTES <input type="checkbox"/>
MATERIAL: Calcário margoso.	
OBS: Afloramento com fratura a cerca de 1km.	
BIBLIOGRAFIA:	
Castro, L. A. & Ferreira, O. (1969). O monumento megalítico do Alto da Feteira (Pombal). Caesaraugusta, 33(34). 41-53.	

FOTOGRAFIAS:



Legenda:

- 1-Trilho de acesso ao monumento.
- 2-Conjunto de lajes calcárias empilhadas no limite do terreno.
- 3-Material rochoso existente a 20 m a este do conjunto 2.
- 4-Bloco de calcário isolado.

Ficha 3: Monumento do Alto da Carrasqueira (Pombal)

DESIGNAÇÃO: Alto da Carrasqueira		
CÓDIGO NACIONAL SÍTIO (CNS): 3026		
COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 39.901090, -8.582483	CMP(1:25 000): Folha 274 (Pombal)	CARTA GEOLÓGICA (1:50 000): Folha 23-A (Pombal)
ALTITUDE (m): 218 m		
DISTRITO: Leiria	CONCELHO: Pombal	FREGUESIA: Pombal
LUGAR: Aldeia de Pombalinho		
DATA DA VISITA(S): 21/08/2022 e 26/11/2022		
ACESSO: Na aldeia de Arroiteia, localizada a 8 km de Pombal, inicia-se o percurso por de trás da capela da povoação, na rua do Barroco. Acesso feito por caminho de terra com início entre duas casas na referida rua. Percorrer cerca de 1,5 km em trilho até chegar próximo de uma antiga pedreira, junto desta encontra-se um trilho, por entre a vegetação, que dá acesso ao monumento, a cerca de 200 m.		
PERÍODO CRONOLÓGICO: Neolítico final ou Calcolítico inicial		
ZONA DE IMPLANTAÇÃO: Planalto		
USO DO SOLO: Florestal		
ESTRUTURAS OBSERVÁVEIS: Esteios do monumento e mamoa		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Destruído		
AMEAÇAS: Área florestal em redor do monumento e apodrecimento das traves de madeira.		
DESCRIÇÃO ATUAL DO SÍTIO: O monumento encontra-se, atualmente, conservado. O monumento está consolidado, sendo possível distinguir-se, perfeitamente, a área da câmara e a zona do corredor. A câmara possui 8 esteios, faltando-lhe o esteio de cabeceira, cujo espaço se encontra preenchido por uma caixa em brita. O corredor apresenta 3 esteios do lado norte e 3 esteios do lado sul. Para consolidação do monumento foram colocados barrotes de madeira para travamento e suporte dos esteios. É visível, à entrada do corredor, bem como, na zona da mamoa, a manta de geotêxtil colocada na intervenção de 2012		

MATERIAL CONSTRUÇÃO:	
MAMOA	
Mamoas pouco expressivas com alguns vestígios de material de construção. Rochas de calcário margoso local.	
ÁREA CORREDOR	
ESTEIOS (NORTE):	ESTEIOS (SUL):
Esteios de calcário margoso local. Espessuras dos esteios: três esteios com 25-30 cm.	Esteios de calcário margoso local. Espessura dos esteios: três esteios com 25-30 cm e um esteio com 45 cm.
ÁREA CÂMARA	
Esteios de calcário margoso local. Irregularidade nas dimensões dos esteios: alguns (6) apresentam-se mais alongados e menos espessos (cerca de 2 m de largura e 25-30 cm de espessura) e outros (2) apresentam-se mais estreitos e mais espessos (cerca de 80 cm de largura e 45-50 cm de espessura).	
ESTEIO DE CABECEIRA: Não apresenta esteio(s) de cabeceira.	
AFLORAMENTOS GEOLÓGICOS NA ÁREA CIRCUNDANTE	
FREQÜENTES <input checked="" type="checkbox"/> POUCO FREQÜENTES <input type="checkbox"/>	
MATERIAL: Calcários margosos.	
OBS: Grande disponibilidade de matéria-prima na área envolvente ao monumento (num raio de poucas centenas de metros). Constatou-se que o material utilizado para construção do monumento terá sido extraído do afloramento localizado a 10 m a sudoeste do esteio de cabeceira. Afloramento com as mesmas características do material utilizado para edificação dos esteios do monumento.	
BIBLIOGRAFIA:	
Castro, L. A. & Ferreira, O. (1969). O monumento megalítico do Alto da Feteira (Pombal). <i>Caesaraugusta</i> , 33(34). 41-53.	

FOTOGRAFIAS:**Legenda:**

1-Vista oeste do monumento – câmara.

2-Vista sudeste do monumento – corredor.

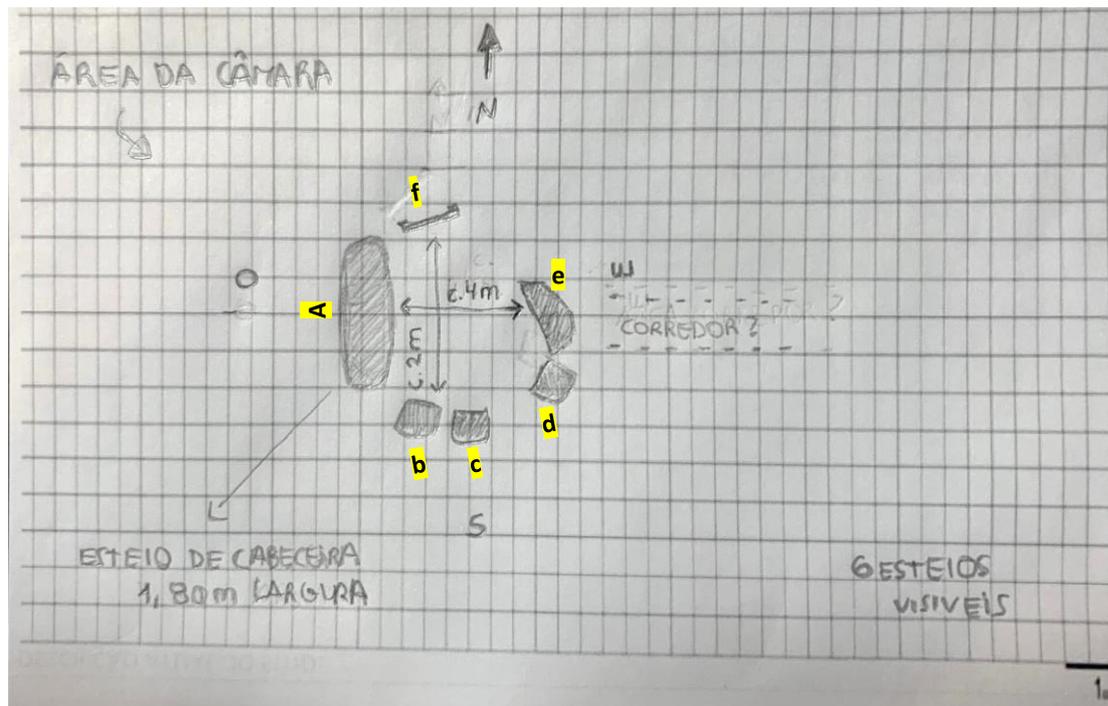
3-Afloramento rochoso localizado a 10 m sudoeste do esteio de cabeceira.

4-Espessura da camada

Ficha 4: Anta da Casa da Moura

DESIGNAÇÃO: Casa da Moura		
CÓDIGO NACIONAL SÍTIO (CNS): 16793		
COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 40.010770, -8.466400	CMP(1:25 000): Folha 263 (Espinhal)	CARTA GEOLÓGICA (1:50 000): (área não representada nesta escala)
ALTITUDE (m): 280m		
DISTRITO: Coimbra	CONCELHO: Soure	FREGUESIA: Degracias e Pombalinho
LUGAR: Aldeia de Pombalinho		
DATA DA VISITA(S): 24/09/2022		
ACESSO: O acesso faz-se pela rua da Fonte Nova na aldeia de Pombalinho, que se localiza nas proximidades do Pelourinho do Pombalinho. Entrando no caminho pedestre da rua da Fonte Nova são percorridos cerca de 100 metros até encontrar várias entradas para terrenos à direita, a entrada correta é a terceira, continuando sempre em frente o eucaliptal onde se localiza o monumento é à esquerda. Totalizam cerca de 200-300 metros desde o ponto de partida, o Pelourinho.		
PERÍODO CRONOLÓGICO: Neolítico final ou Calcolítico inicial		
ZONA DE IMPLANTAÇÃO: Planalto		
USO DO SOLO: Florestal		
ESTRUTURAS OBSERVÁVEIS: Seis esteios		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Parcialmente destruído		
AMEAÇAS: Eucaliptal		
DESCRIÇÃO ATUAL DO SÍTIO: Terreno florestal ocupado por eucaliptal e densa vegetação (silvado, entre outros) impedindo a clara perceção dos vestígios do monumento megalítico. Observa-se, por entre a densa vegetação, seis esteios. Um destes, o de cabeceira (A), demonstra maior notoriedade no contexto (dadas as suas grandes dimensões, medindo cerca de 1.80 metros de largura); outros dois, de menores dimensões (b e c), encontram-se no lado sul; outro, no lado norte (f), que não ultrapassa o nível do terreno, está adjacente ao esteio de cabeceiro; no lado este-sudeste encontram-se outros dois esteios (d, e), um no alinhamento dos esteios do lado sul (d) e outro que se encontra fora do alinhamento (e) (de dimensões e formato distinto dos restantes). Na área dos dois esteios localizados a este-sudeste, dada a presença de um esteio de características morfológicas distintas dos anteriores (e), bem como, pelo seu desalinhamento com os restantes e pela sua posição, este poderia fazer parte da área de ligação câmara-corredor.		

ESBOÇO DA AUTORA REALIZADO NO DIA 24/09/2022



MATERIAL CONSTRUÇÃO:

MAMOA

Mamoia pouco expressiva sem material de construção visível.

ÁREA CORREDOR

ESTEIOS (NORTE):

Sem esteios visíveis.

ESTEIOS (SUL):

Sem esteios visíveis.

ÁREA CÂMARA

Quatro/cinco esteios em calcário margoso. Espessuras entre os 30-45 cm.

ESTEIO DE CABECEIRA: Calcário margoso. Espessura de 50 cm.

AFLORAMENTOS GEOLÓGICOS NA ÁREA CIRCUNDANTE

FREQUENTES POUCO FREQUENTES

MATERIAL: Calcário margoso.

OBS: Afloramentos de superfície.

BIBLIOGRAFIA:

Silva, F., Monteiro, A., Branco, G., & Rocha, L. (2017). **Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no Maciço Calcário de Sicó**. Arqueologia em Portugal – 2017 Estado da Questão. AAP (Associação dos Arqueólogos Portugueses), Lisboa. 519-528.

FOTOGRAFIAS:**Legenda:**

- 1-Pelourinho do Pombalinho (ponto de referência).
- 2-Entrada da Rua da Fonte Nova, à direita do Pelourinho.
- 3-Placa da Rua da Fonte Nova – início do acesso.
- 4-Entrada do terreno onde se encontra o monumento.
- 5-Aspeto atual do monumento da Casa da Moura.

Ficha de campo 5: Anta da Casa da Moura 2 ?

DESIGNAÇÃO: Casa da Moura 2 (?)		
CÓDIGO NACIONAL SÍTIO (CNS): ----		
COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 40.01026, -8.46534 ALTITUDE (m): 260m	CMP(1:25 000): Folha 263 (Espinhal)	CARTA GEOLÓGICA (1:50 000): (área não representada nesta escala)
DISTRITO: Coimbra	CONCELHO: Soure	FREGUESIA: Degracias e Pombalinho
LUGAR: Aldeia de Pombalinho		
DATA DA VISITA(S): 24/09/2022		
ACESSO: O acesso faz-se pela rua da Fonte Nova na aldeia de Pombalinho, que se localiza nas proximidades do Pelourinho do Pombalinho. Entrando no caminho pedestre da rua da Fonte Nova são percorridos cerca de 100 metros até encontrar várias entradas para terrenos à direita, a entrada correta é a quarta, continuando sempre em frente os eventuais vestígios do monumento localizam-se à esquerda num terreno de encosta.		
PERÍODO CRONOLÓGICO: ----		
ZONA DE IMPLANTAÇÃO: Zona de meia encosta no limite com área de vale; Implantação com bacia de visão para a Serra do Rabaçal, a norte.		
USO DO SOLO: Florestal		
ESTRUTURAS OBSERVÁVEIS: Sem estruturas observáveis.		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Destruído		
AMEAÇAS: ----		
DESCRIÇÃO ATUAL DO SÍTIO: Num terreno baldio, localizado numa encosta, encontra-se disperso algum material pétreo de grandes dimensões com formato e características semelhantes aos esteios de um monumento megalítico. De entre o material disposto à superfície no terreno contam-se cerca de cinco ou seis blocos com tais características. O material rochoso apresenta-se disposto em três conjuntos composto por 3 ou 4 placas sobrepostas entre si. Referência à existência deste material nos registos sobre a escavação da Anta da Casa da Moura, localizada a cerca de 200 metros desta.		

MATERIAL CONSTRUÇÃO:	
MAMOA	

ÁREA CORREDOR	
<i>ESTEIOS (NORTE):</i>	<i>ESTEIOS (SUL):</i>
-----	-----
ÁREA CÂMARA	

<i>ESTEIO DE CABECEIRA: -----</i>	
AFLORAMENTOS GEOLÓGICOS NA ÁREA CIRCUNDANTE	
FREQUENTES <input checked="" type="checkbox"/>	POUCO FREQUENTES <input type="checkbox"/>
MATERIAL: Calcário margoso.	
OBS:	
BIBLIOGRAFIA: -----	

FOTOGRAFIAS:



Legenda:

- 1-Material pétreo disponível no terreno;
- 2-Vista do terreno e das placas dispostas à superfície;
- 3-Bacia de visão do local para a Serra do Rabaçal.

